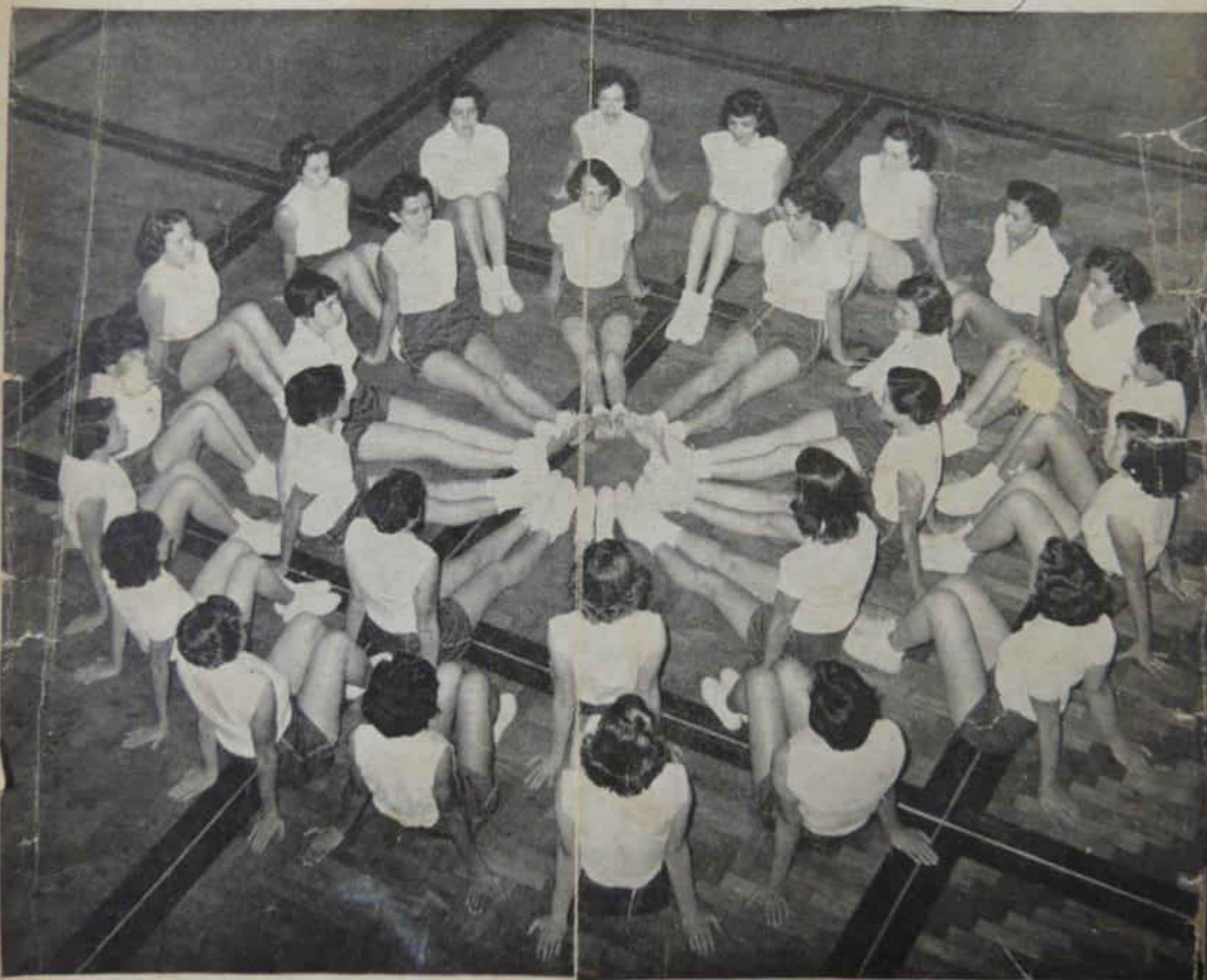


J514

Revista do
ENSINO

Ed. Viña Pereira



PUBLICAÇÃO DA EDITORA GLOBO

DESCOBRIEMENTO DA AMÉRICA



Desembarque no lhy de Guanahani (nome indígena) a que Colombo chamou "São Salvador".



Partida do Porto de Palos, Espanha, 3 de Agosto de 1492.



A 12 de Outubro os tripulantes avistaram terra.



De regresso a Espanha, Colombo apresentou ao rei gente e animais da terra descoberta.



A 21 de Maio de 1506 morreu o grande descobridor em Veladolid.

PERIÓDICO
DE INTERESSE
DO MAGISTERIO

Publicação da
Editora Globo

ANO III - SETEMBRO 1953 - N.º 17

Diretora-fundadora:
MARIA DE LOURDES GASTAL

Secretária:
GILDA GARCIA BASTOS

Auxiliares da direção:
GENÉRICA A. VIEIRA
ABIGAIL TEIXEIRA

Ilustradoras:
MARGA STOLTZ

Fotógrafo em Porto Alegre:
CASA DO AMADOR

COLABORARAM NESTE
NÚMERO:

Antônio Acuú, Diretora Brandão,
Sonia Sant'Ana Bopp, Honerina
Couture Massola, Ida Paolini,
Maria Lechate Lisbon, Belen
Borges dos Reis, Elisa de
Fruíta e Castro Druck, Inês
Maria José,
Gisela Schmetting, P. A.
Negromonte, Helena Mandroni,
Isacy Dourie, Gilda Garcia Bastos,
Benjamim C. Camozato, Jurandiz
Manfrecini, Flora Nobre, Luiz
Prates Lippi Patheo, Maria de
Lourdes Moraes, Noemy Silveira
Budajer, Alda Aguiar Valente,
J. T. Targa, Elv Bernardo de Al-
buquerque, Ruth Ivone Torres da
Silva, Edy Flores Cabral, F. G.
Guisier, Nelly Cunha, Cecy Car-
deiro Thorleifson, Gercy de C.
Costa e Maria da Conceição Pinto
Ferreira.

REVISTA DO ENSINO é publi-
cada mensalmente pela «Editora
Globo». Rua da Lixeira, 10. Gua-
raí, Rio Grande do Sul, Brasil. Redação: Andrade,
1429; Orléans, Andrade, 1428.
Preço: número avulso, Cr\$ 15,00.
Assinatura anual, Cr\$ 120,00.

R *Revista do* ENSINO

ÍNDICE

A ORIGEM DO NOME AMERICA	3
2º ANIVERSARIO	4
HUI BARBOSA NO CONGRESSO DE HAJA	5
POESIAS PARA O MES DE SETEMBRO	7
DIRETRIZES METODOLÓGICAS	8
RETATANDO MESTRES	11
OBSERVAÇÕES E EXPERIÊNCIAS	12
BIBLIOTECA ESCOLAR INFANTIL	13
CONTOS PARA SEUS ALUNOS	15
LENDA DO DENTE-DE-LEAO	21
SAUDACAO OFICIONICA	22
EDUCACAO PRE-PRIMARIA	23
A MANHA DO ZEZINHO	24
A FITA METRICA ILUSTRADA P/ CRIANÇAS	25
A ORAÇÃO DAS CRIANÇAS	26
O BANCO AGRÍCOLA MERCANTIL S. A.	27
BRASIL PELA IMAGEM	28
COMO ENSINEI A LEER UMA CLASSE "FORTE"	29
A HONRA DE PERTENCER AO GÊNERO HUMANO	30
CONSULTAS QUE NOS FAZEM	31
FILATELIA	32
ALCOOLISMO E INFÂNCIA	33
O SUPLEMENTO DO MES	34
O DESENHO E A CRIANÇA	35
ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL	36
A LETRA X	37
JORNAL INFANTIL	38
PROBLEMAS VITAIS DO PANORAMA EDUCACIONAL BRASILEIRO	39
EXERCÍCIOS PARA TODOS OS GRAUS	40
EDUCACAO FÍSICA	41
CURIOSIDADES DA MATEMÁTICA	42
EDUCACAO RURAL	43
ENSINO SUPLETIVO	44
RECREAÇÃO PÚBLICA	45
ORIENTAÇÃO E ENSINO	46
ORGANIZAÇÃO DO ENSINO	47
DRAMATIZAÇÃO	48

Os trabalhos assinados estão sob inteira responsabilidade de seus autores.

Desejamos estabelecer permuta com revistas similares.
On désire établir l'échange avec les revues similaires.
We wish to establish exchange with all similar publications.

Nosso endereço: Caixa Postal, 1520
Porto Alegre — R. O. S. — Brasil

EDIÇÃO 195 A — Para pedidos telegráficos desta revista basta indicar o número 195 A antepondo a esse número a quantidade. Exemplo: para pedir 5 exemplares da presente revista basta indicar: Dicionário — Porto Alegre — 1955 A — Quando a quantidade a pedir for 10 ou mais exemplares não é necessário transmitir a letra A.

SETEMBRO

Domingo	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado
		1	2	3	4	5
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30			



O FATO HISTÓRICO DO MÊS



A ORIGEM DO NOME AMÉRICA

ANTONIO ACAUÁ

Depois de pela primeira vez ter pisado terras de América, Cristóvão Colombo mais três vezes atravessou o oceano, tentando achar uma passagem para as Indias. Atacado, finalmente, pelo cansaço, pelas doenças tropicais e pela miséria, sucumbiu a 20 de maio de 1506.

"A má sorte — diz o escritor Hendrik Van Loon — continuou a perseguí-lo no túmulo". Deixemos que Van Loon nos conte essa má sorte, que foi não se ter dado às terras descobertas, como seria justo, o nome do seu desobridor. A explicação desse fato, a seguir transcrita, é extraída do livro AMÉRICA, capítulo II.

"No inicio do século XVI existia, na pequena cidade francesa de Saint-Dié, uma academia popular destinada principalmente aos estudos geográficos. Aconteceu que no ano de 1507 o diretor dessa escola, um honesto germano de nome Martin Waldseemüller (ou Hilacomylus, como preferia ser chamado) quis publicar um manual de cosmografia. Mas que fazer dos sempre crescentes pedaços de terra que pareciam boiar no espaço, algumas milhas para oeste dos Açores?

"Não era o momento de agrupá-las e lhes dar um nome? Sim. Mas que nome? Alguém sugeriu:

devem ter o nome do homem que mais tenha feito para a sua descoberta e exploração. Esplêndida idéia! Mas quem era ele? Encontramos aqui uma das mais sublimes incongruências de toda a história.

"A gente do norte da Europa havia certamente ouvido falar em Colombo, mas os seus feitos não se tinham absolutamente tornado populares. De vez em quando, um pequeno panfleto mal impresso, com horríveis gravuras de índios e de animais ferozes anunciam aos aborígenes europeus que um homem chamado Dove ou coisa semelhante tinha estado na terra dos grandes pássaros lendários e voltara para contar a história. E era tudo.

"Mas durante os primeiros cinco anos do séc. XVI, informaçõesligeiramente mais interessantes começaram a transpor os Pireneus.

"A segunda expedição de Colombo fôra subvencionada por um florentino negociante em Sevilha. Quando esse personagem morreu súbitamente, foi o contrato passado a um tal Américo Vespucio, também natural de Florença e representante financeiro dos Mediceis na Espanha. Esse Américo (a acreditarmos na sua versão) acompanhou várias expedições ao Novo Mundo e descobriu uma grande

quantidade de terra na parte sul do hemisfério. Era ele um escritor vivo e um zeloso correspondente, que escrevia sempre ao seu patrão, Lourenço de Mediceis, referindo ao velho banqueiro tudo quanto via e ouvia. Essas missivas, traduzidas e impressas, eram distribuídas largamente apenas alcançavam Florença.

"Quando o sábio Hilacomylus procurou um nome conveniente para o grupo de ilhas que formavam uma barreira entre a Europa e as Indias, lembrou-se logo do popular florentino, cuja prosa era familiar a todo europeu que soubesse ler e escrever.

"Aqui e ali ele sugeriu que a nova terra devia ser chamada TERRA DE AMÉRICO ou TERRA AMÉRICA, porque Américo, segundo parecia, sabia mais a respeito dela do que qualquer outro.

"Ninguém disse que não. E que importância tinha isso? Um nome era tão bom como outro, e agora que a questão estava resolvida, ninguém mais precisava se preocupar.

"Não sejamos muito severos para com o pobre Hilacomylus. Ele não tinha más intenções. Foi um coitado dum mestre-escola que se deixou iludir por um publicista esperto."

Não nasceremos para nós, mas sim para nossa Pátria a quem pertencemos.

Cicero.

2.º ANIVERSÁRIO

2.º ANIVERSÁRIO

Ao comemorar seu segundo aniversário, este mês, a "Revista do Ensino" não pode deixar de exprimir sua satisfação: a satisfação de ter recebido a acolhida, o apoio, o afeto de seus leitores, graças aos quais se mantém.

É confortador publicarmos, nesta data, como documentos da nossa atuação, algumas apreciações sobre esta Revista. Aqui as exibimos como uma aniversariante exibe os seus presentes no dia festivo.

E aos que nos vêm cumprimentando, nossos sinceros agradecimentos.

A Direção.

JORNAL DO BRASIL, de 17-4-53

Por: FLORA NOBRE — Secretaria do Gabinete de Psicologia do Centro de Pesquisas da Secretaria de Educação do Distrito Federal.

REVISTA DO ENSINO — PORTO ALEGRE — Acabamos de receber vários números da Revista do Ensino, publicada pela "Editora Globo" de Porto Alegre. Idealizada por uma professora primária do Rio Grande do Sul, srta. Maria de Lourdes Gastal, ocupa, tal publicação, entre as congêneres um lugar destacado. Várias são as seções em que se divide esta revista; exercícios para aplicação nas classes primárias, orientação e ensino, galeria de mestres, páginas para as crianças colorirem, literatura, ciência, arte, reportagem fotográfica, além de bela estampa da "Coleção de Quadros Murais", oferecendo a nossos professores amplas oportunidades para enriquecimento de suas aulas.

A revista representa, realmente, algo de notável como documentação do ensino em um Estado onde a educação é bem compreendida e dirigida. Não tivemos ainda ocasião de conhecer "in loco" o ambiente escolar sul-riograndense. Parece-nos, todavia, pelo que nos

tem sido dado apreciar através das páginas da "Revista do Ensino", que os problemas educacionais desse Estado são estudados com a intensidade exigida em problemas dessa natureza.

O Setor de Bibliotecas e Auditórios do Departamento de Educação Primária do Distrito Federal, reconhecendo o valor pedagógico dessa publicação, propôs-se a dar inteiro apoio a seus dirigentes não só procurando divulgá-la mas também figurando na relação de seus colaboradores o fim de que um intercâmbio se estabeleça, em caráter cultural, entre as professoras cariocas e suas colegas do sul.

O que se torna ainda louvável nessa publicação é que tal empreendimento, partindo de uma professora de curso primário com recursos limitados, conseguiu ser editada, chegando a tornar-se obra pedagógica meritória. Não é a publicação de alguém que comercializa: é publicação de uma idealista, fadada, estamos certos, a ocupar alto posto na hierarquia publicitária pedagógica.

Torna-se realmente, confortador para a época materialista que vivemos, comprovar que alguém, com objetivos culturais, realize, em caráter particular, obra que se imaginaria fácil como iniciativa oficial.

Estão, pois, de parabéns, nossas

colegas do Rio Grande do Sul por essa realização pedagógica que vale como comprovante do alto nível educacional desse Estado.

— o —

Do "JORNAL DO DIA", de 26-4-53 — Pôrto Alegre

"REVISTA DO ENSINO"

Pode o magistério do Rio Grande do Sul orgulhar-se de sua Revista do Ensino.

Periódico tecnicamente muito bem elaborado pela Editora Globo, apresenta matéria de formação pedagógica do mais alto nível, que honra sua direção.

Acertada a orientação das professoras que idealizaram, criaram, e têm conduzindo a revista que traz os melhores benefícios às suas colegas de vocação e trabalho.

— o —

Do "DIÁRIO DE NOTÍCIAS" — Rio de Janeiro, de 8 de fevereiro de 1953

Por: ELSE MACHADO — PERIODISTAS E EDUCADORAS

Cercadas de um corpo selecionado de colaboradores de ambos os sexos, e amparadas pela conhecida

eficiência gráfica da Editôra Globo, as dirigentes da revista, que agora recomendo, estão divulgando no campo das publicações pedagógicas um periódico de valor incontestável. Verifico, em suas páginas, que a ciência, a arte e a filosofia se irmanam e produzem matéria didática e informativa de utilidade para quem dela quiser aproveitar-se.

—o—

Opinião do Dr. MIRA Y LOPEZ
Diretor do Instituto de Seleção e Orientação Profissional da Fundação Getúlio Vargas — Professor do Departamento de Diagnóstico Psicológico do Instituto de Medicina Psicológica — Rio

Felicitó sinceramente aos organizadores e propulsores da REVISTA DO ENSINO, pois esta representa um dos esforços mais sérios e persistentes que conheço para difundir no Brasil as modernas orientações pedagógicas.

Rio, 16-4-53.

—o—

TIVEMOS ocasião de conhecer a REVISTA DO ENSINO e ficamos encantadas com esse maravilhoso trabalho, pois, aqui em São Paulo, apesar da instrução estar tão adiantada, lamentamos não ter uma revista assim.

Ass.: Superiora da Casa da Criança SANTO ANDRÉ — Est. de São Paulo.

—o—

TENDO examinado algumas exemplares da REVISTA DO ENSINO, publicação da EDITÔRA GLOBO, verificamos sua utilidade nas bibliotecas dos estabelecimentos de ensino, pela atualidade dos assuntos tratados e pelas sugestões variadas e interessantes, para enriquecimento das atividades educacionais.

Ass.: MARIA DE LOURDES WANDERLEY — Diretora da Divisão de Extensão Cultural da Secretaria de Estado dos Negócios de Educação e Cultura do Estado de PERNAMBUCO.

—o—

PELA vista de olhos, feita sobre as epígrafes dos assuntos tratados na REVISTA DO ENSINO, ressalta a utilidade dessa impor-

tante publicação pedagógica, que muito honra a adiantada Capital do nosso Estado e os seus dignos editores. É deveras digna de todo o apoio, não havendo aqui no Rio coisa melhor.

Ass.: MURILO FURTADO — Maestro — Rio de Janeiro.

—o—

Ao passar, casualmente, por uma banca de jornais nesta Capital, vim a conhecer, estampada junto a outros órgãos de publicidade, a REVISTA DO ENSINO — já no seu segundo número — de que V. S. é a diretora.

Folhando-a, logo verifiquei tratar-se de esplêndida publicação pedagógica, a melhor do gênero no Brasil, muito ativa e imbuida das mais nobres finalidades. Pode ficar certa, senhora diretora: sua Revista veio preencher uma enorme lacuna que há muito fazia-se sentir no terreno do ensino. Num momento como este, em que pululam falsas publicações infantis, é sobremaneira elogiável o esforço que V. S. e demais companheiras vêm dispensando na publicação de uma Revista desta natureza.

Tal foi minha impressão da "Revista" que não só mandei comprar, para esta Secretaria, todos os números existentes naquela banca, como principalmente irei a bom tempo recomendá-la a todas as diretoras e professores de grupos escolares e colégios secundários — deste Estado.

Ass.: Cônego JOSÉ TRINDADE DA F. SILVA — Secretário de Estado da Educação do Estado de GOIÁS.

—o—

... por las que observo que cada numero viene mejor, en todos los ordenes y por cuyo motivo la felicito...

Los compañeros, se muestran maravillosamente sorprendidos, solicitandomela con insistencia.

Ass.: ANGEL VASQUEZ HEREDER — Maestro Nacional — Entrecinza — Orense — ESPANHA.

—o—

... la Revista do Ensino que mucho me ha gustado y la felicito efusivamente por su acertada dirección.

Ass.: FRANCISCA MONTILLA — Membro do Conselho Superior de Investigaciones Científicas e Colaboradora do Instituto de Pedagogia San José de Calasanz — MADRID — Espanha.

—o—

Estou realmente entusiasmada com essa publicação que considero de notável alcance nos meios educacionais, pela sua criteriosa orientação pedagógica, variedade e riqueza de sugestões aos professores primários e pré-primários.

A Revista vem preencher uma lacuna; possuímos algumas publicações pedagógicas, porém, de caráter teórico, e a progressista Pórtico Alegre agora vira invadir o terreno da Prática do Ensino, conquistando todos os leitores, quer sejam illes mestres ou leigos, levando-nos a acreditar na renovação dos métodos e práticas pedagógicas em nosso país.

Ass.: DEA BERNARDES BARROSO — Professora no Grupo Escolar de VASSOURAS — Est. do Rio de Janeiro.

—o—

REVISTA DO ENSINO completa a leitura, o estudo e a cultura do professor. Ali encontrará o mestre amplas sugestões para a organização de planos de aula, variadas e instrutivas poesias, biografias, (de acordo com os programas primários), dramatizações, histórias, músicas, fotografias, uma seção de consultas, etc.

Estão de parabéns os professores primários que procuram melhorar o padrão de suas aulas, tornando-as de acordo com a moderna pedagogia, vivas, agradáveis, interessantes. "Revista do Ensino" lhes será um auxiliar precioso, pois todos sabem que o prazer de ensinar está em relação direta com o aproveitamento dos alunos e este, por sua vez, segue o mesmo ritmo das atividades da competência e do preparo do professor.

Ass.: ORLANDO FERREIRA DE MELO — Catedrático de Pedagogia, Metodologia e Prática de Ensino da Escola Normal "Pedro II".

Do Jornal "A NAÇÃO" — Blumenau — S. Catarina.

RUI BARBOSA NO CONGRESSO DE HAIA

Agora, quando já o tempo nos deu a distância necessária à fidelidade da perspectiva histórica, a figura de Rui Barbosa, a sua projeção no cenário nacional e a influência de sua obra tiveram ratificadas as medidas que, então, se lhes atribuíram.

Como é fato histórico que deve ser registrado aqui, relembrmos o longínquo e tão próximo 12 de julho de 1907.

Reuniram-se no sumuoso palácio de Binnenhof, em Haia, por sugestão do Czar Nicolau da Rússia e sob o patrocínio da jovem rainha Guilhermina, os representantes de todos os países civilizados para a segunda Conferência da Paz, a que os socialistas chamavam, não sem razão, "a comédia da paz".

Em verdade, os assuntos de importância transcendental para o mundo e para a sua sobrevivência, já haviam sido discutidos e consertados pelos sábios das chancelarias das oito grandes potências.

Não restava nada menos ao plenário, se não aprovar-las, em meio a discursos, recepções e trocas de gentilezas.

Todas as nações mandavam o que de melhor possuíam em cultura, inteligência e sagacidade. Com raras exceções, já todos os embaixadores e delegados, à força de frequentar conferências e congressos políticos internacionais, cultiavam um leve scepticismo, mas era preciso salvar as aparências.

O Brasil enviou uma brilhante representação chefiada pelo "pequeno e timido Dr. Barbosa" que ia participar pela primeira vez de um conclave de nobilidades políticas e diplomáticas; para falar com exatidão, os vultos mais notáveis da humanidade naquela época.

A 15 de junho iniciou-se a conferência sob a presidência efetiva do grande Nélidow que representava a Rússia, juntamente com o autoritário e todo poderoso Frederico de Martens.

Rui, novato, inexperiente representante de um país tão distante e vagamente conhecido, sentia-se verdadeiramente aterrado, e sua preocupação crescia, à medida que ia conhecendo os seus pares e com os quais devia tercer armas, em terreno e em condições adversas.

Decorreu quase um mês sem grandes progressos, aliás, obedecendo ao programa. Rui, entretanto, não se descondava, apesar de suas fracas possibilidades de vir a ser ouvido e tomado em consideração. Tudo estudava, tudo sabia e sobre todos os assuntos falava. Era, afinal, um incômodo e importuno convidado, contrariando e discutindo sempre a vontade e a opinião dos Grandes.



É interessante reproduzir um comentário que diz bem da precária situação dos pequenos países principalmente sul-americanos, e em especial do Brasil, pela impertinência de seu embaixador:

— "Que diabo tem o Brasil, Estado sem importância que não se sabe bem onde fica, com estas coisas de guerra e armamento? Depois de haverem dito o que pensam as grandes potências, cujo pensamento e cuja vontade dominam o mundo, e, em última análise, eram os Estados que tinham interesse real e efectivo no que se pretendia, que diabo tinha esse brasileirinho de vir dizer também o que ele pensa e quer?"

O embaixador já dera mostra de que pensava e queria por ocasião da organização do Tribunal das Prós-

Sas. Sua situação não melhorava, muito pelo contrário, e relata com fidelidade Rodrigo Otávio, secretário da Embaixada, que eram momentos penosos e aborrecidos para a Assembleia aquelas em que o Dr. Barbosa, tão erudição e tão loquaz, comitava seus enfadonhos discursos.

Ele sentia-se só, letimamente desesperado, mas aparentemente energico, continuava a insistir e a defender seus pontos de vista que escandalizavam aos grandes pela caxidá e incoroadavam aos pequenos, porque se sentiam culpados e vexados pela sua atitude acomodatícia à vontade prepotente daqueles.

O momento se avizinhava, porém, sem nada que o anunciasse. No instante em que Rui Barbosa terminava um discurso sobre práticas marítimas, de Martens —

(Continua na pág. 49)



SETEMBRO

SETE DE SETEMBRO

de Bezerra Leite

Bela terra onde fulge o céu Cruzeiro,
Terra de meus avós cheia de amor e glória,
Ó, Pátria sem rival do Mauá e ministro
Que, plácido, subiu à fúrca expiatorial!

Tu que mostraste, lá pondo, ao pântano mundo inteiro
Que sabes conquistar os lares da vitória;
Sem fazeres correr o sangue Brasileiro,
Sem marchares com crime a tua nivera História.

Tu que só vives no solo e grande no sentir,
Que tens, de par em par, aberta no porvir,
Entrada luminosa e bela e abandonada;

O jas germinar em rios d'ebel peitos,
Tão altos, divinos e tão sublimes feitos
Que cada qual de nós se torne um novo Andrada!

BRINDE

de Baltazar Godói Moreira

Arvore amiga e liga, no teu dia
para elevar-te um brinde,
que a minha voz se clude
num mimo macio de poesia!

Gloria a ti que és virtude e utilidade,
que és encanto, modestia e formosura;
Gloria a ti, verde poema de abundância.
Gloria a ti, que és riqueza e que és bondade,
a ti que só esperança
e só a fortuna!

Gloria a ti, pelo bem que tu nos fazes,
e por quanta alegria tu nos trazes,
e por quantas favores tu nos prestas,
pelos teus frutos, pelas tuas flores;
a ti, símbolo verde da humanidade!
A ti ramos e maticas e festas
e bençãos e louvores,
a ti, árvore santa, no teu dia!

OS FRUTOS

Sólon Borges dos Reis
São Paulo

Há quem não goste de manga,
De laranja ou de abacate,
De banana ou de pitanga,
De abacaxi ou tomate?

E o coco e a jaboticaba?
O jambo, o caju, a amora?
O mamão e a goiaba,
Os frutos da nossa flora?

E os frutos de terra estranha:
Pêra, cereja, miçâ...
Quem não gosta de cestinha,
De nozes e de aveia?

Pois amem a árvore. Ela encerra,
Os frutos que hão de ser seus.
A árvore é um presente da terra,
E a terra é um presente de Deus!

ENXADINHA

de Faria Netto

Minha enxadinha
trabalha bem;
corta matinho
num raivem,

Minha enxadinha
vai descanhar,
para amanhã
recomeçar.

Adeus, encinhas!
Adeus, trabalho!
A ti, plantinhas,
o doce arvalho!

Diretrizes Metodológicas

L I N G U A G E M

SUGESTÕES PARA ORGANIZAÇÃO DE EXERCÍCIOS DE LINGUAGEM

5.º ANO PRIMÁRIO

Prof.^a SYDIA SANT'ANA BOPP

A filha do C. P. O. E. da Secretaria de Educação, R. G. S.

II — GRAMÁTICA

Lê com atenção:

1. Quem vai de viagem pelo sertão, pelas várzeas infinitas, num dia de sol claro e lindo, vê, de longe, esses funis de pó, imensos cones invertidos, correndo, varando tudo, caminhando milhas e milhas, altos, fulvos como as trombas de areia dos desertos.

Escreve, agora:

- a) Os substantivos que encontraste:

- b) Os adjetivos qualificativos:

- c) O adjetivo demonstrativo:

- d) Os pronomes indefinidos:

- e) A conjunção coordenativa:

- f) A preposição:

2. Escreve três substantivos abstratos:

3. Dize em que grau estão os substantivos seguintes:

Menino

Narigão

Papeluchô

Cãozito

Casatão

Livro

4. Usa, no feminino, as expressões que seguem:

O bom doutor

Este sacerdote português

O mau rapaz

Algum menino feliz

O príncipe gentil

Um leão feroz

O menino pagão

O moço judeu

5. Escreve no plural:

Irmão leal

Rapaz exemplar

Cão fiel

Lobo voraz

Exército alemão

Sempre-viva amarela

Reunião escolar

Beija-flor azul

Trabalho médico-cirúrgico

6. Escreve, dentro do parêntese, o grau em que estão os adjetivos:

O cravo é menos belo do que a rosa. (.....)

A casa é alta. (.....)

Ana é mais estudiosa do que Maria. (.....)

Este livro é muito instrutivo. (.....)

Aquele quadro é antiquíssimo. (.....)

Susana era a mais aplicada das alunas. (.....)

Este vestido é tão bonito como o teu. (.....)

7. Sublinha os pronomes pessoais oblíquos:

Tu me apareces como o poema vivo de uma raça.
Quando cai em mim, ele tinha desaparecido. Quem
sabe, disse ele de si para si, se teremos a reprodução
do levante das Casas de Fundição. Eu vos ve-
nerei como superiores. Eles cumprimentam-nos
amavelmente.

8. Escreve, dentro do parêntese, a categoria gramatical das palavras sublinhadas:

Quem dá aos pobres empresta a Deus. (.....)

Muitos souberam do fato. (.....)

Havia muitas flores naquela praça. (.....)

Ninguém foge ao seu destino. (.....)

Cão que ladra não morde. (.....)

Mostre-me o seu cartão. (.....)

Primeiro fale um, depois, o outro. (.....)

As nossas esperanças nos dão estímulo. (.....)

Algumas crianças saíram cedo. (.....)

Não era isso o que eu esperava de ti. (.....)

Ele foi o último combatente. (.....)

Cada qual sabe como vive. (.....)

No décimo oitavo dia de viagem já havíamos an-

dado muito. (.....)

A casa onde nasci, já não existe. (.....)

9. Sublinha as preposições:

As embarcações saídas de Portugal sob o comando
de Vasco da Gama, tiveram por fim descobrir o ca-

minho marítimo das Indias. Para isso tiveram de vencer muitos obstáculos, contra os quais foi preciso que se munissem de muita coragem e se pusessem em condições de nada temer. Depois de um combate sem tréguas e com muitas perdas, o inimigo foi derrotado, conforme diz a História.

10. Sublinha as conjunções coordenativas:

Ora saltava, ora corria; os perseguidores, entretanto cada vez mais se aproximavam. Não irei ao teatro, nem ao cinema. José trabalha, vagarosamente, quando produz muito. Vovo presenteou-nos com um belo romance — Paulo e Virginia — nós, porém, ainda não o lemos. Ele foi bom filho, logo, será bom pai.

II. Escreve, nos parênteses, as conjunções subordinativas:

Desejamos que nos expliquem tudo a fim de que nosso serviço não apresente falhas. (.....) Se permaneceres aqui, podes contar comigo. (.....)

Era menos robusto que o irmão, mas, ainda assim, era forte como um atleta. (.....)

Susana não pôde embarcar, porque não levou o passaporte. (.....)

Já que não te esfargas, nada receberás. (.....)

Falou tão bem que conseguiu emocionar o auditório. (.....)

Quando mamãe chegou, já havíamos saído. (.....)

12. Passa uma linha ao redor das interjeições:

Oh! como está formosa a manhã! Oxalá sejas aprovado! Bravo! Assim é que eu gosto! Ah! é você? Bela canção! Bis!... Bis!... Uii!... Que dor! Ufa! Que calor! Alô! Quem fala? Psiu!... Se continuarem falando, não ouviremos. Psiu! menina. Venha cá.

13. Escreve, dentro dos parênteses, os antônimos das palavras sublinhadas:

Era frágil o seu organismo. (.....) Os soldados *avançaram*. (.....) A letra *inicial* daquele nome. (.....) Lá *fazia* a treva tudo *entrifecia*. (.....) (.....) (.....) Havia *júbilo* em todos os corações. (.....)

14. Dá o sinônimo das palavras que seguem:

Opulento
Parecer
Indolente
Amplo
Corris
Regressar
Feroz
Disputa
Ruidoso
Formidável
Dissimilar
Cela

Riacho
Retrucar
Decepção
Rutilante

15. Lê, com atenção:

O loiro imigrante que trazes
a enxada ao ombro
e, na roupa em remendos
azuis e amarelos,
o mapa de todas as pátrias

Sobe comigo a este píncaro
e olha a manhã brasileira
que vem despontando por trás da serra
como um punhado de cônices jogado
da terra.

Escreve, nas colunas abaixo, as palavras variáveis e invariáveis dos versos que lêste:

Variáveis

Invariáveis

(Continua no próximo número)

DESENHO E ARTES APLICADAS

COMO ORIENTAR O ENSINO DO DESENHO NO I E II ANOS DA ESCOLA PRIMÁRIA

HONORINA CAUDURO MASSOLA
Orientadora de Artes Aplicadas, RGS.

Segundo estudos feitos por pedagogos abalizados, o desenho destaca-se entre as demais disciplinas da escola primária, como o melhor meio de expressão da mentalidade infantil.

De modo geral, a criança desenha com prazer; encontra nessa atividade a maneira prática, mais espontânea de revelar seu mundo animado. Alguns traços irregulares — ilógicos no conceito do adulto — representam, para ela algo de importante: a mãe, o gato, etc. Nessa expansão, vai, assim, revelando seu temperamento, suas predileções. Daí considerar-se, com acerto, o desenho um dos melhores instrumentos de investigação mental infantil.

Uma das modalidades dessa matéria, a ser mais desenvolvida nos dois primeiros anos da vida escolar (1.^o e 2.^o anos) é, sem dúvida alguma, o *desenho espontâneo*. Conforme o nome está dizendo, dá, à criança, liberdade ampla para projetar exteriormente seus modelinhos subjetivos.

Considerado o espelho fiel da alma infantil, sob pretexto algum, deverá o mestre desprezar ou criticar as formas gráficas que concretizam o pensamento do miúdo desenhista. Antes, seu papel será estimular essa expansão, diariamente a fim de que possa desenvolver plenamente as forças criadoras em reclusão.

Individa-se, desse modo, a necessidade de aproveitar esse gênero de desenho e dar-lhe, só mesmo tempo,

um lugar de destaque às demais modalidades dessa disciplina.

Um dos objetivos do ensino dessa disciplina é permitir ao aluno liberdade para exteriorizar seus conceitos, seus anseios. Destarte, em absoluto, será permitido ao mestre corrigir o trabalho da criança, com pretexto de melhorar o seu aspecto. A este, cabe, além de orientar e estimular, analisar a criança através de seu desenho. Nessa fase ela não se preocupa com a realidade objetiva; seu poder de atenção é fraco, assim como seu discernimento, portanto será inútil incutir-lhe regras, teorias, que sua mentalidade imatura não pode compreender.

Durante as aulas de desenho espontâneo, deverá ser evitado o seguinte: palavras ou gestos que possam sugerir à criança imagens ou cenas exteriores, diferentes, portanto, das que ela tem para nos revelar.

Para auxiliar a compreensão e memorização das aulas de linguagem, matemática, estudos sociais e naturais, música etc., contamos, ainda, com a colaboração dos desenhos ilustrativos, livres, decorativos e ritmicos.

DESENHO ILUSTRATIVO — Essa modalidade de desenho desenvolve o poder interpretativo e o senso estético do educando. Oferece, ainda, a grande vantagem de fixar as lições aprendidas em aula, como fatos históricos, regionais, festas populares, cenas familiares, etc. Ex.: Uma frase sobre a festa da Páscoa. Cada criança interpretará e executará a seu modo um desenho relativo ao assunto exposto.

Embora a criança não tenha maturidade para desenhar os modelos diretamente do natural, recomenda-se que sejam mostrados em aula objetos, animais, etc., mencionados nas cenas da frase em questão, a fim de que ela se familiarize com as formas e cores reais e associe o nome à forma de cada um.

DESENHO LIVRE — Aqui o aluno desenharia livremente os assuntos de sua preferência. Caso se torne necessário o auxílio do professor na procura de motivos a desenhar, este poderá fazê-lo, porém de maneira discreta a fim de deixar àquele a satisfação de realizar algo com seu próprio esforço.

COMPOSIÇÃO DECORATIVA — Iniciar com o desenho ritmado. Através dos sons fazer a criança compreender e sentir o que é ritmo.

Esse exercício, além de desenvolver de maneira agradável a capacidade inventiva da criança, torna o traçado menos irregular. Em virtude do grande proveito que poderá advir do cultivo desse gênero de atividade, recomenda-se correlacioná-lo à música, ginástica, linguagem, matemática, etc. Ex.: Uma canção. O aluno, acompanhando o compasso, irá traçando no caderno, de linhas simples, os movimentos sugeridos pelo ritmo da mesma. Com as formas resultantes dos desenhos ritmados poderão ser executadas barrinhas, frisos em cadernos, pastas, caixas de cartolinhas, capas de livro, etc. Com fichas de cartolinhas (circulares, elípticas, ovais) serão executados pequenos bichinhos, como ratos, gatos, pintos, coelhos, etc., dispostos em barra ou isoladamente.

Ainda para compor barras e frisos o aluno poderá usar letras, números ou seus próprios desenhos recortados, assim como recortes de estampas e papéis coloridos.

E aconselhável que desde os primeiros trabalhos, o aluno se habitue a colori-los ou pintá-los. O uso de tintas e pincéis dá maior expansividade ao pensamento infantil. Não acontecendo o mesmo com as produções coloridas a lápis que por ser sua execução mais lenta, pode tolher uma parte dessa atitude. Quando feitos a tinta dão, a quem os executa, uma natural satisfação, em vista da rapidez com que se cobrem os planos do desenho.

Ao mestre, cabe, ainda o dever de despertar o sentimento estético do educando. Muitos são os meios de que ele poderá se valer para cultivar esse sentimento: a beleza inconfundível do céu, a variedade de colorido das nossas flores, a exótica beleza das nossas plantas, seleções de desenhos feitas pelos próprios alunos, mediante concurso, para ornamentação da sala de aula, coleção de gravuras muito simples, de preferência cenas familiares, brinquedos, recortes de revistas com desenhos sobre higiene, etc.

Ao mestre, cabe, ainda o dever de despertar o sentimento estético do educando. Muitos são os meios de que ele poderá se valer para cultivar esse sentimento: a beleza inconfundível do céu, a variedade de colorido das nossas flores, a exótica beleza das nossas plantas, seleções de desenhos feitas pelos próprios alunos, mediante concurso, para ornamentação da sala de aula, coleção de gravuras muito simples, de preferência cenas familiares, brinquedos, recortes de revistas com desenhos sobre higiene, etc.

MÚSICA E CANTO ORFÉÔNICO

HISTÓRIA DA MÚSICA

Do Programa do Curso de Canto Orfeônico do Conservatório Nacional do Rio de Janeiro.

IDA PAOLINI

Orientadora do Música e Canto Orfeônico, R. G. S.

Classificação cronológica de vários estilos e escolas de música.

As aulas de História da Música, deverão aperfeiçoar o gosto dos alunos pelos assuntos musicais. Evitando-se explanações áridas e muito detalhadas, poderão ser feitos ligeiros estudos da Arte Musical e suas Formas, com especial referência aos gênios criadores de técnicas e orientações originais, guiando-se para isso da classificação cronológica que se segue:

- 1 — Música Primitiva;
- 2 — Música Grega até a Idade Média;
- 3 — Música Litúrgica;
- 4 — Música Antiga;
- 5 — Música Clássica incluindo o Romântico e o Poético (Schumann como iniciador da Escola Romântica e Chopin, como o da Escola Poética);
- 6 — Música Típica (Mussorgsky);
- 7 — Música de Câmara: *Pura* — (Mozart e Haendel); *Simbolista* — (G. Fauré, Debussy e outros na maioria franceses); *Impressionista* — (Florent, Schmidt, Richard Strauss e outros); *Neoclássica* — (Milan, Homegger, Stravinsky, etc.); *Realista* —; *Super-Realista*, *Mecânica* e *Matemática* — (Schöenberg, Mae Jacob, Ferroni, Edgard Varese, etc.); *Neo-Retro-Primitivista* — (Bela Bartók, etc.);

- 8 — Música Sinfônica e de Pequenos Conjuntos; *Futurista* (apresentada por Marinetti, continuada e sustentada por Pratella, Casella e outros, sendo seus adeptos, na maioria, italianos e húngaros);
- 9 — Música de Diletante (gênero de música especial para concertos ou recitais que são freqüentados por uma élite dos auditórios que apreciam a música elevada acessível, segundo o grau de educação musical, formado por uma habitual freqüência e interesse a essas reuniões artísticas. Criado e introduzido por Frantz Liszt);
- 10 — Música de Bailados (uma das maiores manifestações de arte musical);
- 11 — Música de Ópera — (cômica, trágica, dramática e burlesca);
- 12 — As Subartes: Coros patrióticos e cívicos, hinos, canções estilizadas, operetas, e gêneros afins.

P. — Qual é a classificação que se dá nos diversos gêneros da música popular brasileira?

R. — A música popular brasileira pode ser classificada em dois estilos:

- popular tradicional
- popular típico-brasileira.

Como exemplo da música popular tradicional, temos: a valsa, a mazureca, a polca, a quadrilha, o schottish, etc.

Da música típico-brasileira, temos: o lundu, o maxixe, a chula, o côco, o chôro, a batucada, a embolada, o tango, o samba, a valsa-chôro, a mazurca-chôro, a polca-chôro, o schottish-chôro, etc.

—o—

P. — Qual a relação, na Grécia antiga, entre o culto de Dionísios e a Música?

R. — Na Grécia primitiva, o culto de Dionísios consistia numa doutrina ética que possuía três estilos, associados ao caráter tonal da música e a propriedade que tinha esta música de influir sobre o caráter físico e psíquico do indivíduo.

- estilo *Diasártico*, que induzia o indivíduo a ações heróicas, (marchas militares, guerrairas);
- estilo *Exitáltico*, que contribuía para a conservação do equilíbrio psíquico; e o
- estilo *Sixtáltico*, que, segundo a doutrina, atuava sobre o indivíduo de tal modo, fazendo-o perder a consciéncia de sua vontade, dando livre expansão às suas paixões.

MATEMÁTICA

A MATEMÁTICA NO 1º ANO

Prof.ª SYDIA SANT'ANNA BOPP
Adida ao C. P. O. E. da Secretaria de
Educação, R. G. S.

(Continuação do n.º anterior)

Columnas revisoras dos fatos fundamentais da soma:

3	5	7	1	2
4	3	1	2	4
1	1	2	6	1

—	—	—	—	—
1	3	2	1	7
2	1	1	5	2
4	2	7	3	1

—	—	—	—	—
2	2	4	1	4
1	2	5	3	1
6	1	1	6	4

—	—	—	—	—
1	6	1	3	6
7	1	6	1	1
4	5	6	7	4

—	—	—	—	—
1	1	4	2	6
4	4	1	1	1
5	4	8	2	2

—	—	—	—	—
1	1	2	4	1
2	4	1	3	6
1	2	8	1	8

—	—	—	—	—
1	4	1	1	7
6	4	5	9	8
—	—	—	—	—

—	—	—	—	—
5	2	1	5	1
1	4	7	1	7
6	4	5	9	8

—	—	—	—	—
6	1	2	4	1
2	4	1	3	6
1	2	8	1	8

—	—	—	—	—
5	2	1	5	1
1	4	7	1	7
6	4	5	9	8

—	—	—	—	—
2	8	2	3	5
1	1	7	1	1
9	2	1	3	2

—	—	—	—	—
3	2	1	3	1
2	1	2	1	4
1	6	9	5	3

—	—	—	—	—
2	2	3	1	5
6	1	3	8	4
1	4	1	4	1

0	5	8	3	0	1	0	3	0	3	8	0	5	0	0	9
1	4	0	6	2	1	5	6	1	3	0	7	0	5	4	0
5	3	1	4	3	0	1	9	8	8	9	9	5	6	4	3
—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
3	2	4	3	2	3	4	6	2	0	0	7	0	9	6	3
4	4	4	6	0	2	0	3	0	6	6	0	9	9	0	3
8	0	9	8	6	0	4	3	8	2	8	5	9	9	3	0
—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
4	5	0	0	3	5	7	6	0	6	0	4	0	4	8	7
5	2	9	5	2	2	0	3	0	1	5	0	4	9	5	0
8	0	2	7	6	—	1	4	5	0	—	—	3	5	—	7
—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
4	4	3	0	4	7	4	4	0	5	0	0	8	8	0	7
4	0	3	8	3	0	1	3	9	6	3	6	6	8	8	0
4	4	1	7	6	—	0	—	—	—	—	—	9	—	8	9
—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
4	0	1	3	2	5	9	4	0	3	7	0	0	9	6	7
0	0	4	1	3	6	0	8	4	5	0	7	5	5	6	0
0	2	6	0	9	—	8	1	5	2	—	—	—	—	7	9
—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1	6	4	0	4	5	9	2	7	5	9	4	0	3	4	0
6	5	1	5	2	0	3	3	1	0	3	7	0	6	3	4
0	6	9	9	0	—	0	5	0	3	—	—	—	—	—	—
—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
4	5	8	5	3	7	0	6	3	0	0	8	0	9	9	0
5	4	0	3	7	9	6	7	0	4	9	3	9	5	9	7
4	4	2	7	9	6	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
6	6	2	4	1	5	0	2	4	0	6	0	6	6	0	3
0	3	2	5	0	7	0	6	5	4	7	5	5	0	6	0
2	7	0	7	7	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
6	3	0	4	3	5	8	1	0	5	0	0	5	8	0	0
3	8	1	5	5	8	5	0	9	6	7	4	4	4	9	7
8	4	4	5	8	5	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
3	3	2	5	0	7	0	1	0	1	0	7	0	5	6	3
3	6	0	3	2	7	2	0	5	0	5	6	6	0	3	3
—	—	—	—	—	—	4	6	0	3	7	—	—	—	—	—
—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
3	3	1	6	3	0	9	5	0	9	9	0	8	0	9	8
3	0	0	5	3	1	3	0	9	8	0	4	4	5	6	0
5	4	0	3	1	—	—	—	—	—	—	—	3	4	—	8
—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
4	4	6	4	5	0	3	2	1	0	2	0	3	5	0	0
4	0	1	3	2	7	1	0	9	5	9	3	3	8	7	6
4	3	1	3	2	7	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
0	8	3	5	0	0	3	1	1	0	0	7	0	4	0	0
8	2	5	4	0	3	6	0	4	8	4	8	6	5	8	9
—	—	—	—	—	—	8	0	8	4	8	8	5	8	8	9

8	0	6	7	5	8	0	5	0	0	0	2	2	6	3
0	6	0	3	0	1	4	4	3	7	5	0	0	2	0
7	4	5	0	3	0	3	0	2	4	2	7	3	0	1
—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
4	0	4	0	0	0	4	0	3	0	0	0	0	0	0
0	3	0	4	2	7	4	4	5	7	1	7	2	2	0
3	3	4	8	1	6	0	0	0	1	5	2	2	7	1
—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
5	8	6	0	0	1	2	1	4	1	0	7	3	0	3
0	0	0	3	1	2	1	2	3	6	9	0	0	7	0
7	6	7	9	2	6	3	3	4	2	4	0	5	0	7
—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
5	3	5	0	7	0	2	0	0	1	1	0	1	6	3
3	0	0	6	0	2	5	1	4	5	3	3	8	0	4
0	8	4	0	4	3	0	3	1	0	0	5	0	9	7
—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
0	1	6	0	6	0	0	0	2	2	4	1	4	0	6
6	2	0	6	0	4	1	1	0	0	1	7	2	1	1
5	0	8	1	3	2	7	4	2	5	7	4	2	3	1
—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	8
—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	3	6	1	8
—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	7	1	1	6	1
—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	3	9	7	9	9

L I N G U A G E M

SUGESTÕES PRÁTICAS PARA CORRIGIR AS DIFICULDADES NA COMPOSIÇÃO

MARIA LOBATO LISBOA
Orientadora de Educação Primária;
R. G. S.

(Continuação do n.º anterior)

IV — PONTUAÇÃO

O professor motivará o assunto, mostrando aos alunos a confusão que podem criar trechos mal pontuados, fazendo-os sentir a necessidade de saber pontuar, tanto quando leem, como quando escrevem.

Exercícios:

- 1) Fazer uma leitura, primeiro sem pontuação e, depois, pedir aos alunos que reproduzam oralmente o trecho ouvido (repetir o trecho com a pontuação correta).
- 2) Apresentação, exemplos curiosos:
 - a) Mário já foi embora? Mário já foi embora. Não, está em casa. Não está em casa.
 - b) Um fazendeiro possui um terneiro e a mão. Do fazendeiro é também o pai do terneiro.
 - c) José vai ser enforcado hoje?
— Se o senhor concorda, eu não discordo (foi enforcado).

— Se o senhor concorda, eu não; discordo (salveu-se);

- 3) Exercícios feitos no próprio livro de leitura e em outros livros — observação e comentário sobre a pontuação.
- 4) Dar aos alunos trechos simples, ditados ou não, sem pontuação, para que elas os pontuem:
 - a) Escrever no quadro-negro sentenças ou trechos, fazendo a leitura mais devagar do que o habitual, exagerando a duração das pausas. Depois pedir ao aluno que assinale com traços verticais, os lugares das pausas. Exemplo:
Lá estão as crianças. | Como é grande a roda! | Vamo-nos chegando devagarinho, | sem que elas nos vejam.
Estão ouvindo o que cantam! É uma cantiga bonita, | que toda criança brasileira conhece. | Onça:
 - Ciranda, cirandinha,
Vamos todos cirandar,
Vamos dar a meia-volta,
Volta e meia vamos dar...
 - b) Dar trechos para pontuar, intercalando nomes próprios, para diferenciar das iniciais maiúsculas, depois dos pontos finais.
 - c) As quadrinhas com maiúsculas, em cada linha, também podem ser aproveitadas:

Um livro! Quanta alegria
Sente quem aprende a ler!
Quanta beleza eu não via!
Quanta coisa não sabia,
Que posso agora saber?

d) *Pontuar as frases* (declarativas, interrogativas, exclamativas, imperativas)

José estuda a lição.
Como te chamas.
Qual é o nome do seu Grupo Escolar?
Que lindo dia!
José é bom aluno.
Quantos alunos há em tua aula?
Que fazes logo que te levantas?
Como é bonito o Brasil!
Amanhã não vou à aula.
Marina, estuda a lição.
José, copia a lição.

Dramatizações em classe entre os alunos. Eles mesmos dirigirão as perguntas aos colegas e também responderão às que lhes forem feitas.

5) Apresentação de sentenças para treinarem o uso da vírgula:

a) *Nas enumerações* — Papai trouxe da feira: laranjas, bananas e maçãs.

Pedir aos alunos para enumerarem: os animais que conhecem, as frutas que preferem, os brinquedos que possuem, os alimentos que mais gostam, etc.

b) *Separar, nas datas, o nome do lugar* (P. Alegre, de, de,)

c) Para separar elementos coordenados da oração e do período, não ligados por algumas das conjunções — e, nem, ou.

O boi, a cabra, o camelo e outros quadrúpedes são ruminantes.

Dens, a Pátria, a família, o amor e a glória.

d) *Antes e depois de qualquer apósto explicativo*

Porto Alegre, cidade sorriso, está situada à margem esquerda do Guaíba.

João, filho de Pedro, é um bom moço.

O relógio, que é um objeto útil, serve para marcar as horas.

O leão, que é o rei dos animais, vive nas florestas.

A rosa, rainha das flores, enfeita os nossos jardins.

NOTA: Pedir aos alunos que escrevam sentenças dando ou explicando as qualidades das pessoas, animais e coisas.

e) *Depois dos vocativos: Exercícios orais e escritos*

Meninos, estudai. (ô vós)

Mário, onde moras? (ô tu)

Filhos, obedecei a vossos pais (ô vós)

Menina, não dês desgostos a tua mãe (tu)

f) *Dois pontos*: para indicar uma citação própria ou alheia, enumeração ou explicação:

Perguntei-lhe: Aonde vais?

As frutas de que mais gosto são: laranjas, maçãs e peras.

Carlos disse ao papai: Boa-noite, papai!

O papai respondeu: Deus o abençoe meu filho.

Disse o lobo ao cordeiro: "Por que me turvas a água que vou beber?"

Mamãe guardava um lindo punhado de ouro: era um cacho de meu cabelinho louro.

— *Dramatizar pequenos diálogos*, chamando atenção para a mudança de interlocutor.

7) *Travessão*: Serve para indicar, no diálogo, mudança do interlocutor. — Chamar a atenção para o seu emprego nos diálogos das lições de leitura ou em exercícios feitos no quadro:

— Quem está aí?

— Sou eu.

— Que deseja?

— Quero falar com você.

— Vou pedir a papai que me traga d'Amazônia uma arara!

— E eu, um macaquinho! — disse logo Celinha.

— Eu acho que o papai não poderá voltar de avião.

8) *Hífen*: Exercícios para separar as sílabas, ligar palavras compostas, separar o pronome do verbo.

Organizar pequenas dramatizações de diálogos, chamando atenção para a mudança de interlocutor e do travessão (o aluno dará um passo à frente).

9) *Concurso de pontuação* (2 grupos) — O professor escreverá no quadro sentenças ou trechos e chamará um aluno de cada grupo para fazer a pontuação. Vencerá o que tiver maior número de acertos.

V — NOTAÇÃO LÉXICA

Til (˜), acento agudo (‘), acento grave (˘), acento círcunflexo (ˆ), cedilha (,). — Exercícios:

a) Marcar nas lições de leitura, palavras com esses sinais.

- b) Colecionar palavras que levem aqueles sinais.
 c) *Jogo de rimas:* Um aluno diz a outro uma palavra com um dos sinais acima. Exemplo: *pão* ou *taça*. Aquela a quem a palavra foi dirigida responderá com uma palavra em rima: *cão* — *graça*. Ganhará o partido que tiver menor número de erros.

A coleção de palavras rimadas será escrita no quadro e, depois, registrada no caderno.

VI — CONCORDÂNCIA

Aproveitando as diferentes situações de classe a professora fará os mais diversos exercícios de *flexão* (gênero, número) e *relação* (predicado e o sujeito; adjetivo e o substantivo). Ex.:

- 1) Completa as frases, usando no feminino, as palavras *grifadas*:

O mestre e a são abnegados.
 O servente e a trabalham bastante.

- 2) Numera a 2.ª coluna de acordo com os números da 1.ª:

(1) aluno	Ex.: — (5) flores
(2) lápis	() folhagens
(3) folhagem	() lápis
(4) papel	() alunos
(5) flor	() papéis.

- 3) Concorda o adjetivo, no parêntese, com os substantivos:

Um homem e uma mulher (solteiro).
 Um operário e uma operária (ativo).
 Caminhos e estradas (pedregoso).
 Um filho e uma filha (amoroso).

- 4) Adjetivo com o substantivo — Completa as frases abaixo:

Este aluno é bom.
 Esta aluna é
 Estes alunos são bons.
 Estas alunas são
 Luis é um ótimo aluno.
 Laura é uma aluna.

- 5) Predicado e o sujeito:

Paulo abriu a porta.
 Paulo e João as portas.
 Eu estudo a lição.
 Maria e Alice a lição.

- 6) Júlio e Paulo não a aula. (verbo *ir* no presente, passado e futuro).

Os caminhos da felicidade cheios de espinhos. (verbo *ser* no presente, passado e futuro).

- 7) Passe para 1.ª e 3.ª pessoas do plural:

Estudarei a lição.

Não venderei os livros.

Desejo obter boas notas.

Tu pões a mesa.

- 8) Escreve nas linhas pontuadas o verbo *ir* tuitar no Imperfeito do Conjuntivo:

A professora ficaria contente se:

eu	a lição	elos	a lição
tu	a lição	ele	a lição
nós	a lição	vós	a lição.

- 9) Escreve, nas linhas pontuadas, no tempo imperfeito do conjuntivo, os verbos assinalados no parentese:

Mamãe ficaria satisfeita se:

eu	os bons conselhos (ouvir)
tu	o quintal (varrer)
ele	bom comportamento (ter)
nós	as lições (estudar)
vós	desculpas à professora (pedir)
elos	em casa (estar).

- 10) Coloca o pronome conveniente:

..... reparte o lanche.
 pintas o quadro.
 soubemos a lição.
 escreveis muito bem.
 gosto de estudar.
 terminaram o desenho.

- 11) Completa as frases com as variações pronominais correspondentes a 3.ª pessoa do singular e 3.ª do plural:

A menina está doente e o médico não pode curá-la....

Eles chegaram, mas ainda não vi.
 Ofereci.... interessantes livros.
 João não cabe em de contente.
 A India sentiu.... causada.
 Todos procuravam em vão.

- 12) Completa as frases abaixo: (com o verbo *ir*)

Eu e tu ao cinema.
 Tu e ele ao teatro.
 Eu, tu e ele à praia.

VII — ENRIQUECIMENTO DO VOCABULÁRIO

Em todas as atividades escolares deve o professor procurar desenvolver o vocabulário infantil para que a criança possa exprimir, com clareza e correção, o próprio pensamento.

(Continua na pág. 72)



Retratando MESTRES

MESTRES

Esta coluna está à disposição de professores e alunos que desejarem homenagear um mestre. Para isso devem nos enciar, devidamente datilografados em toute alusão a dois espaços, os dados biográficos do homenageado, retrato e algum trabalho ou fragmento de autoria do mesmo. Os trabalhos enciados devem trazer assinatura da diretora ou professora responsável por ele e endereço completo.

Endereçar para: "Retratando mestres" — Revista do Ensino, Rua dos Andradas, 1428, Porto Alegre — Rio Grande do Sul.

HOMENAGEM PÓSTUMA À COLEGA

YONE RIBEIRO ROSA

PROFESSORA DO GRUPO ESCOLAR GENERAL DALTRÔ FILHO, FALECIDA A 26 DE FEVEREIRO DE 1953.

Escrevem:

Maria Pinheiro Velloso da Silveira

Professora do Grupo Escolar Gal. Daltrô Filho Porto Alegre

Sim, Yone Ribeiro Rosa, tinha a alma de artista e possuía também um coração sonhador...

Em 1942, viu concretizados seus sonhos de moça, com a formação de seu próprio lar.

Cumpriu assim, aqui na terra, a mais alta e sublime missão que uma mulher pode almejar: foi esposa modelo, mãe exemplar e mestra dedicada.

A 26 de fevereiro de 1953, partiu, amparada pelos santos Sacramentos, ao encontro do seu Deus, a quem sempre respeitou e muito amou.

Yone Ribeiro Rosa partiu para nunca mais voltar, porém, deixou entre nós o exemplo como esposa, como mãe e como mestra!

— o —

Adens Yone!

Vejo-te ainda, tal como estavas no dia do encerramento das aulas, orgulhosa e feliz, com teus filhinhos pela mão.

Desejaste-me, num grande abraço, um período de férias risonho, sem suspeitas sequer, que para ti, este período jamais acabaria...

E tu partiste Yone, deixando um vazio no coração de tuas cole-



Yone Ribeiro Rosa

gas e a lembrança eterna do bem que praticaste.

Passaste entre nós, como uma flor, cujo perfume, persiste sempre e cada vez mais, em forma de saudade...

Recordo ainda nossa palestra de despedida, quando, num desabafo de felicidade, falaste-me da alegria que sentiste no dia dedicado às mães; do buquê de rosas a ti oferecido por teu esposo; do soneto declamado por teu inteligente Sérgio e do beijo carinhoso de tua pequenina Miriam!

Eles constituíam o teu mundo, Yone, e tiveste que deixá-los!... Avalio agora a tua dor e o teu heroísmo!

Partiste sem uma queixa sequer, sem, nem mesmo, exteriorizar a tristeza enorme que te ia n'alma.

Não foste só, levaste em teus braços, como a protegê-lo, aquele pequenino ser por quem sacrificaste a vida.

E agora, Yone, tuas mãos delicadas, já não prenderão as fitas, nos cabelos sedosos de tua Miriam, e teu adorado Sérgio, não sentirá jamais a carícia de teu beijo maternal, porém, tua lembrança permanecerá sempre, porque em cada um deles palpita um pedaço do teu próprio coração!

Adens, Yone!...



OBSERVAÇÕES E EXPERIÊNCIAS



UMA ÁRVORE

Como fazer observar e estudar uma árvore?

- 1º — Observar as características da planta (árvore ou arbusto). Começar pelo seu aspecto: altura média, grossura do tronco, copa fechada ou não, cor da folhagem e do tronco, feitiço da folha, aspecto da casca do tronco, se dá flores e frutos, observar suas características, se as raízes estão visíveis observá-las.

Utilidades e aplicações das diversas partes.

Procedência: nativa ou aculturada.

Região onde cresce de preferência.

Nome vulgar e científico.

- 2º — Fazer uma ficha onde constem os dados obtidos.

Nome científico:

Nome vulgar:

Habitat:

Características:

Aplicações:



O PECEGUEIRO

Como observar o pesegueiro?

— Começar a observação antes da floração. Fazer as observações acima indicadas.

Completa aquela parte, observar a floração e levar as crianças a desenharem um galho com flores, procurando dar-lhe o colorido natural. Com o auxílio de lente observar e desenhar a flor separada do galho, observando bem o número de pétalas, estames, pistilo, etc.

Observar a transformação da flor em fruto. Enquanto a transformação se opera, fazer notas às crianças os inconvenientes de colher e comer frutas verdes (se as come mal, se não as come ficam perdidas, quando poderiam ter amadurecido e transformado em belos frutos).

Quando o fruto estiver desenvolvido colhê-lo, cortá-lo ao meio e observar a coloração, a forma do saboro, etc. Desenhar todas as partes observadas. Desenhar o fruto inteiro. Partir um fruto verde e compará-lo com o maduro.



BIBLIOTECA ESCOLAR INFANTIL

ELIDA DE FREITAS E CASTRO DRUCK

Professora de Biblioteconomia do Curso de Administradores Escolares do Instituto de Educação — Porto Alegre

REVISTAS

"A poesia, a cultura e a filosofia são o termômetro, o cronômetro e o barômetro da Civilização."

Roberto Robert

A Biblioteca, na escola atual, não é sómente uma reunião de livros, colocados em uma estante. É muito mais! É a sala onde há as mais úteis e interessantes obras, permanentemente cooperando para a educação infantil. E não há sómente obras, livros impressos, mas uma série de elementos de interesse, indispensáveis às diferentes idades, aos diferentes graus de desenvolvimento físico, mental e psíquico.

Falaremos sobre um destes elementos, REVISTAS, encanto, distração satisfatória da curiosidade mais diversa, pois suas páginas coloridas mostram polichinelos, retratos de autoridades, paisagens reais que devem ser conhecidas.

Veremos como algumas das professoras, ex-alunas do Curso de Administradores Escolares, nos seus trabalhos de classe, na cadeira de Biblioteconomia, consideram a REVISTA INFANTIL na Biblioteca Escolar.

MARIA MESSIAS assim se refere:

"A Revista constitui, atualmente, um elemento informador e esclarecedor de primeira ordem. Não pode, portanto, uma Biblioteca bem organizada, deixar de possuir a assinatura de, pelo menos, uma revista, medida esta que julgo de grande benefício para a criança.

Ela se interessa vivamente pelos motivos variados que as revistas geralmente apresentam: histórias, contos, aventuras, anedotas, assuntos didáticos, literários, sociais, que, fartamente ilustrados, mantêm a criança numa relação mais estreita e permanente com a vida atual.

Sua atenção começa a fixar-se em fatos mais reais, pois nos contos, histórias e novelas infantis, envoltos pela fantasia, há sempre qualquer coisa de humano, vivo e colorido.

Assim, não há como negar-se a grande utilidade destes elementos, que proporcionam às crianças uma instrução recreativa e salutar."

LIMA JUTA KNJINIK escreve:

"Na escolha de revistas deve-se sempre estar alerta contra o sensacionalismo e confusionalismo, contra revistas insignificantes e vulgares, que tra-



Sala de leitura da Biblioteca do Instituto



de Educação, P. A.

zem verdadeiros prejuízos morais na formação da personalidade da criança.

As revistas infantis, na Biblioteca Escolar Primária, devem contribuir para formar na criança o senso da realidade, desenvolver-lhe a reflexão, despertar-lhe o interesse para ler, oportunizar-lhe um estímulo para a cultura e um passatempo agradável para as horas de lazer. Assim sendo, a revista infantil deve ter apresentação sugestiva — papel de boa qualidade, tipos claros, gravuras nitidas — pode variar na sua apresentação e pode conter assunto de aspecto diverso e múltiplo, devendo, entretanto, sempre agir no sentido educativo de formação de atitudes e hábitos que possam contribuir para a formação harmoniosa da personalidade da criança."

ANTÔNIA VALLE DA SILVEIRA diz:

"Sendo uma das grandes preocupações da escola renovada, formar na criança uma atitude otimista, um gosto artístico, um sentido de seleção, são as revistas infantis, quando intelligentemente selecionadas pelo professor, que irão oportunizar, desde a Escola Primária, a satisfação de um gosto natural nas crianças, que as histórias, as gravuras, vêm preencher, formando o hábito da boa leitura, hábito esse que a criança levará para a vida, onde ela deverá ser um elemento positivo no grupo a que pertencer. As revistas, apresentando histórias e gravuras variadas, satisfazem a curiosidade infantil, o que lhe é peculiar. São elas, muitas vezes, o ponto de partida ou "a pedra de toque" que auxiliará o professor a despertar na criança o gosto pela leitura."

PAULA DE MIRANDA GARCIA assim se refere:

"Uma Biblioteca Infantil não visa apenas o aspecto informativo. Ela procura, também proporcionar material que contribua para despertar o gosto pela literatura e pela boa linguagem, formando hábitos de procurar não só nos livros motivos de entusiasmo, recreação e padrões elevados a imitar.

A escolha da assinatura de revistas recreativas deve merecer estudo minucioso e inteligente, em face dos fatores sociais e psicológicos que encerram, para que se ajustem aos valores da educação e aos interesses do ser que evolui.

São por nós sobejamente conhecidos, quanto às revistas didáticas, os valores que alcançam no desenvolvimento das aptidões favoráveis, na canalização dos impulsos primitivos e na criação de atitudes e capacidades individuais desejáveis, em função do meio e em benefício da sociedade que o educando deverá integrar e melhorar."

Finalizando, apresento a opinião de **CLOÉ DE OLIVEIRA PELLANDA**:

"Razões que destaco para a assinatura de uma Revista Infantil, didática e recreativa em uma Biblioteca Escolar Primária:

- a) É notória a preferência das crianças pelas revistas e, portanto, convém ir no encontro desse interesse natural.
- b) A revista é sempre atual e traz noticiário momentoso.
- c) Numa boa revista há variados assuntos e, sendo assim, são maiores as possibilidades da criança ali encontrar a leitura do seu agrado.
- d) Em geral é limitado o tempo que o aluno tem para estar na Biblioteca. Desta maneira, ele quase não tem tempo para ler um livro inteirinho ou uma história completa. Em uma revista ele encontra, mais ou menos condensados, artigos e histórias que podem ser lidos inteiramente, o que é grande vantagem, visto como a história, que foi deixada pela metade, em geral, perde o interesse, e sua leitura não será completada depois.

- e) As crianças habituam-se a ler as revistas na Biblioteca e adquirem o hábito de comprá-las para si próprios.
- f) As revistas são bem mais baratas do que os livros e isso convém às Bibliotecas escolares, quase sempre pouco abastadas, e facilita a sua aquisição por parte dos alunos (caso acima citado).
- g) Uma boa Revista Infantil didática-recreativa auxilia imensamente os trabalhos de classe, pois acompanha com suas publicações as nossas datas festivas e, em geral, o programa de estudos da escola primária."

O BANCO...

(Continuação da pag. 35)

miliar e repetido de boca em boca — ABRA SUA CONTA E PAGUE COM CHEQUE! Isto numa época em que a propaganda luminosa, no Rio Grande, era de escasso aproveitamento pelas demais organizações. Também aqui, como na propaganda em geral, o Banco Agrícola-Mercantil tem sido um autêntico pioneiro.

Suas campanhas de sucessivos aumentos de Capital, de um sempre crescente número de acionistas e de novos clientes, principalmente novos depositantes, têm sido, todas elas, coroadas do mais absoluto êxito, como o comprovam, fartamente, as estatísticas que, no Banco, nos foram dadas a observar e, algumas das quais, exibimos ao início desta primeira reportagem.

O Banco, por outro lado, não se limita a aguardar, em seus guichês, a visita de seus clientes. Ele faz mais. Ele procura aproximar-se do público em geral, no afã louvável de, da melhor maneira possível, auxiliá-lo com os benefícios do crédito, a fim de incentivar, sempre mais, o nosso comércio e a nossa indústria, impulsionando, através deles, o progresso do Rio Grande e de sua população.

Foram, portanto, profícuos os anos desta última década para o Banco Agrícola-Mercantil, que tem suas atividades assinaladas por um cunho marcante de dinamismo e de ação, à altura dos tempos modernos.

Mas, não se detêm aí as iniciativas e o progresso da popular instituição.

Sua preocupação não tem sido sómente de impulsionar o progresso da indústria, do comércio e das iniciativas em geral de nossa terra. Comprometendo-se de seu papel e de suas origens, o Banco tem procurado, na medida do possível, aproximar-se sempre mais do povo em geral, levando-lhe os benefícios inestimáveis de uma grande campanha de economia, educando-o e preavendo-o, sempre.

Uma das facetas desta grande campanha, a que se dirige à infância e ao nosso mundo infantil, é que desejamos abordar, em especial, dedicando-lhe as próximas três reportagens desta série de quatro Revista do Ensino.

< CONTOS PARA OS SEUS ALUNOS >



Perereca

Irmã MARIA JOSE
do Colégio Bom Conselho, P. A.

Perereca não era bonito, não. Era, até, um sapinho bem feio. Tinha a boca bastante grande e os olhos um pouco saltados demais. Entretanto, embora feio, era muito simpático, aseado, muito caprichoso consigo mesmo. Andava sempre vestidinho de seda erva, com sapatinhos da mesma cor.

Morava no fundo do brejo, num chalé aquático, e, além dos banhos de água fria e dos banhos de sol, fazia ginástica, diariamente.

Perereca era amigo de toda a vizinhança, não brigava com ninguém, mas... tinha um grande defeito: falava, falava, todo o dia e quase toda a noite!

Que sapinho falador! Não parava de boca fechada!

O pai Sapo, muitas vezes, o repreendia: "Menino, você assim, não deve continuar. Quem muito fala, pouco pensa e diz, portanto, muita bobagem!"

Perereca sempre achava uma desculpa para sua tagarelice.

Um dia, chegou, até, a responder — que feio! ao pai Sapo, quando este o censurou:

— "Ora, pai! Se Deus, Nossa Senhor, me deu boca tão grande, foi, com certeza p'ra falar bastante. Senão, me teria feito nascer mundo, como o meu amigo Lambari..."

Pai Sapo ficava triste, no ver seu filho um ventoinha, mas Perereca não se corrigiu.

O peixinho Lambari era o maior amigo de Perereca.

Quando, pela noite a dentro, Dona Luísa parava nas alturas do céu, redondinha como uma joia, e, peneirava, lá do alto, sua claridade prateada, o brejo ficava branquinho como um montão de farinha.

Perereca tomava a viola debaixo do braço, saía do chalé aquático e, trepando numa rosa d'água, cantava serenatas, a mais não poder.

(Continua na pág. 23)

LENDA DO DENTE-DE-LEÃO



Contada por

PEPITA DE LEÃO

Conheces, certamente, esta planta, vulgarmente chamada — amor-dos-homens.

Seu nome é **dente-de-leão**, por causa das fôlhas, que são muito recortadas.

Mas o que talvez não saibas é a razão por que desabrocham na primavera suas lindas flores eóis de ouro; elas surgem por toda parte, nos campos, nos quintais, até na beira das calçadas, alegrando a terra com suas estrelas douradas.

Vou contar-te essa linda lenda.

Era uma vez, há muitos e muitos anos, uma infinidade de estrelinhas, que viviam no céu com sua mãe, a Lua, e com seu pai, o Sol.

A mamãe gostava de vê-las acasas logo que escurecia, para ajudarem a iluminar o céu, alegrando a terra.

Ora, não sei o que teria acontecido um dia às estrelinhas, que habitualmente eram crianças muito boas; mas o certo é que uma noite, quando a mamãe as chumou para virem iluminar o céu,

vieram muito devagar, muito devagar, e quando ela lhes disse que cintilassem, não obedeceram.

Fizeram como eu tenho visto algumas crianças fazerem: saíram da cabecinha, e um olhar zangado apagou-lhes a beleza do rosto.

Ora isto entristeceu muito sua mãe, a Lua, e quando ela viu que as crianças não iam fazer o que lhes ordenara, sabes o que fez ela?

Preenchendo os seus lugares com algumas estrelinhas boas, pequeninas, que quiseram ajudar a gente da Terra a nehar o caminho nas trevas. E bem depressa as estrelinhas más sentiram que iam esfriando, do céu abaixo.

Desciam, desciam, cada vez mais leveiro, até que caíram na Terra.

As coitadinhas choravam de sono, vendidos assim abandonadas; mas estavam também muito tristes, porque sabiam que tinham sido más.

Pela manhã, esfínho, seu pai, o Sol, surgiu com tanto esplendor, que todas as coisas acordaram

do sono da noite, até as nêns estrelinhas, que jaziam na grama.

Quando se viram no chão, começaram a gritar outra vez. O Sol ouviu-as, e vendo-as tão triste, chamou por elas e sorriu-lhes.

E escuta o que ele lhes disse:

— Agora, vocês vão ficar na Terra, e vão brilhar aí, em vez de cintilarem no firmamento, para tornarem a Terra mais bela.

E é por isso que, todas as manhãs, quando o Sol lhes sorri, elas abrem os olhos; e depois ficam brilhando o dia inteiro.

A noite podes ver as estrelas no céu; e no verão, todo o dia, verás estrelas cintilando também na relva e nos caminhos.

PERERECA...

(Continuação da pág. 21)

Vinha, então, o Lambari e ficeava horas e horas a escutar, encantado, o sapinho Perereca, enquanto a vizinhança toda se arreliava, porque não conseguia dormir.

Como o Lambari era muito calado e retraído, deixava o sapinho tomar conta da conversa, e por isso é que se tinha tornado o queridinho do tagarela Perereca.

Certa noite, houve festa na casa de D. Sapa Verde. Distribuiram-se convites para todos os moradores do brejo e das circunvizinhanças.

Perereca compareceu ao baile, que era de vala... Ali, estava, também um bom número de outros bichos mifados e graúdos.

Perereca — coitadinho! — sem se corrigir do defeito que tinha, falou quase toda a noite e, naturalmente — quem muito fala, muita tolice diz — tornou-se, até indiscreto.

No dia seguinte, o Mosquito Pernilongo andou espalhando a meio mundo que Perereca era um linguarudo, que havia feito troça, à valer, das botas vermelhas de Dona Saracura e de seu bico vermelho e comprido.

D. Saracura, quando soube disto, de "branca fionou fumaga, e prometeu vingar-se.

"Ah! Sapinho mal-ensinado, linguarudo! Não terei sossego, enquanto não te der uma sova de acabar com tua vida!"

O Lambari, que estava debaixo d'água e não longe da maldade, ouviu tudo.

D. Saracura era sua inimiga número 1. Gostava de dizer que "lambari vivinho era o que melhor lhe assentava no estômago, quando tinha fome."

E D. Saracura era tão gulosa!

O Lambari quis avisar o amigo Perereca; porém, como fazê-lo, se era mudo?

Pobre Perereca! De que lhe servia a simpatia, se era um sapinho com esse defeito tão grande: conversador e indiscreto!

Fazia duas semanas que desandava chuva sem parar. Havia uma enchente das grandes.

Perereca estava nervoso. Nem podia meter a cabeça fora de casa e, lá dentro, pai e mãe Sapos não aguentavam sua tagarelice.

Pai Sapo o proibiu de sair do chalé:

— "Você, rapaz, não sairá. A chuva de pedras é muito forte e você, franzino, está sujeito a machucar-se."

Perereca ficou calado. Era obediente, sim, mas... a tentação era tão grande, tão grande!... Perereca nunca se exercitara em guardar silêncio. Custava-lhe tanto, agora!

Enfim, que mal havia em dar uma voltinha só? Uma fugidinha? Qual chuva de pedra, qual nada! Só uma olhadinha pelo brejo e uma conversinha com seu querido Lambari... Depois voltaria...

E, enquanto o Pai Sapo ligava o rádio, Perereca escapou pela janela da dispensa...

Perereca, devagarinho, meteu a enfeça fora d'água.

A chuva parara um bocadinho. Perereca deu um salto para alcançar uma pedra.

Ai! Sentiu uma pancada no lombo... depois... vin suas perninhos seguras entre o bico de D. Saracura.

Tentou escapar... fez força... qual nada! D. Saracura chegou-se à pedra lisa e zás!... comegou a bater nela com o pobre Perereca, como se estivesse a bater bife.

Bateu tanto, tanto, que o sapinho achatou... Então, a maldada Saracura jogou o Perereca no brejo, dizendo: "Agora, sim, guardará silêncio para sempre, Perereca tagarela e conversador."

Lambari, que tudo presenciara, da beira d'água, carregou o amiguinho para o chalé aquático.

Pai e Mãe Sapos assistiram-se, quando viram o filho desfalcado, e, só depois de Pai Sapo ter tomado o pulso de Perereca e visto que ainda batia, embora fracamente, acalmaram-se.

Trouxeram unguento, fizeram massagens no pobre sapinho, remediando-o.

De então para diante, Perereca eriou juizo. Hoje, é um sapinho muito querido. Sabe controlar suas palavras e só quando anuncia bom tempo é que se dá no luxo de cantar serenatas, deliciando assim os ouvidos do amiguinho Lambari, que lhe salvou a vida.

Saudação Orfeônica

MÚS: H Villa Lobos

(A 5 VOSSES)

Maria de Loudes Rangel

1º Grupo

1º P'ra fren-te o ... Bra-sil!

2º P'ra fren-te o ... Bra-sil!

3º P'ra fren-te o ... Bra-sil! Viva o Brasil!

4º P'ra fren-te o ... Bra-sil! Viva o Brasil...

5º P'ra fren-te o ... Bra-sil! Viva o Brasil.

Salve se-te de setem-bro, sal- ve!

Viva o Brasil! Salve se-te de setem-bro, sal- ve!

Salve se-te de setem-bro, sal- ve!

Salve se-te de se-tem-bro, sal- ve!

Salve se-te de se-tem-bro, sal- ve!



COLABORAÇÃO DA S.E.A., R.G.S.

EDUCAÇÃO PRÉ-PRIMÁRIA

HÁBITOS DE HIGIENE

Entre os diversos hábitos a serem despertados e adquiridos pelo pré-escolar destacamos os de higiene.

I — Higiene do corpo:

- 1.) Tomar banho diariamente.
- 2.) Escovar os dentes várias vezes ao dia.
- 3.) Lavar a cabeça; cortar, pentear e escovar o cabelo.
- 4.) Aparar e limpar as unhas.
- 5.) Lavar as mãos:
 - a) antes e depois das refeições;
 - b) ao sair da privada;
 - c) depois do uso de tintas ou massa de modelagem;
 - d) em outras ocasiões, sempre que for necessário.

II — Higiene em geral:

- 1.) Lavar e passar roupa de boneca.
- 2.) Manter limpa a sala de aula:
 - a) Saber usar a vassoura;
 - b) Saber usar a pás;
 - c) Saber limpar o pó.
- 3.) Manter limpo o material escolar:
 - a) Lavar os pincéis;
 - b) Lavar a mesa depois de pintar.
- 4.) Forrar a mesa para o trabalho.
- 5.) Manter limpa a mesa.
- 6.) Secar a água que entornar.
- 7.) Retirar as migalhas de sobre a mesa durante as refeições.

III — Higiene propriamente dita:

- 1.) Não introduzir na boca os dedos, as mãos, lápis ou qualquer objeto.
- 2.) Não enfiar nos ouvidos, os dedos sujos, grampos ou outros objetos.
- 3.) Usar corretamente o lenço:
 - a) ao espirrar;
 - b) ao tossir.
- 4.) Saber quando deve ir à privada.
- 5.) Habituar-se ao uso de objetos individuais:
 - a) escovas de dentes e de cabelo;
 - b) sabonete e pente;

- c) toalhas: de rosto, de banho e de mãos;
- d) copos, chícaras, pratos e guardanapos.

6.) Ter cuidado com a água que bebe, que deve ser sempre filtrada:

- a) Saber que não deve beber água de bacia, regador e torneira;
- b) Beber sem ruído, evitando entornar líquidos.
- c) Tomar bocado pequeno.

7.) Mastigar bem os alimentos:

- a) aprender a distinguir o que uma criança deve comer;
- b) alimentar-se bem;
- c) comer, em quantidade adequada.

8.) Saber descansar e apreciar a necessidade do repouso:

- a) Conhecer quando é necessária a atividade;
- b) Conhecer quando o repouso é necessário.

9.) Cuidar bem dos olhos:

- a) Não os esfregar com as mãos sujas;
- b) Evitar esforço visual;
- c) Não brincar nos lugares onde haja pouca luz.

10.) Manter boa postura durante o trabalho:

- a) Manter a boca fechada durante os exercícios de educação física;
- b) Aprender a relaxar os músculos quando se escuta música;
- c) Não sentar-se demasiado perto do companheiro.

11.) Regular a quantidade de roupa de acordo com o tempo:

- a) Vestuário de verão e inverno; quando fizer calor, a roupa deverá ser clara, leve, de linho ou algodão; quando fizer frio, deverá ser escura e de lã;
- b) Vestuário adequado aos dias de chuva: guarda-chuva, capa e galochas.

12.) Aprender que toda a criança deve dormir 10 horas por dia:

- a) Vestuário apropriado para dormir;
- b) Dormir de janelas abertas.

VERSINHOS SÔBRE HIGIENE

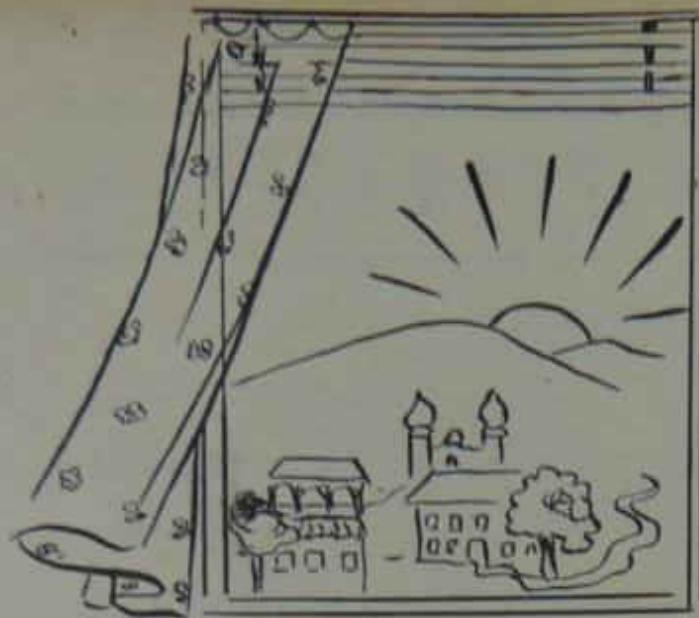
Muito cedinho
Vou-me deitar.
Que o meu corpinho
Quer descansar;

Janela aberta,
Ar, muito ar!

E sempre alerta
No respirar...

O Sol bem-vindo
Ei! acordar.
Que dia lindo
Vamos brincar.

(Mirante — Inspeção de Educação Sanitária e Centros de Saúde do Estado de São Paulo.)



A MANHÃ DO ZÉZINHO

Antonieta de Castro

*Assim que mamãe me chama
De manhã, logo cedinho,
Salto depressa da cama,
todo contente, espertinho.*

*Já dormi bastante... agora
para o banho! Incontinentemente!
Logo após, sem mais demora,
Esfrego, lavo meus dentes.*

*Depois as unhas... cuidado!
Mui bem aparadinhais!
Os cabelos bem penteados
E as roupas estoradinhas*

*Estan pronto... Ah! falta... o que?
A canequinha e o lenço;
E um lanche bom... já se vê!
E' coisa que não dispenso!*

*Agora à escola... Que gosto!
Bem limpinho e bem disposto
Então, Mamã
Beija-me e diz:*

*"Se assim fizeres,
Cada manhã,
Terás saúde.
Serás feliz."*



SADIO EU SOU

Antonietta P. de Moraes

*Sadio eu sou
E com razão,
Pois gosto d'água
E do sabão.*

*Doenças em casa
Eu não receio,
Com tão bom ar
E tanto asseio.*

*Se quer saúde,
Força também,
Nunca se esqueça:
Mastigue bem.*

COM MAMÃE

*Coisa excelente
Quando dormir,
Sempre a janela
Do quarto abrir.*

*Sadio eu sou,
E com razão
Pois gosto d'água
E do sabão.*



O BANHO

Morel Marcondes Reis

*Quer faça frio, quer chova,
nada me faz recuar;
não há o que me demova
do banho frio tomar.*

*Ele é gostoso em bacia,
em chuveiro ou de torneira;
Gosto até da cachoeira,
onde a água é bem mais fria.*

*Cedinho ninguém me chama;
eu mesmo acordo sózinho,
pulo contente da cama
e vou tomar meu "baninho".*

*Escutem esta verdade:
sem a água ninguém passa!
E é grande a sua bondade:
nada nos custa, é de graça!*

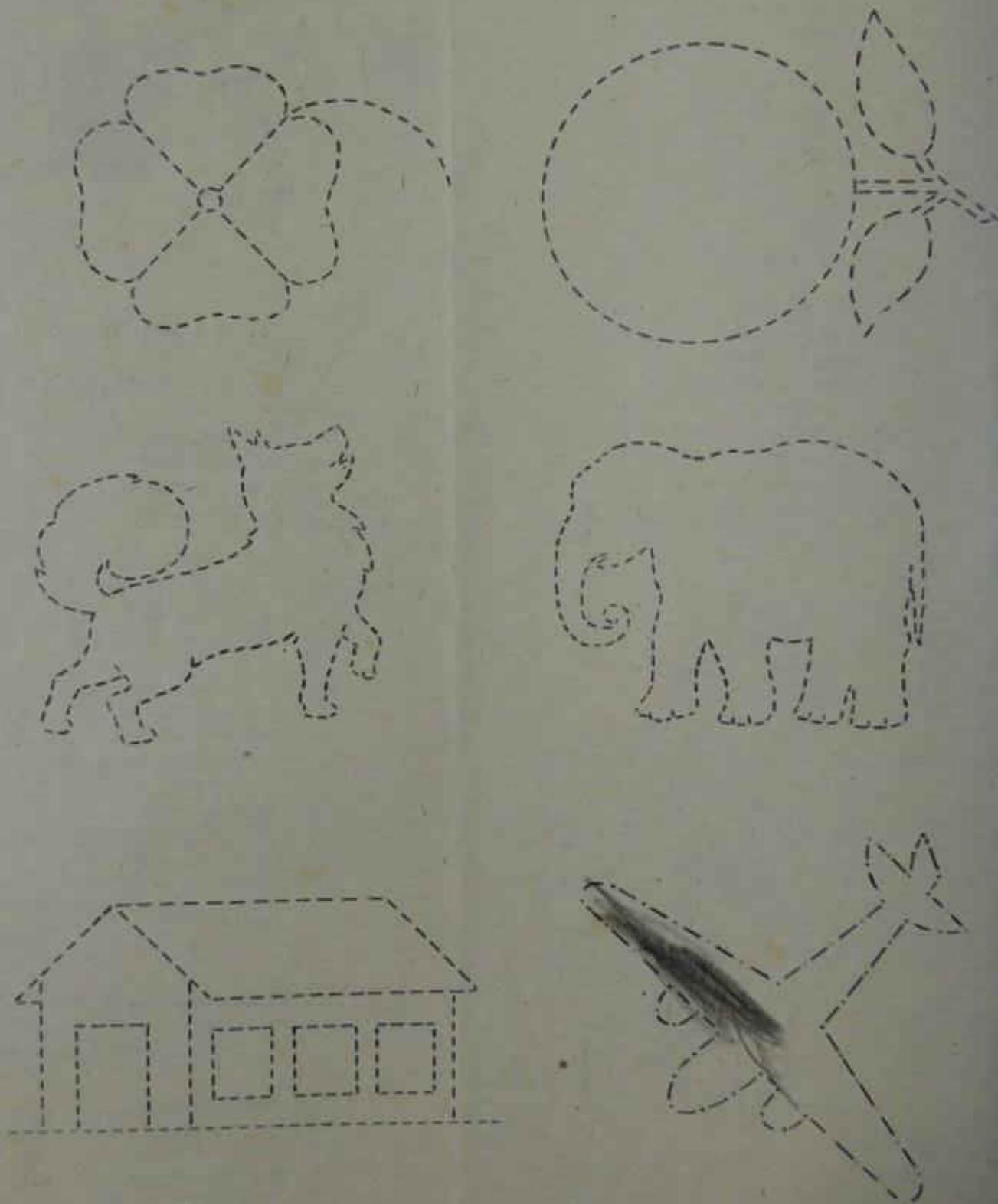


MENINO PRUDENTE

Vicente Guimarães

*Todo menino prudente,
Educado, inteligente,
Que se sabe comportar,
Em sua própria defesa,
Antes de assentarse à mesa
Vai as mãozinhas lavar.*

Trabalhos de perfuração e alinhavo executados sobre cartolina.
A criança deverá perfurar e contornar com lâ ou linha grossa
e colorir a gravura.



JARDIM DE INFÂNCIA - I^º PERÍODO.

CARNEIRINHO, CARNEIRÃO

ALLO NON TROPPO

(2a. versão)

FOLCLÔRE INFANTIL



Carnei- ri-nho, car-nei-rão, neirão, nei-rão, Olhai pro
céu, olhai pro chão, pro chão, pro chão, Manda o Rei, o Rei Se-
nhor, Senhor, Senhor, Para to-dos seá- jo- e- lharem. Carnei-

NOTA - Uma série de movimentos em conjunto, podem ser feitos
segundo a letra:
1 - Para todos se sentarem

2 - " " se deitarem

3 - " " se levantarem

2^º PERÍODO.

PAI FRANCISCO

TEMPO DE MARCHA DE RANCHO (1a. versão)

FOLCLÔRE INFANTIL



Pai Francisco entrou na ro--- da P'ra to- car seu vio-

lão! Dararão! Dão! Dão! Vem de lá seu de-le- ga-do E

pai Fran-cisco vai p'ra pri-são. Como é-le vai todo reque-

brado parecem bo-ne-co de-sengon- çado, Como é-le -çado

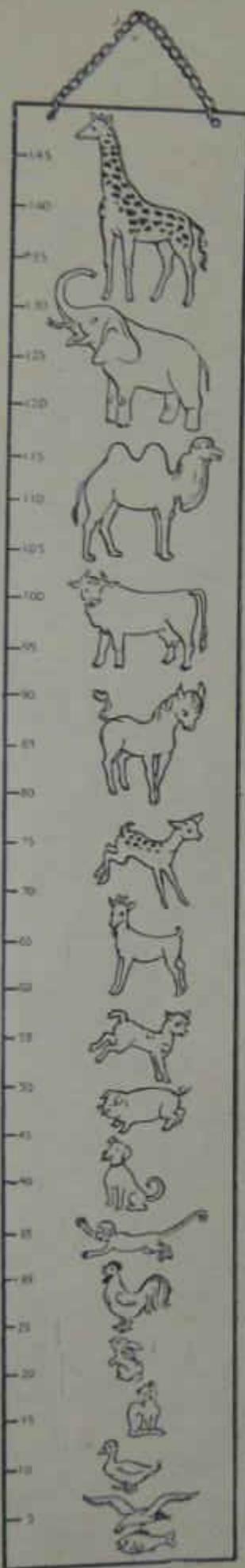
SERVIÇO DE EDUCAÇÃO MUSICAL E ARTÍSTICA. D. F.

A FITA MÉTRICA ILUSTRADA PARA CRIANÇAS



JARDIM DE INFÂNCIA DO
GRÊMIO NÁUTICO UNIÃO

Gisela Schmeling



O desenvolvimento físico é uma necessidade que constitui a base de toda educação. Na idade infantil a criança encontra-se em pleno crescimento e daí a importância de boa saúde, exercícios ginásticos, jogos ao ar livre e exercícios re-creativos.

E' conveniente interessar a própria criança no seu crescimento e no seu desenvolvimento físico em geral.

Registrando a altura de cada pequeno no decorrer das primeiras semanas de aula, poderemos observar se houve desenvolvimento satisfatório no fim do ano letivo.

Para cativar o interesse dos próprios alunos nesta atividade, dou exemplo duma "Fita métrica" ilustrada, com auxílio da qual, apesar de não conhecerem os valores dos números, poderão verificar o seu constante crescimento.

A fita é pintada sobre uma tira de celulóide de uns 10 cms. de largura e poderá ter 1,35 mtr. à 1,50 mtr. de comprimento.

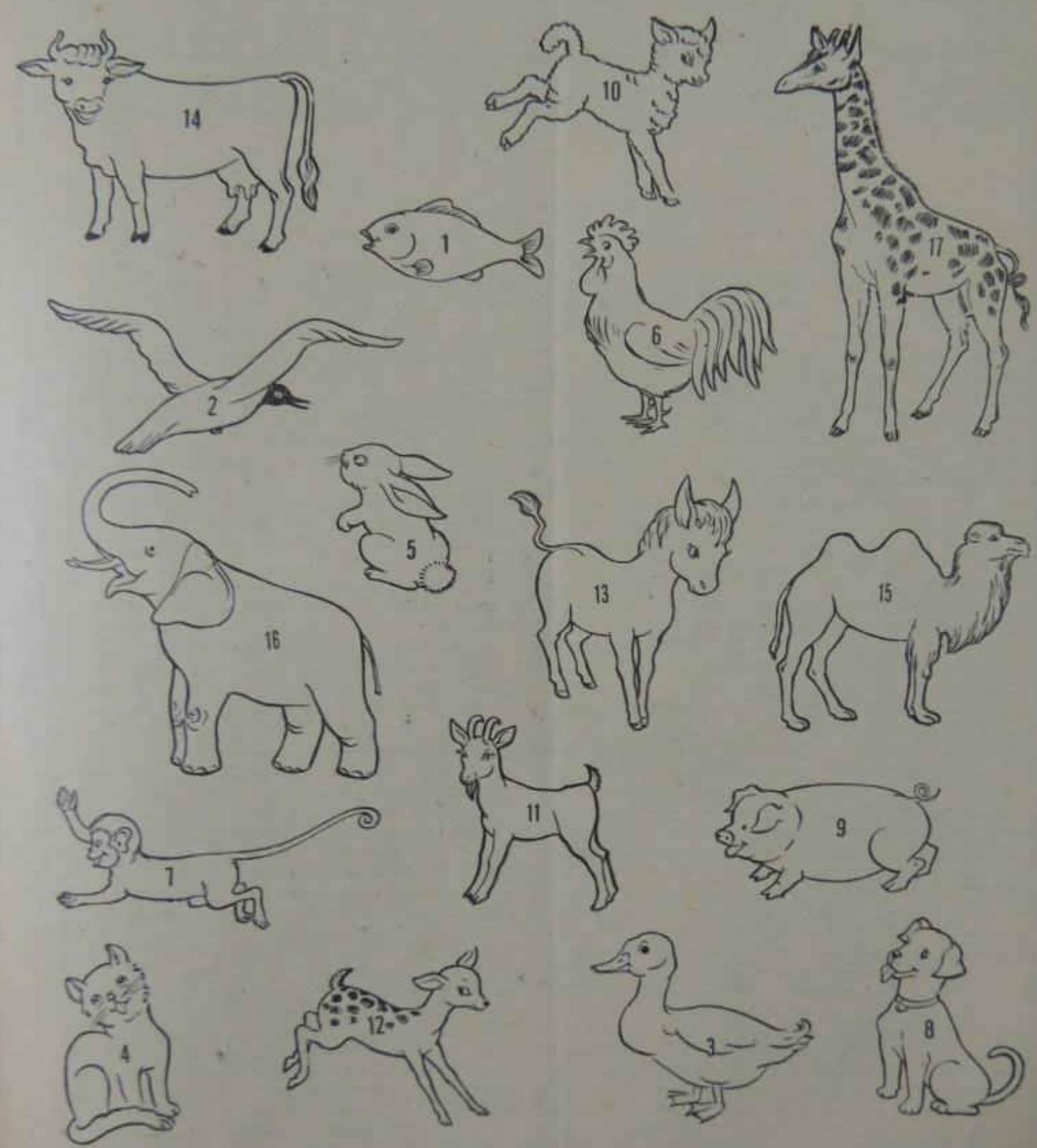
Para ilustrar a mesma, já marcada em centímetros, aproveitei animais em tamanhos crescentes de baixo para cima. Os desenhos devem ser feitos à óleo.

A criança ao encostar para ver-

ficar sua altura, deverá guardar o nome do animal, ao qual sua cabeça já alcançou.

Por exemplo: Mariazinha chegou até a ovelha; João já cresceu mais e alcançou os pés do cão.





Para os pequenos colorirem.



Ensino Religioso

P. A. Neomonte

A ORAÇÃO DAS CRIANÇAS

Recebemos das catequistas contínuas queixas a respeito das orações das crianças. Ou não gostam de rezar; ou começam bem, mas logo se enfadam e ficam impacientes e distraídas; ou gostam, quando pequenas, mas fogem depois de crescidas; ou rezam mal, sem ligar o que estão dizendo... E assim por diante.

Existe, na PEDAGOGIA DO CATECISMO um capítulo sobre este assunto. O que aqui escrevo agora não dispensa de rever o que ficou lá estabelecido.

Parto sempre do princípio de que é preciso ensinar às crianças a rezar e não simplesmente ensinar orações. Creio mesmo que isto é o que mais tem faltado. Que as crianças falem, conversem com Papai do Céu, como falam com seu pai. Coisa natural, espontânea, viva. O essencial é estabelecer entre a criança e Deus as relações conscientes, que são a essência mesma da Religião.

Dirão, talvez, que isto é difícil, se não impossível com crianças. Mas não é. É até bem fácil. Ainda antes de falar, a criança já pode começar estas relações. São simples gestos: juntar as mãos, beijar as imagens, jogar beijinhos e outras coisas assim que orientam a criança. Quando a criança começa a falar, diga os nomes de Papai do Céu, continuando os mesmos gestos. Ainda nesta idade, a atmosfera religiosa, o exemplo dos pais servem para encaminhar o pequeno para Deus.

Não se comece o ensino por determinadas fórmulas, nada infantil. Mas se comece a mandar dar bom-dia a Papai e a Mamãe do Céu, a pedir o que quer, a agradecer as coisas, indo com palavras simples, na própria linguagem de criança, como se faz com todas as outras coisas.

Mesmo quando as crianças crescem mais, continuam a fazer que rezem assim, espontaneamente, vivamente, pondo ao lado disto algumas fórmulas fixas, de que ainda não devemos fazer grande questão. E não esqueçamos de juntar sempre o gesto às palavras, de fazer as orações diante de imagens, como falando com elas, ali pertinho, abraçando-as, beijando-as. Seria ótimo que essas imagens fossem sempre bonitas e faliassem da vida das crianças. (Um menino Jesus, Nossa Senhora com o Menino no brago.)

Em qualquer caso as orações das crianças devem ser curtas, muito curtas, vivas e variadas. Se as crianças ficam impacientes, às vezes é porque lhes impomos longas orações. Vem a preguiça, o enfado, o horror à oração — o pior serviço que lhes podemos prestar principalmente à noite, quando estão cansadas ou com sono, ou dissipadas, basta fazer uma leve oração. Longas, estão desproporcionadas à capacidade infantil. Quando as orações forem em comum, devemos ter sempre o cuidado de variá-las, de intercalar cantos e deixar ora que rezem por si, ora repitam fórmulas. A variedade descansa. Assim não lhes damos tempo nem oportunidade para ficarem distraídas, impacientes ou enfadadas.

As crianças rezam mal, sem saber o que estão dizendo... Quem reza, sem saber o que está dizendo, reza sempre mal. Sendo ainda muito provável que nem rezem! Diga só as palavras da reza. A culpa não cabe às crianças. Começamos errando, ao lhes ensinarmos as orações. Elas aprendem as palavras, sem sentido. Repetem automaticamente! Aprendem "orações", não aprenderam oração.

Dirão que certas fórmulas são mesmo difíceis para as crianças. O Padre-Nosso, por exemplo. A Ave-Maria tem passagens que as crianças não podem perceber. Sim, mas é necessário que a criança não decore o que não lhe dá idéia alguma de oração. Ela sabe o que pedimos no Padre-Nosso e o que dizemos na Ave-Maria. Isto facilita a atenção. Além disso, essas fórmulas basta ensiná-las aos que já têm capacidade para a primeira comunhão.

Se as grandes fogem da oração, é que não foi suficiente o nosso trabalho educativo. Dando a idéia da oração, devemos dar igualmente o gosto, o desejo de rezar, devemos fazer sentir a necessidade da oração. Devemos dispor a criança para o hábito da oração da manhã e da noite, de tal modo que ela faça isto por toda a vida. Não é obrigar a rezar, não: isto seria o melhor modo de fazê-la não rezar mais quando se visse livre de nós. E fazer a oração passar para a sua vida como uma exigência interior e profunda, integrá-la nas suas relações com Deus. Desta maneira, quando crescerem continuarião a rezar.



Foto de alguns dos modernos bungalôs, construídos pelo Banco, através de sua carteira imobiliária interna, para um grupo de funcionários. A orientação social e a participação direta dos funcionários na vida da instituição são, igualmente, um dos principais característicos do Banco Agrícola-Mercantil.

Longe estava, por certo, o saudoso missionário jesuíta, Pe. Theodor Amstald, de prever o futuro e o desenvolvimento que alcançaria a modesta Caixa Cooperativa que, com seis denodados companheiros, fundava naquele longínquo ano de 1904, em Santa Cruz do Sul.

O desenvolvimento, entretanto, e a transformação por que passou o Banco Agrícola-Mercantil S. A., a ponto de figurar, hoje, com destaque, entre as instituições de crédito sul-riograndenses, não se verificaram, como se é levado a pensar, ao correr destas cinco décadas. Ao contrário. Da data de sua fundação ao ano de 1938, a antiga Caixa Cooperativa conservou-se dentro do âmbito regional de seu município, abrindo filiais, tão-somente, a partir deste ano, uma das quais na Capital do Estado.

O progresso, portanto, que se registrou na história do Banco, verificou-se de uma década para cá. Dentro dela, o estabelecimento não tem, por assim dizer, parado de crescer. Como por um passe de magia, a modesta instituição de ontem possui hoje nada menos de 57 departamentos, disseminados pelos mais diversos e distantes rincões do Rio Grande.

— o —

O mágico condão, entretanto, que tocou o Banco Agrícola-Mercantil S. A. não fez sentir seus efeitos sómente quanto ao número de departamentos. Muitos, muitíssimos característicos, tornaram este Banco a instituição de crédito mais popular e mais difundida, dentro das fronteiras gaúchas. Três destes característicos, sobretudo, distinguem o estabelecimento, sobremaneira, entre os seus congêneres no Estado:

- 1º é o estabelecimento de crédito que mais rapidamente cresceu;
- 2º é o banco de maior número de depositantes, e
- 3º o de maior número de acionistas.

O crescimento do Banco está, por assim dizer, espelhado com fidelidade no aumento dos depósitos que lhe são confiados pelo público em geral. O montante que em 1938 era de 22 milhões, em cifras redondas, aproxima-se, hoje, 500 milhões, demonstrando, sobejamente, a preferência com que o vem distinguindo a população sul-riograndense.

Mais de uma centena de milhar de pessoas (102.194 em 31 de

O BANCO E SUA CAMPANHA

maio p.p.) confia suas economias, por menores que sejam, ao popular estabelecimento de crédito, que, neste particular, sobrepuja a maioria, para não dizer a totalidade, das instituições bancárias nacionais.

Os quotistas do Banco, que em 1938 eram 25, apenas, multiplicados aos milhares e transformado em acionistas, espalham-se pelo Rio Grande afora, divididos entre as mais diversas camadas e profissões, somando hoje a 3.718. O Capital da instituição de 580 mil cruzeiros passou, atualmente, para nada menos de 54 milhões.

Um exemplo, entre muitos, atesta o progresso vertiginoso do "Agrimer". Em 1938, desconhecido, ignorado pela quase totalidade da população porto-alegrense, para não dizer gaúcha, o Banco Agrícola-Mercantil instalava sua filial na Capital, no mesmo local em que, atualmente, funciona sua Casa Matriz, à rua 7 de setembro, nº 1077.

Hoje, a fim de poder, satisfatoriamente, corresponder à preferência com que o vem tratando o comércio, a indústria e o público da nossa Metrópole, o Banco — também neste sentido adiantando-se a seus congêneres — fez funcionar, em Porto Alegre, além de sua Casa Central, mais três agências metropolitanas, instaladas, respectivamente, nos promissores arrabaldes de São João, Azenha e Passo da Areia.

No centro, adquiriu o prédio que, dando frente para a Rua dos Andradas — principal artéria da Metrópole Gaúcha — confina com a Matriz, a fim de poder desafiar os seus serviços e, num futuro próximo, ali erguer um soberbo edifício, que seja, ao mesmo tempo, uma homenagem ao progresso de Porto Alegre e um marco erigido à memória dos inesquecíveis

AGRICOLA-MERCANTIL S.A.

NHA DE ECONOMIA JUNTO À INFÂNCIA

1.º — *O Banco. Seus principais característicos. Seu desenvolvimento e suas campanhas.*

(1.º de uma série de reportagens sobre a campanha de economia junto à infância, levada a efeito pelo BANCO AGRICOLA-MERCANTIL S. A.).

pioneiros que, no solo fértil de nossa Colônia, fundaram um dia a modesta Caixa Cooperativa.

A época atual, de progresso vertiginoso e idéias avançadas, é, por certo, bem diferente daquela em que viveram os nossos avós.

Momento de ação, de dinamismo e de avanços em todos os sentidos e em todas as direções, está a exigir em todos os terrenos da atividade humana, métodos diferentes de trabalho, que se coadunem com a era que passa. Os que não se conformarem com este permanente irão sendo, por certo, qualquer que seja a sua atividade, relegados para planos inferiores.

Isto, entretanto, não acontece com o Banco Agrícola-Mercantil S. A. Dirigido por homens moços, dinâmicos, mas experimentados, de capacidade e visão — como são os conhecidos banqueiros K. Weissheimer, Emilio O. Kaminski e Egydio Michaelsen — o Banco Agrícola-Mercantil vem acompanhando, pari passu, a época presente — de ação e de progresso.

Ainda e principalmente neste sentido, se tem distinguido a popular e conceituada instituição bancária.

Despindo-se de métodos vetustos e de antigas orientações de trabalho, vem caracterizando as suas atividades por uma série de campanhas, que o lançaram no apreciável progresso, por que ainda passa e que o guindou à posição de destaque no cenário econômico estadual.

Visando educar o nosso povo, beneficiando-o e salvaguardando os seus interesses, encetou o Ban-

co, desde longa data, uma intensa e persistente campanha de uso do CHEQUE, cujos reflexos de utilidade, mais do que nunca, se fazem sentir nos dias que correm.

Como corolário dessa campanha, instalou na fachada principal de sua Casa Matrix, um possante luminoso com o slogan, já hoje fa-

(Continua na pág. 20)

Prédio próprio em que funciona a Agência Metropolitana do Banco, situada no progressista arraial de São João. Neste mesmo edifício estão instalados, provisoriamente, no terceiro andar, a Direção Central e as instalações do Clube Juvenil e, no quarto, o Auditório da organização.





BRASIL PELA IMAGEM



O passado e o presente se contrapõem em Minas Gerais. Ao lado das cidades modernas vemos encontrar as velhas vilas que guardam estórias de antigos monumentos. Paralelamente aos processos empíricos de exploração do solo se expandem os chaminés e as estruturas das novas indústrias. As duas faces de Minas, portanto, se fundem num só, em nossos dias.



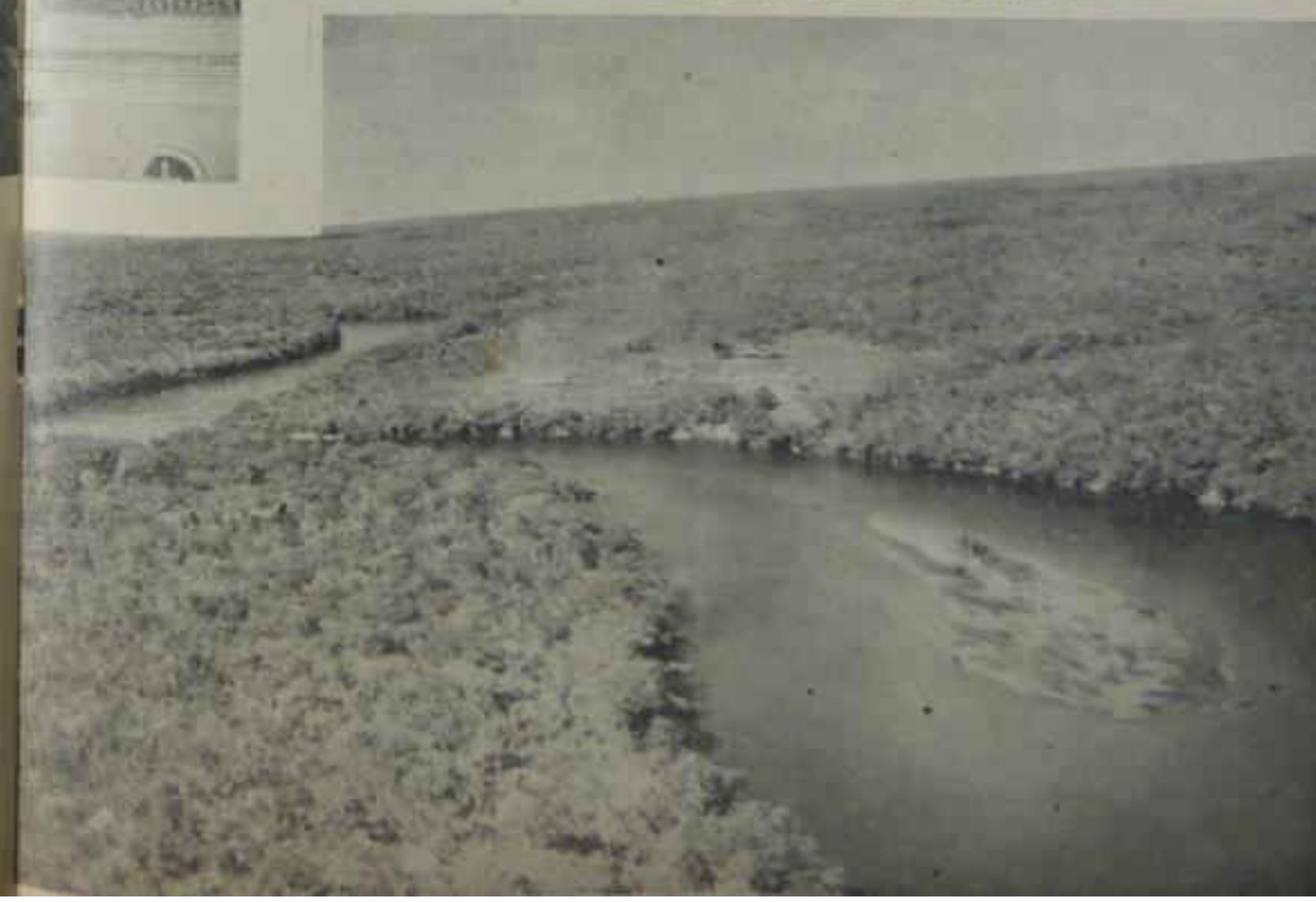
— — —
Chegada no pôrto de Ilhéus,
Assombro de vista. Linda!



Eduardo Góis



Vista da Base do Rio das Mortes, já dotada de estação rádio-telegráfica e campo de pouso.



COMO ENSINEI A LER UMA CLASSE "FORTE" SELECIONADA PELOS TESTES ABC

Prof.ª HELENA MANDRONI

Diretora da Escola Primária do
Instituto de Educação, D. F.

Adaptar a aprendizagem às condições do desenvolvimento natural da criança é princípio básico da escola renovada. Em relação às turmas de 1º ano, e, em especial, quanto à aprendizagem da leitura e da escrita, esse princípio veio trazer novos problemas à organização escolar. As crianças aprendem a ler e a escrever, com velocidade variável, e essa variação é devida também às condições de desenvolvimento ou maturidade. Não há, assim, uma idade cronológica exata para início da aprendizagem da leitura e da escrita, como também não há um nível de idade mental específico. A aprendizagem das técnicas referidas depende mais do que se veio a chamar de *nível de maturidade*, que da idade cronológica e da idade mental.

"Não se trata de uma aptidão específica, de uma função x, mas de certo nível de comportamento, ou melhor, de uma disponibilidade de recursos que julgamos acertado supor como nível de maturidade", diz Lourenço Filho, em seu livro sobre o assunto, Testes A B C. E além de focalizar o problema, o mesmo autor organizou as provas capazes de revelar o nível do que chamou a maturidade necessária para a aprendizagem da leitura e escrita. Essas provas têm sido aplicadas, desde 1934, nas escolas primárias do Distrito Federal e, assim também, na Escola Elementar do Instituto de Educação.

No ano letivo de 1934, foram submetidas aos testes 156 crianças, isto é, somente os alunos analfabetos, pois os 35 já iniciados formaram uma turma em separado, a turma 1B. Ora, com tão reduzido número de alunos a submeter a uma prova, uma homogenização completa seria difícil. Haja visto que numa classe — a mais forte — se concentraram alunos de 13 a 21 pontos (amplitude de 9 pontos) e, na mais fraca, os de 4 a 9 (amplitude de 6 pontos). Como sempre acontece, os médios predominaram. A turma média pôde ficar em melhores condições de homogenização que as duas outras, pois nela se gruparam alunos classificados com variações de 3 pontos apenas. Por estes dados, bem se pode, pois, compreender os problemas que deveriam surgir, e que de fato surgiram no decorrer da aprendizagem, na turma que me foi confiada — turma não perfeitamente homogênea, mas seletiva.

ASPECTO GERAL DAS TURMAS

A simples inspeção, por um olhar, dos grupos de crianças de uma e outra turma bastaria para

concluir: esta é a classe fraca, aquela é a forte. O físico o denunciava: na primeira, crianças mal nutridas, abatidas, algumas excessivamente tímidas ou apáticas, outras excitadas; na outra, crianças mais normalmente nutritas, alegres, vivazes, mais capazes de ouvir e de atender.

Um fato curioso, logo no segundo dia de aula, diferenciou as crianças dessas turmas. Passaram elas o dia inteiro com a sua professora, em sua sala de aula. Foi naturalmente um dia para conhecimento dos colegas, da professora, do ambiente escolar. No dia seguinte, à entrada, encontrou-se toda a escola num salão antes de seguir para as respectivas salas de aula. Para o 1º ano tudo aquilo era novidade, era desconhecido; naquele meio, seria natural que as crianças novatas estivessem um pouco desorientadas. Mesmo assim, encontrei meus alunos, quase todos reunidos, conversando animadamente. Já com a outra turma isso não acontecia. Achavam-se as crianças aqui, ali, sem saber onde ficar.

Entraram as turmas para as salas. A minha sabia já o caminho a seguir. Procedi à chamada. Contei os alunos para ver se realmente o número coincidia com o de presenças, na ficha. Não. Na sala havia excesso. Repeti a chamada, repeti a contagem; o excesso continuava.

— Eu chamei o nome de todos vocês? indaguei. Silêncio.

Disse-me uma criança, então:

— "D. Helena, este menino não estava aqui, ontem..."

— "Vem cá, meu filho, você esteve ontem aqui nesta sala?"

— "Não sei..."

— "Você ficou ontem comigo?"

— "Fiquei..."

Comecei, então, a ver se me lembrava das fisionomias dos meus alunos e verifiquei que vários não o eram. Nessa ocasião já a professora da classe fraca entrava à procura de alguns pequenitos seus, que ela vira lá fora, e, no entanto, não estavam na sala... Bem diversa era pois a capacidade das crianças de uma e de outra turma.

Um rápido exame das fichas confirmaria esclareceria o assunto. Os testes A B C classificam as crianças por níveis de maturidade. Mas maturidade de quê?

1) "Das coordenações cinéticas ou de movimentos em geral, e particularmente, das coordenações visual-motriizes e auditivo-motriizes, que con-

dicionam a conduta da cópia de figuras e a capacidade de prolação; mas ainda, da coordenação que condicione a resistência à tendência de inversão, na cópia dessas figuras, e resistência à ecolalia na linguagem oral".

Ora, os testes 1, 3, 4, 6 e 7 dão-nos resposta a essas exigências, e assim verificamos que:

No teste 1, 2,27% alcançaram 0 ponto; 15,91%, 1 ponto; 38,64%, 2 pontos; 43,18%, 3 pontos.

No teste 3, 70,45% alcançaram 0 ponto; 20,45%, 1 ponto; 4,55%, 2 pontos; 4,55%, 3 pontos.

No teste 4, 18,18% alcançaram 1 ponto; 81,82%, 2 pontos.

No teste 6, 2,27% alcançaram 0 ponto; 4,55%, 1 ponto; 61,36%, 2 pontos; 31,82%, 3 pontos.

No teste 7, 2,27% alcançaram 0 ponto; 2,27%, 1 ponto; 45,45%, 2 pontos; 50%, 3 pontos.

2) "Da coordenação que permite resistência à fadiga e assim, um mínimo de atenção dirigida". Tais condições são verificadas pelos testes 2, 5, 7 e 8, nos quais nossos alunos haviam conseguido:

No teste 2, 6,82%, 1 ponto; 81,82%, 2 pontos; 11,36%, 3 pontos.

No teste 5, 13,64%, 0 ponto; 29,55%, 1 ponto; 45,45%, 2 pontos; 11,36%, 3 pontos.

No teste 7, 2,27%, 0 ponto; 2,27%, 1 ponto; 45,45%, 2 pontos; 50%, 3 pontos.

No teste 8, 13,64%, 1 ponto; 86,36%, 2 pontos.

Os testes de n.º 2 e 4 verificavam também a coordenação que facilita a memorização visual e auditiva para figuras, palavras e frases, ponto inicial de todos os processos didáticos correntes, para o aprendizado das técnicas do ler e do escrever.

Em relação ao conjunto da outra turma, considerada fraca, era evidente que se havia obtido uma relativa homogenização, de importância para a aprendizagem das técnicas fundamentais do ensino primário.

DEFINIÇÃO DOS OBJETIVOS

No entanto, não podia considerar todos meus alunos como iguais. Deveria analisar o perfil da turma, como um todo, e devia também estudar o psicograma relativo a cada aluno. Havia diferenças sensíveis, dignas de nota. Deveria talvez usar exercícios diferentes, para alguns, diversamente motivados também.

Os objetivos do ensino de minha turma deveriam ser definidos como duplos: a) o de propor exercícios que motivassem e fizessem aprender a leitura e escrita; b) o de conservar os alunos, tanto quanto possível, num nível homogêneo de aprendizagem, embora devesses existir, ainda assim, diferenças individuais muito sensíveis.

MEIOS EMPREGADOS PARA ATINGIR ESSES OBJETIVOS

Na escrita — O resultado da classificação desde os primeiros dias se verificou na velocidade de aprendizagem. Para controle, os primeiros exercícios de escrita foram guardados e a frase, dada

como modelo, repetida todos os meses, no dia 16 (16 de março foi o primeiro dia de aula), podendo assim ser comparado, os vários trabalhos.

Das 44 crianças classificadas como fortes, verificou-se o seguinte resultado no primeiro exercício tentado:

— 18,18% copiaram de maneira quase reconhecível;

— 22,75% de maneira reconhecível;

— 38,63% de maneira muito reconhecível;

— 13,63% copiaram, embora não terminando o exercício;

— 6,81%, apenas, não conseguiram copiar.

Um mês depois, porém, já outra era a situação dos alunos:

— 21,21% copiavam de maneira reconhecível;

e 78,78% de maneira muito reconhecível.

A incapacidade de coordenação dos movimentos finos ou delicados da escrita encontrou solução nos exercícios sistemáticos de caligrafia muscular, em que o ritmo, marcado por meio de canticos e frases adaptadas a uma situação interessante, despertava o gosto pelo trabalho.

Os movimentos eram feitos, primeiramente no ar, depois no quadro-negro, e reproduzidos, a seguir, no papel.

As letras foram apresentadas — uma frase diária, ligada ao projeto que se desenvolvia na ocasião, e em que predominasse determinada letra, maiúscula e minúscula, frase que era copiada alternadamente com exercícios ora de retas, ora de ovais, para aquisição do tamanho, espaçamento e inclinação das letras. Esses exercícios eram feitos com o ritmo marcado pelo canto. Tão grande foi o prazer que sentiram as crianças, que para esses exercícios elas próprias arranjavam histórias e até canticos. Assim, são da autoria da turma as músicas de "Os óculos do vovô", "O Mimi", "O relógio", "Os laços", "O telhado" — depois aproveitadas para uso geral (1).

Depois de apresentadas todas as letras do alfabeto preocupou-se, então, a turma, com o aperfeiçoamento da escrita. E para que a criança pudesse diariamente comparar seu trabalho e atribuir-lhe notas, foi organizada em setembro, uma escala padrão, com material colhido nas turmas fraca e forte.

Grande foi o interesse dos alunos para conseguir o máximo da escala. As médias de qualidade obtidas no correr do ano, foram as seguintes:

Março	13,91
Julho	24,3
Outubro	29,4
Dezembro	44,7

Essas médias referem-se a exercícios copiados do quadro-negro. A cópia de um trecho mimeografado, no mês de dezembro, deu a qualidade média de 37,3.

(1) V. *O ensino da escrita*, pela Prof.ª Orminda Isabel Marques, Arquivos do Instituto do Ensino, vol. I, n.º 1, págs. 57 a 90.

Relativamente à velocidade, apenas em dezembro fez-se uma prova em que se verificou uma média de 52 letras por minuto, bastante apreciável para crianças da idade de nossos alunos, entre 7 anos e 7 anos e meio.

Na leitura — Qualquer processo para o ensino da leitura poderia ser ensaiado, na turma, desde que houvesse boa motivação. Para maior facilidade, usei, porém, o processo da sentenciagem.

A motivação não é só o despertar a curiosidade ou o interesse momentâneo. É mais do que isso, a implantação de um "propósito" claramente entendido e desejado.

Pela idade de minhas crianças nada mais as interessaria do que um brinquedo. Pensamos, então, pela sugestão de um quadro existente na sala de aulas, na *organização de um bazar*.

Grande número de brinquedos foi levado para a escola, pelas próprias crianças, e as aulas se encaminharam, encadendas e divertidas.

Antes de iniciar os exercícios propriamente de leitura, cuido com grande interesse, da correção da pronúncia e boa articulação, ligando esse trabalho a dramatizações que levavam a definir o propósito que toda a turma deveria ter presente. Jogos de observação e de educação sensorial foram igualmente utilizados, alguns da coleção Deeroly, outros feitos com figuras recortadas de catálogos e revistas ilustradas, ou com silhuetas de papel colorido. Nêles as crianças se exercitavam na observação de minúcias, de forma e de cor, estabeleciam comparações, observavam semelhanças e diferenças.

Tudo, porém, girava em torno do projeto já referido — a organização do bazar.

Aproveitei sempre, para a leitura no quadro, as sentenças organizadas pelos alunos, escolhendo as que mais se prestassem para a fixação de palavras. Logo no primeiro período de ensino, no quadro-negro, o reconhecimento de palavras surgiu, naturalmente. Apenas alguns dias mais, e a decomposição de sílabas, já se fazia prontamente. Seguiu-se a de palavras.

O interesse era de tal modo vivo que, muitas vezes, fôrça destacada mais de uma letra por dia. As primeiras apresentadas foram v — i — d — m —, escolhidas de acordo com a predominância de palavras nas sentenças. Já agora tinha que limitar um pouco a liberdade da turma no construir as sentenças, guiando-a, sem que percebesse, para o fim particular que eu desejava, enquadrado no propósito geral da turma.

Foram utilizados vários jogos, que concorreram para um rápido desenvolvimento dos exercícios e tão grande interesse tiveram as crianças nesse período, que organizaram, por si, muitos exercícios de palavras cruzadas.

Algumas letras e grupos consonantais ainda não haviam sido apresentados à classe, mas tão desembaraçada ela estava, que já era chegado o momento de se lhe entregar o primeiro livro de leitura. Isso foi feito a 15 de maio, isto é, dois meses apenas depois de iniciadas as aulas.

Mesmo depois de ter recebido o livro de leitura, a turma recebeu aulas no quadro-negro. O livro,

no entanto, tornou-se o interesse permanente da turma, e dela surgiram todos os exercícios de linguagem, cálculo, conhecimentos, desenho e trabalhos manuais.

Vários livros de histórias ganharam a turma, no dia da entrega da cartilha, razão por que surgiu a idéia da construção de uma estante, para a arrumação desse material.

Era um segundo projeto, já agora proposto pelos próprios alunos. Mais do que o primeiro, desejoso a um ambiente de vida real; foi um projeto que interessou não apenas os alunos de nossa turma, mas aos das várias turmas da Escola. Os próprios pais das crianças interessaram-se pelo trabalho, curiosos de ver a estante de que tanto lhes falavam, em casa, os filhos... A atividade construtora repercutiu em casa de um menino, que lá para si próprio uma estante igual à da classe.

Foi trabalho que durou cerca de três meses e que deu ensejo a aprendizagens muito interessantes. Os mais tímidos deixaram de ser: já tinham iniciativa. Foi o que se verificou, por exemplo, no debate da escolha da cor da tinta ou verniz, com que a estante deveria ser acabada.

De que cor deveria ser? Deveria ser pintada ou envernizada? A própria turma chegou a conclusão de que, se o material da sala era todo de verniz escuro, a estante também deveria ser assim. De massa foram modelados alguns animais e jarrinhos para enfeitiá-la. Não foi esquecido um chás, feito de uma caixa de papelão envernizado, para que as crianças desde logo se habituassem à boa ordem no manejo dos livros...

Os livros foram adquiridos, muitos pela turma, outros presenteados pelos colegas e professores. Outros ainda feitos por eles próprios, com histórias recortadas de jornais e revistas ilustradas, coladas em folhas de cartolina, sob a forma de álbuns. Ao ser inaugurada a estante, festivamente, em agosto, contava 66 volumes. Ao terminar o ano letivo, 98.

Nesse mesmo mês de agosto, a turma foi submetida a testes para a reclassificação dos alunos, e a classe passou a ter nova classificação, de acordo com o índice de aproveitamento.

Já agora, a turma lia com relativo desembargo. Segundo os testes de leitura oral, aplicados por alunos do 2º ano da Escola de Educação, sob a direção da professora assistente de Linguagem e Leitura, a média de palavras lidas por minuto, no livro da classe, atingiu quase quarenta. A leitura à primeira vista deu o resultado médio de 31 palavras por minuto.

Vencida a aprendizagem inicial da leitura, tornou-se intenso o seu treino.

Grande era o interesse das crianças pelos livros, tanto nos exercícios de leitura oral, como de leitura silenciosa. Todas as oportunidades eram aproveitadas para isso, nas atividades ligadas por vários projetos e unidades de trabalho.

Dado o resultado das turmas de 1º ano, em relação à Linguagem, por aquiescência da Seção

(Continua na pág. 72)

A HONRA DE PERTENCER AO GÊNERO HUMANO "CREDO DE MATURIDADE"

Dra. TRACY DOYLE

Livre docente de Psiquiatria da UNIVERSIDADE DO BRASIL e Psicanalista pelo WILLIAM ALANSON WHITE INSTITUTE — U. S. A.

Se quiseres merecer este privilégio, não esqueças de procurar o caminho da liberdade — sentir que os teus gestos têm, dentro de ti mesmo, uma direção e um sentido, pois quebrar pedras unicamente constitui o melhor símbolo de prisão.

Desperta para as realidades do teu ser humano de surpresas, sem te acovardares perante sombras, de tal modo que os teus olhos possam, também, ver as luzes dentro de ti.

Deixa-te envolver pelo que há de universal no mundo e, deste modo, concede amplo sentido à tua vida e à tua morte.

Não tentes sufocar a tua natureza humana e permite que respire o que há de verdadeiro dentro de ti — só assim poderás sentir-te como o músico que tira harmonias do silêncio; como o cientista que penetra as fronteiras do desconhecido; como o médico que cura o doente ou como o sacerdote que conforta o sofredor.

Não fujas das causas comuns, porque só elas podem te conceder o precioso sentimento de solidariedade e camaradagem com outros seres humanos como tu. Deixa-te penetrar pela felicidade que há em dividir teu último pedaço de pão com outros que têm fome. Fraterniza com os teus irmãos e procura aprender a linguagem do homem.

Reconhece a razão, quando ela estiver do teu lado. Em busca da verdade, deixa-te levar pelo misterioso pressentimento que a intuição apontará dentro de ti, e se encontrares a verdade que ilumina, adere a ela, de preferência, a crenças que confundem e esterilizam.

Compreende que a salvação do homem não está na discussão de ideologias, por mais atraentes que pareçam, mas na compreensão sincera dos anseios comuns a toda a humanidade.

Ajuda-te semelhante a sentir que existem ideais universais e faz o que puderes para encurtar o caminho da civilização no sentido deste progresso. Procura compreender o teu papel no movimento do mundo, porque, só quando tal acontecerá, e quando estiveres completamente reconciliado com a tua função na vida, por mais modesta que pareça, poderás adquirir a serenidade que desejas.

Procura penetrar no que há de maravilhoso na arte, mas não desvalorizes o homem, a maravilha da criação.

Luta pela preservação da vida espiritual e valoriza esta mais do que os interesses materiais. Faz o que puderes para preservar a espontaneidade e a tristeza que a natureza concedeu ao homem — em ti mesmo e nos outros.

(Continua na pág. 43)

CONSULTAS QUE NOS FAZEM

Responde:

GILDA GARCIA BASTOS

Sr. Luiz B. Paula — Cruz Alta — Conforme pedido em sua carta, passaremos a dar diversas receitas de massas para modelagem, e uma lista de livros.

Plastilina — 5 partes de cera amarela,
5 partes de fécula de arroz,
2 partes de roxo-da-prússia,
1 parte de banha.

A cor varia, conforme a tinta que a ela se mistura.

Massa de serragem — Serragem de carpintaria passada na peneira de arame. Mistura-se com cola-de-peixe ou grude um pouco mole. Ajunta-se uma pitada de feijo bório e gesso. Mistura-se bem a massa, molhando-se, muito pouco, de vez em quando, a mão com água.

Massa de papel — Rasga-se o papel em pedacinhos bem miúdos, que se põem em uma vasilha, coberto de água fria; deixa-se assim de molho durante 3 semanas. Ferve-se então a massa, deixando-a cozinhar a fogo lento, sete ou oito horas. Depois de fria, espreme-se bem, para tirar toda a água que for possível, e bate-se até formar uma massa. Faz-se então com ela um bolo, que se deixa secar. Pode-se preparar grande quantidade de massa e guardá-la, adicionando a pasta e a alvaiade sómente na ocasião de usar.

Para um balde de massa de papel rasgado, mais ou menos 1 1/2 kg de pasta e 1/2 kg de alvaiade.

Relação de livros destinados ao ensino das Artes aplicadas:

Madeiras rústicas — Editorial Jorge A. Duelout — Buenos Ayres.

Envases vazios (latas usadas) — Editorial Jorge A. Duelout — R. Aires.

Alfareria (Cerâmica) Aldo Mussarra — Manual para principiantes.

Trenzas Gauehas (trancado em couro) — Mário A. Lopes Osornio.

Série Técnica de Trabalhos Manuais — Artes Industriais e Domésticas de Oscar Lindholm de Oliveira.

Caderno N.º 1 — Tecelagem e Trabalhos em couro, vime e rafia, madeira, ferro batido, eletricidade.

Caderno N.º 2 — Aviões e pintura.

Creamos que com estas receitas e a relação de livros atendemos a solicitação do nosso preiado leitor. Sempre que necessitar disponha de "Nossa Revista", pois responderemos com prazer.

REPÚBLICA DE S. MARINO

Dr. BENJAMIN C. CAMOZATO

Presidente da Sociedade Filatélica
Rio-Grandense

FILATELIA

Em visita feita a amigo para viver um pouco de sua encantadora palestra, fomos encontrá-lo atarefado entre grande número de livros e revistas que, nervosamente, consultava.

Interpelado de chegada sobre o que motivava tamanha atividade, respondeu-nos, dizendo que, quase desanimado se achava, pois tinha necessidade urgente de informações, dados e tudo que pudesse colher sobre a República de São Marino e que, apesar das estafantes buscas, pobre, muito pobre se achava de material colhido.

Penalizado da situação de nosso amigo, lhe dissemos que, se fosse filatelistas, não se encontraria naquela embaraçosa situação, pois nas páginas dos álbuns de selos, referentes a São Marino, iria encontrar, através daqueles delicados retângulos de papel, aparentemente mudos, muito do que desejava saber sobre aquelle interessante país e, deste modo, tendo-lhe proporcionado uma visita a nossa residência, o mergulhamos em nossa biblioteca especializada, abrindo-lhe, simultaneamente, as folhas de nosso álbum de selos referentes a São Marino.

Assim, mais sob a impressão de curiosidade, foi anotando os dados a seguir, que lhe fornecemos:

A República de São Marino é o menor país do mundo, achando-se encravado na Itália, entre as províncias de Pesaro, Forli e Urbino, distante 225 km do norte de Roma, 22 de Rimini e 85 a leste de Florença.

Tem uma população aproximada de 12.000 almas, 200 habitantes por km², com uma superficie de 59 km².

Seu território é montanhoso, tendo ao centro um rochedo recortado pela natureza, destacando-se o monte Titan com 750 metros de altitude, ornado com três agudas pontas, que ostentam três seculares torres em ruínas.



Sua capital é São Marino, com 2.000 habitantes com o "Borgo Maggiore", e mais as paróquias de Serravalle, Domagnano, Acquaviva, Faetano, Fiorentino, Monte Giardino e San Giovanni, con-

forme se vê no selo emitido em 1943 em comemoração ao golpe de Estado de 28 de julho daquele ano e que reproduz o mapa da minúscula República.

Conta a capital com preciosas obras de arte, destacando-se o Palácio do Governo do século XIII, a Catedral e a estátua da Liberdade.



Desde o tratado de 22 de março de 1862, acha-se São Marino sob a proteção da Itália, mantendo a República que é independente, relações diplomáticas e consulares com vários países da Europa e América.

Cunha suas moedas, mantém várias publicações, concede condecorações e confere a "Ordem equestre de São Marino", em cinco classes pelo mérito civil e militar.

Sua bandeira se compõe de duas faixas horizontais: a superior, branca e a inferior, azul. Conta com um exército de mil homens.

E governada por dois Capitões Regentes escolhidos por seis meses (abril-outubro), pelo poder legislativo que é o Grande Conselho Geral composto de 60 membros eleitos em número igual entre os nobres, burgueses e camponeses, sendo o poder executivo exercido por um Congresso de Estado dirigido por Ministros renovados em cada legislatura.

Sua fonte principal de renda é a agricultura, pecuária e pedras talhadas, sendo que parte da sua população emigra para as províncias vizinhas da Itália por ocasião dos trabalhos das estações



A origem de São Marino, segundo a história, remonta ao século IV quando Marinus, velho tailleur de pedra, vindo da Dalmácia, sua terra natal, depois de ter trabalhado na reconstrução

das muralhas e cais de Rimini, retirou-se para uma gruta no cume do monte Titan, abrigando-se das perseguições e consagrando-se à reza.

Devido à auréola de santidade que foi se formando em torno da sua pessoa, grande foi o número de fiéis que se instalaram a seu lado, dando, assim, origem a São Marino, em pouco tempo transformada em comuna.

Em vista das ameaças pelas pretensões dos bispos e intenções dos terríveis Malatesta, senhores de Rimini, alia-se aos condes Urbini, saindo indene da luta ainda com o reconhecimento de Pio II, em 1463, que lhe doou quatro castelos, dobrando sua área. Não obstante suas conquistas, foi provisoriamente ocupada, em 1503, por César Borgia e, em 1739, pelo cardeal Alberoni.

Bonaparte, em 1797, quis aumentar seu território, sendo recusada a oferta. Sua atitude de prudência nos olhos de Napoleão lhe valeu seu reconhecimento como Estado independente no Conselho de Viena em 1815, ficando encerrado no departamento de Metauro no reino francês da Itália.

Durante o "Resorgimento" serviu de asilo aos proscritos inclusive a Garibaldi em 1849.

A soberania de São Marino estêve fortemente ameaçada em 1551 pelas tropas austro-pontifícias e em 1853 por Ferdinand IV de Toscana, mas, graças à intervenção da França, foi respeitada.

Quanto ao setor postal, uma das preciosas fontes, onde são colhidas tantas informações, é interessante anotar-se algo.

O serviço postal, foi monopólio do Estado desde 1862, sendo que seus habitantes gozaram do privilégio da franquia postal no interior do país, durante 36 anos (1863-1899); os selos usados nesta época serviam apenas para a correspondência destinada ao estrangeiro e foram os mesmos dos antigos Estados Sardos.

Os primeiros selos especiais para a República de São Marino foram emitidos em 1º de agosto de 1877 em número de cinco, sendo que, atualmente, conta com um número de quase a metade dos emitidos pelo Brasil! Possui também selos para o correio aéreo, não obstante não possuir campos de aviação devido à natureza do solo.

Deste modo a correspondência destinada a este meio de transporte, é encaminhada pela via comum a um aeroporto italiano que o encaminhará ao destino.

Dentre seus inúmeros selos comemorativos que fixam suas principais fases históricas e acontecimentos, são interessantes os emitidos em:

6 de agosto de 1923, em homenagem ao recebimento do depósito da bandeira italiana da ilha de Arbe e, em 1942, por motivo da devolução desta bandeira à Itália;

1923, comemorativo da participação de São Marino na Grande Guerra;

25 de setembro de 1924, comemorativo do 75.º aniversário do refúgio de Garibaldi em São Marino;

16 de junho de 1932, comemorativo da inauguração da linha férrea São Marino-Rimini, ligando-a ao Adriático e, no mesmo ano, uma série de 8 selos em comemoração ao 50.º da morte de Garibaldi, sendo que em 4 deles, acha-se reproduzido o belo texto seguinte da sua proclamação:



"Ordine del giorno. S. Marino 31 Luglio 1849. Noi siamo sulla terra di rifugio e dobbiamo il migliore contegno possibile agli generosi ospiti. In tal modo avremo meritata la considerazione dovuta alla disgrazia perseguitata. Io vi seiolgo dal l'impegno di accompagnarmi. Tornate al le vostre case, ma ricordatevi che l'Italia non deve rimanere nel servaggio e nella vergogna! Giuseppe Garibaldi";

em 7 de fevereiro de 1935, comemorativo do XII aniversário da fundação do fascio, e, em 1937, comemorativo da sua independência.

Para não citar número muito maior, nos limitamos apenas a estes selos que fixam efemérides de São Marino.

Chegados a este ponto, deu-se por satisfeita nosso amigo, não só convencendo-se de que lhe havíamos afirmado, ser o selo um precioso repositório de cultura como também dizendo-nos que, a partir daquele momento, se dedicaria à filatelia.

A HONRA DE PERTENCER...

(Continuação da pág. 41)

E, impelido por esse mesmo impulso sagrado, defende da destruição a pequenina roseira nascida à sombra do velho muro; protege o filhote implume de qualquer ave acusado de confôrto do ninho; ajuda a criança na conquista da maturidade e encoraja os homens aovardados pela sua miséria para que se tornem grandes e fortes.

NOTA: — Este trabalho é inédito e foi carinhosamente esolido pela Autora — considerada uma das melhores psicanalistas brasileiras da atualidade — à "Revista do Ensino", em março de 1953.



• ALCOOLISMO E INFÂNCIA •

Dr. JURANDIR MANFREDINI
(da Faculdade Nacional de Medicina)

Comemora-se, no ano presente, o 25º aniversário da grande campanha de luta nacional contra o alcoolismo e seus terríveis males ao indivíduo e à espécie, iniciada, prosseguida e mantida, até hoje, sem desfalcamentos, pela Liga Brasileira de Higiene Mental. Todos os louváveis, cabem nesta data, aos cientistas e idealistas que compõem a notável instituição benemérita, a instituição pertinaz, entusiasta e jamais esmorecida no seu esforço de um quarto de século. Contam-se por centenas os que, nessa longa jornada de salvação física e moral do homem brasileiro colaboraram, pela palavra ou pela ação, na obra de alertamento e de educação sanitária contra o terrível tóxico. Aprendendo ao apelo do idealista pioneiro, dêsse campeão incansável da luta anti-alcoólica, que é o Prof. Ernani Lopes, muitos se alistaram e a seu lado batalharam a grande batalha da higiene mental contra o fator deletério, corruptor, destrutivo das células físicas, dissolvente do equilíbrio psíquico, adverso ao aparecimento de bons exemplares humanos, inimigo da saúde, da beleza e da felicidade.

Por duas vezes, em anos anteriores, já reunidos no tempo, comparecemos ante um microfone desta cidade para, dentro da semana anti-alcoólica da L. B. H. M., associar à luta a modesta contribuição da nossa palavra de professor e da nossa experiência de psiquiatra. Aqui estamos, hoje, de novo, retomando o ritmo de uma cooperação, que deve ser palavra de ordem aos médicos, higienistas, educadores, sociólogos, administradores, sacerdotes, filantropos, eugenistas — a todos os que dispõem de uma fração de responsabilidade na preparação do homem mais feliz e mais perfeito, que desejamos seja o das gerações futuras.

Hoje, pensando nos males do alcoolismo, é para a infância que voltamos os nossos olhos. A infância é, cronologicamente, a primeira grande vítima do flagelo social devastador. Vítima ao mesmo tempo das influências físicas e das influências psíquicas que ele determina. Vítima bem maior, mais lamentável e infeliz, que o homem adulto. Não é sórgue o organismo infantil, imaturo e indefeso, que sofre o efeito perturbador do veneno. É, pior ainda, a alma infantil em formação, inteiramente receptiva e sensível aos traumas afetivos de toda sorte, que o ressentente e organiza núcleos de conflitos profundos, a repercutir intensa e angoiosamente na vida futura. Por quatro formas principais, o álcool atinge e lesa a personalidade da criança, na sua dupla estrutura funcional somatopsíquica.

1º — Quando os pais estão bebendo muito, de forma habitual e crônica, mesmo antes de conceberem o filho, ainda mesmo antes de casarem, já preparam, sem o perceber, circunstâncias fúnebres ao futuro ser. O álcool, — está provado hoje experimentalmente por cientistas de todo o mundo — é um agente nocivo às células chamadas germinais, as delicadas e importantíssimas células incubidas de realizar a reprodução. De duas células dessas, maduras sob a forma de gametas, é que vai originar-se o futuro filho. Seja por ação nociva às glândulas sexuais, que produzem as células reprodutoras, seja por ação direta sobre estas últimas, o fato provado é que o álcool, bem assim outros tóxicos energéticos, compromete a sua normalidade morfológica, nutritiva e, também, segundo se sabe hoje, genética. A criança, desse modo, antes de ser concebida, já está sendo vítima. As células que vão formá-la já se encontram lesadas.

2º — Quando os pais, mesmo não sendo bebedores crônicos, se encontram eventualmente embriagados no momento da camação sexual, da qual resultará a procriação do futuro filho, pode dar decorrer, como a neuropsiquiatria tem verificado em inúmeros casos, grande perigo para a boa organização física e mental daquele que vai ser produzido. Se nem sempre há consequências a lamentar, citam-se, todavia, explosivos exemplos ilustrativos da ação maléfica do veneno sobre os gametas. A criança, portanto, aparece aqui, outra vez, como vítima, agora de uma influência mais direta e definitiva.

3º — Quando a mãe, por inadvertência, mau conselho, hábito ou pura ignorância, dá-se a usar álcool durante o período da gestação, o veneno transita pela comunicação placentária e vai embalar, encharcar o embrião e, mais tarde, o feto. Não há mais aqui qualquer mera presunção teórica; é um fato clínicamente evidente, indiscutível, a passagem do álcool da mãe no filho pela placenta. Os efeitos desse presente venenoso, dessa alimentação nociva, a que o ser em ges-

tacão não pode fugir, são os mais catástroficos possíveis. Os livros de psiquiatria estão cheios de casos sombrios, defeitos físicos e anomalias psíquicas, dali decorrentes. Pela 3.^a vez a pobre criança tornou-se vítima infeliz de culpas alheias.

4.^o — Já nascida e crescida, a criança vai ficar exposta a uma quarta tremenda influência da desgraça alcoólica. Agora, o mecanismo será todo psicológico, através do espetáculo, a que vai assistir, do alcoholismo habitual do pai ou da mãe, ou de ambos. Pela simples visão da ebriedade alcoólica em séries de máximo teor afetivo para a criança: pela brutalização intradoméstica que tal estado produz freqüentemente, sob a forma de turbulência, ameaças, linguagem obscena, sevicias, fúria agressiva, imoralidade, etc.; pela miséria econômica quase sempre associada ao alcoholismo parental, criando o ressentimento e a ansiedade na alma infantil; pelos efeitos mais intensos na conduta, no comportamento ético, na integração social, — adultério clandestino, aceito ou consentido, em-

pestando o clima do lar; vadiagem; desemprêgo; cinismo, amoralismo; incesto; prostituição; proxenetismo; atos criminais, do furto ao homicídio — por tudo isso, nessa escala crescente, — o álcool no lar faz da criança uma quarta vítima, que soma os seus tristes efeitos atuais aos que havia feito antes da concepção e durante a gestação. E de um ser inocente, desejoso de saúde e felicidade, de vitória e contentamento, num mundo belo e tranquilo, habitado por homens bons e perfeitos, faz o pobre e angustiado farraço humano, que arrastará a sua neurose ou a sua psicose pelos consultórios e hospitalais, vida em fora.

Salvemos a criança do álcool, que a ameaça e a destrói, fisicamente e mentalmente, sob quatro formas peníveis e confrangedoras. Salvemos, com a criança, o sossego e o bem-estar dos homens e mulheres de amanhã, capazes de bendizer, em vez de amaldiçoar, a vida que não pediram.

(Palestra lida na Rádio "Cruzeiro do Sul", do Rio de Janeiro, durante a "Semana Anti-alcoólica" promovida pela Liga Brasileira de Higiene Mental).



Sugestões para exercícios de linguagem

I — Interpretação oral

Deixar que as crianças manifestem, livremente suas observações: descrição do cenário e personagens. Que está acontecendo? Qual a utilidade do guarda-chuva ali visível? Onde, geralmente são colocados?

II — Exercícios gramaticais

— Escrever substantivos simples e compostos

O SUPLEMENTO DO MÊS

que indiquem coisas ou pessoas que aparecem na gravura.

- Dar adjetivos correspondentes.
- Dar adjetivos adequados.
- Mudar o gênero e o número das palavras.
- Escrever verbos que indiquem ações expressas na gravura. Conjugá-los em diferentes tempos.
- Dar sinônimos e antônimos.
- Indicar o sujeito e o predicado de frases alusivas à gravura.

III — Leitura

De frases ou de algum trecho relativo ao paraíso ou à chuva.

IV — Ditada

Dó mesmo motivo da leitura.

V — Composição

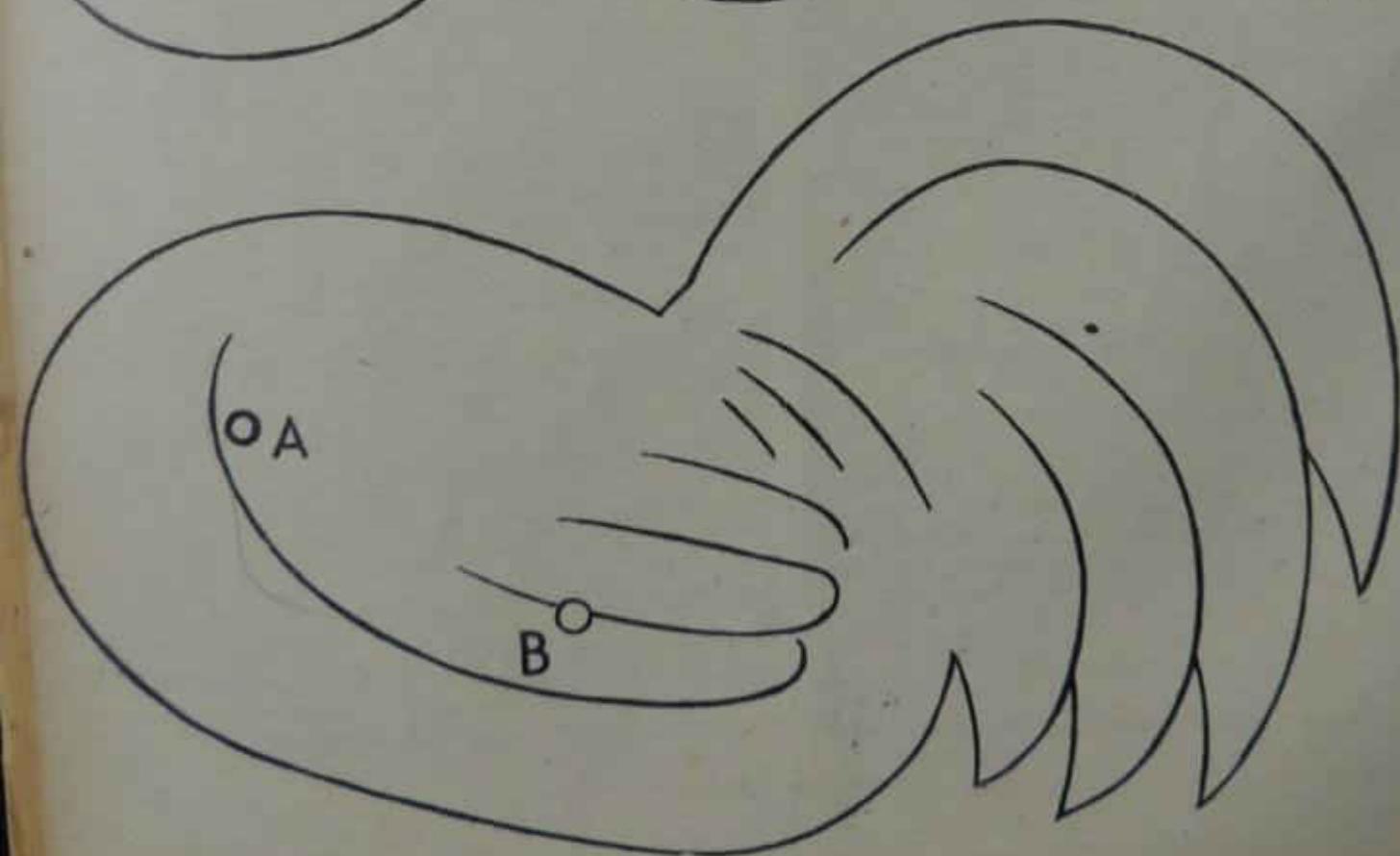
No 2.^o ano — de frases.

No 3.^o ano — de 4 ou 5 frases formando uma descrição da gravura.

No 4.^o ano — descrição da gravura.

O GALO

Faça os desenhos em uma cartolina conforme as figuras. Recorte-as. Faça pequenos furos nas marcas "A" e "B". Com um grampo junte o corpo ao pescoço, através dos furos "A" e as pernas ao corpo, através dos furos "B".



O DESENHO E A CRIANÇA

FLORA NOBRE

Secretaria do Gabinete de Psicologia
do Centro de Pesquisas da Secretaria
de Educação, D. F.

Mais que a palavra, é o desenho um fator decisivo no conhecimento da criança. Sendo seu vocabulário ainda deficiente para, com justezas e súbi, exprimir seus sentimentos e emoções, a criança, através de seus rabiscos e traços, reproduz, de modo geral, com exatidão, suas diferentes fases de desenvolvimento mental. Essas etapas apresentam-se com enriquecimento gradativo, abrangendo períodos diferentes e determinadores das idades mentais. Inicialmente a rabiscada é esmo, em todos os sentidos, sem significação própria, a não ser o desejo de movimentação muscular e desordenada, sem coordenação ou controle, encobre objetos outros além do prazer de rabiscar, apenas. Quantas vezes, perguntando a uma criança, em sua pré-primária, o que significam suas garatujas, ela me tem respondido, compenetrada: — É o papai. E o papai nada mais é que um emaranhado de linhas e traços sem sentido algum, manchando toda a folha de papel que lhe foi apresentada. Seu pensamento vem à tona em desenhos inqualificáveis: desenha fatos e situações, como desenha pessoas em animais nesses traços irreconhecíveis. À medida que avança fisicamente, aparecem detalhes, o princípio grosseiros, mas que se vão enriquecendo de novos traços e novas concepções. As linhas vão gradualmente sendo ligadas entre si e os objetos se surgindo: o boneco, a casa, o animal, a árvore, refletindo o ambiente em que se move e em que se forma, com tendência francamente objetiva, sendo que, nessa fase inicial, são as meninas mais rudimentares que os meninos. O mesmo boneco representativo do homem, colocado em posição horizontal, irá representar um mamífero qualquer: o mesmo princípio de traços rege a representação de ambos. Um boneco deitado, com quatro patas, o quadrípede que lhe interessa no momento. Para um gato, um cão, um boi, ajusta-se o indefectível boneco, modificada sua posição.

Nada há que mais me desperte a sensibilidade a emoções que ver esses traços cômicos que as crianças garatujam: é tão comum trazerm-me um boneco disperso, aos pedaços, sobre a folha de papel muito sérios localizam tudo: o corpo na parte central do papel e o resto espalhado indiferentemente... Aqui os olhos, adiante a cabeça, as per-

nas, a boca. E tudo isso é: ou o papai, ou a mamãe, ou o companheiro de brinquedos, como se as pessoas fossem bonecos que se articulassem ou desarticulassem dessonadamente. A criança adora esses trabalhinhos reveladores de sua sensibilidade e desenvolvimento e prestigia-los é trazer estímulo e despertar confiança em nós, professores, estimulando a autoconfiança. Cabe ao educador orientar os pais no sentido de amparar a criança em toda a manifestação gráfica, por tóla que pareça, pois nada é mais prejudicial que mostrar sua incapacidade, aparente, aliás, de apresentar um trabalho à altura da capacidade adulta. Quantas vezes ouvi de pequeninos alunos desestimulados e indiferentes ao trabalho da classe, esta frase desalentadora: — Pra que desenhar! Mamãe não gosta que eu leve pra casa... Joga tudo fora!

O desenho não tem para a criança, o sentido que lhe dá o adulto. O adulto apura a sua arte, reproduzindo o que vê, embora revelando essa reprodução sensibilidade e arte diferentemente manifestadas, determinando a personalidade e força artística de cada um. Com a criança é diferente, principalmente na fase pré-primária, quando ela dá aos seus rabiscos a importância que nós, adultos, damos à palavra escrita, quando expomos, através dela, nossos sentimentos e emoções. A criança que rabica, descreve, conta histórias, enumera, pois cada garatuja representa para ela uma válvula de escapamento para suas emoções, alegrias, tristezas ou temores. Um pequenino aluno de minha escola, vítima de acidente de automóvel, do qual guarda cicatrizes bem nítidas em seu rostinho simpático, sempre que interpretava seus rabiscos, dizia-nos: — Desastre. Desastre. Desastre... Qualquer traço representava sempre e sempre a mesma coisa. Exigiu trabalho delicado da direção da escola demovê-lo de tal obsessão. E o mais interessante é que todo pequenino aluno de ambiente pré-primário sente-se muito feliz com seus rabiscos, achando que nada lhes falta quando o apresentam — e realmente para ele representa tudo o que sua capacidade de observação apreende — importando apenas não sua perfeição mas sua significação. E, aliás, ele o acha perfeito...

O pediatra por meio da alimentação adequada, faz da criança um indivíduo saudável e útil à sua Pátria.

Dr. Suíkire Carneiro.

★ ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL ★

III

Prof.ª LUIZA PRATES LUPI PACHECO
Orientadora da Educação Primária, R. G. S.

Iniciativas que uma Professora de Classe pode tomar para fazer Orientação Educacional na sua Sala de Aula

A) *Atender às diferenças individuais*, o que abrange um programa vastíssimo, em face de que cada criança é um caso. Os aspectos mais freqüentes, são os seguintes:

I — *Crianças tímidas*, aspecto comum entre as crianças que ingressaram na escola por primeira vez. Cumpre proporcionar oportunidades especiais a esse tipo de crianças.

II — *Crianças anti-sociais* — são crianças egoistas, não sabem brincar com os companheiros, são egocentristas. A terapêutica seria oportunizar o trabalho em grupo.

III — *Crianças levadas — arteiras* — são crianças de íntimo bom, em geral. Devemos ocupá-las sempre a fim de canalizar devidamente o seu potencial de energias.

IV — *Retardados mentais* — a tarefa do professor consistirá em que a criança não sinta que tem dificuldades, assim como não dar a perceber às outras crianças que o colega não aprende. Cumpre descobrir as qualidades positivas da criança e aproveitá-las de modo que a criança se sinta importante.

V — *Crianças más* — é difícil esse aspecto na escola primária. Crianças desse tipo são mais do que anti-sociais, são más, procuram magoar os colegas, tirar dêles alguma coisa. Cumpre ao professor procurar a causa dessa anormalidade, podendo para isso se utilizar dos valiosos recursos téneicos que oferece o serviço de Orientação Educacional e que mais adiante mencionaremos.

VI — *Crianças superdotadas* — São crianças que apresentam ritmo de trabalho diferente do comum das crianças, são mais rápidas e incomodam. Precisam de muita atividade. O professor atenderá de diferentes modos essa necessidade do aluno — poderá incumbi-lo de ensinar aos outros alunos, executando sempre um trabalho supervisionado pela professora; proporcionará tarefas de certa responsabilidade que exijam tempo e dedicação. Essas crianças devem ser ocupadas o maior tempo possível.

VII — *Alunos impontuais, infreqüentes* — Cumpre ao professor estudar as causas dessa ati-

tude e procurar saná-las. Recursos de que se poderá valer — concurso de pontualidade, com anotações em gráficos de freqüência; visita à família do aluno; etc.

VIII — *Crianças pré-adolescentes* — São crianças que já querem se mandar e se tornar independentes, estão no período de entrar na adolescência. Cumpre oportunizar a essas crianças certas atividades em que tenham responsabilidades, a fim de que já se sintam homens, desse modo estariam atendendo ao interesse do educando.

IX — *Crianças retardadas em idade e crianças muito crescidas para determinada classe* — A melhor solução para o caso seria colocar a criança numa classe de alunos de sua idade, embora não acompanhe os colegas. Essas crianças mereceriam uma atenção especial por parte do professor, sendo que todas as suas atividades seriam muito observadas e orientadas no sentido de que vencessem as dificuldades apresentadas.

B) *Troca de idéias com os pais de modo informal*. É um recurso valiosíssimo em Orientação Educacional o contato com os pais dos alunos. O recurso oficial que estabelece um contato maior entre os pais e a escola é o "Círculo de pais mestres", aspecto que não desenvolveremos aqui, embora deixemos ressaltada a sua grande importância. Quase nada se pode fazer em Orientação Educacional sem conhecer a família, do que resulta valioso conhecer o tipo de relações existentes entre os diferentes membros da família e o lugar que a criança ocupa. O primeiro contato da escola com a família é feito através da própria criança que, na maioria das vezes, conta-nos naturalmente a situação da casa. Temos ainda a visita dos pais à escola e a visita da professora à casa da criança. Lembramos que um conselho da professora vai muitas vezes, mudar a atitude dos pais com a criança. Cumpre agir com discrição para não dar a impressão de que estamos nos imiscuindo nos hábitos e atitudes da família. Agindo com tato, a professora poderá orientar vários aspectos da vida de família, tais como alimentação, distribuição do orçamento, conveniente preparo das lições por parte do aluno, etc.

Há oportunidades interessantes para que a professora estabeleça contacto com os pais dos alunos, tais como:

Reunião com os pais por motivo do recebimento do 1º livro de leitura; recepção nos pais com apresentação dos trabalhos dos alunos, quando puderiam ser obsequiados com alguma coisa feita pela própria criança (refrescos, sanduíches, etc.); fer-

tinhos na sala de aula, sendo que as mães seriam convidadas para ajudar na confecção das vestes, etc. Queremos frizar que êsses encontros seriam realizados sem maiores formalidades, predominando mesmo muita espontaneidade em todas as situações.

C) *Preparação para a escolha de uma profissão* — Atendendo à situação comum entre nós de que a maioria das crianças realiza somente o curso primário, sentimos que a Escola primária desempenha o papel de verdadeira academia do povo. Cumpre, pois, que a escola tenha uma orientação no sentido de preparar o educando para a escolha acertada de sua profissão. Para atingir esse objetivo se faz mister que a professora conheça a criança em todas as tendências que ela possui. A professora lançará mão dos recursos comuns, não terá necessidade de se utilizar de testes e de psicanálise; terá como recurso valioso o diário completo da criança, onde devem ficar anotadas todas suas reações.

A professora oportunizará às crianças o conhecimento das profissões da localidade, bem como das profissões das localidades vizinhas. Na realização desse objetivo a professora usará de inúmeros recursos, tais como:

1) Tratando-se de obter informações sobre as profissões existentes na Capital, seria interessante procurar em jornais e revistas os anúncios de empregos ou outra publicidade sobre as profissões. Os alunos seriam orientados nesse sentido, procurando ler os jornais e revistas, trazendo à professora o que tivessem encontrado neste sentido.

2) Visita aos lugares de trabalho, oficinas, escolas profissionais, etc. com a finalidade de que as crianças vissem e sentissem a tarefa que o seu

semelhante realiza. As crianças poderiam inquirir sobre diversos aspectos necessários ao exercício da profissão, bem como dos requisitos necessários, vantagens e desvantagens da profissão em apreço.

3) Palestras de pessoas esclarecidas sobre as diferentes profissões da localidade. Essas palestras poderiam ser na sala de aula ou também no auditório da escola, sempre que for de conveniência geral.

Outro aspecto interessante seria oportunizar o contato com os ex-alunos, certificando-se de como estão reagindo na vida. Considerando essa exposição, teríamos uma atitude mais ampla da escola primária que organizaria a associação dos ex-alunos, visando assisti-los sempre que se fizer necessário.

A professora procederia ao aconselhamento individual sobre determinado assunto aos alunos que solicitarem. Enarcemos que a professora deve agir de modo que o aluno encontre por si a solução que o caso requer.

Atendendo ao que já expusemos de que a escola primária, entre nós, é a academia do povo, far-se-ia intensificação de orientação vocacional nos meses que precedem à conclusão do curso.

D) *Preparar os alunos para que vivam conscientemente uma orientação ideológica definitiva.* Neste particular, quanto à religião, constatamos que há uma fuga muito grande da prática religiosa na pré-adolescência. Queremos crer que este aspecto é resultante, dentre outros motivos, da falta de uma eficiente orientação ideológica, desde os primeiros anos da escola primária. A professora procederá levando o aluno a uma prática desejável da religião, evitando os excessos ou a falta de religiosidade.

(Continua no próximo número)

RUI BARBOSA...

(Continuação da pág. 6)

a quem o instinto segredava que perderia o papel de primeira figura para aquêle feio e pequeno brasileiro — resolveu dar-lhe uma lição que o faria calar para sempre. E, em termos e tom de voz ásperos, fez-lhe uma observação.

As palavras são do próprio Rui: — "As forças, a coragem, a resolução me vieram não sei de onde, vi-me de pé com a palavra nos lábios."

Foi o instante decisivo e histórico. Já, então, nada deteria e, com voz sumida, mas em linguagem escorreta e energica, deu a resposta; foi como um desabafo e um protesto.

Tal foi a sua eloquência, a força de sua argumentação irretorquível e a sinceridade de suas palavras — tão rara em assembleias políticas — que aquela mesma gente que poucos momentos antes aplaudira sua humilhação, escutava-o agora entre surpreendida e desconsolada.

Brown Scott, dos Estados Unidos, um dos poderosos, resumiu o triunfo de Rui nestas palavras:

"Eis o Novo Mundo que se faz ouvir pelo Velho."

Dai por diante tudo seria fácil ao grande Rui em quem todos reconheceriam a principal figura da conferência; seu lugar estava marcado entre os deuses, mas ele conquistaria outra vitória retumbante: — foi no aro final da conferência, — quando para disfarçar o malôgo da mesma, a Assembléia, já ensaiada, iria ratificar um princípio indiscutível: as grandes potências governam o mundo.

Rui, o eterno lutador e defensor dos fracos, revoltou-se e demonstrou com todo o ardor que pôs sempre na defesa de suas causas, com toda a lógica de seu raciocínio esmagador, o direito dos pequenos e o erro de considerar a força das nações e os seus direitos, pelo seu poderio militar.

Foi extraordinário, ultrapassou a si mesmo.

Venceu e convenceu.

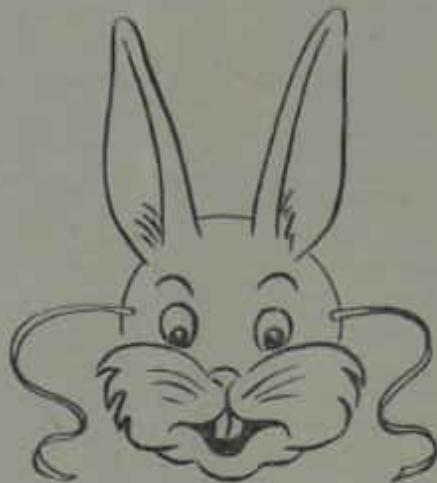
E no Ridderzaal a Assembléia hostil que o recebera um mês antes, vibrou de entusiasmo e ovacionou Rui Barbosa durante vários minutos como jamais o fizera.

A estrela de Rui iluminava o Brasil e a América, e revelava-os à Europa envolvida e maravilhada.

A LETRA X

(Para dramatização)

Colaboração do Departamento de Educação Primária — Setor de Bibliotecas e Auditórios do D. P.



- 1) Sou letra muito engraçada!
Gosto tanto de brincar...
Às vezes fantasia
A vocês vou complicar.



- 2) Nem sequer pensem que eu [tremo]
Se chego até mesmo ao ex- [tremo]
De em S me disfarçar.
Experimente e verá
Que é fácil ler *excedente*,
Texto, excesso, expediente.
É mesmo um treino *excelente*.
Sendo X — S dirá
Se tiver de se *expressar*.



- 3) Quando tenho o som de Z
Exausto fico você
O meu som *exercitando*,
Diga comigo: *exaltar*
Ou diga *então*: *exigir*,
Exemplo, exato, exhibir
Mas sempre é bom insistir
Que devem a este X perdoar
Por estar sempre brincando.

4) A pronúncia sobe e desce
Sou Q, C, ou Z, C, S
Sempre inconstante e varia- [do...]
Sei que cansa o *maxilar*
Este esfôrco que é sem *nexo*
De palavras como *sexo*
Ou *tórax, box* e *complexo*
Ter você de pronunciar.
Não sou mesmo arrevesado?

- 5) X você me *deixará*
Em *xícara, feixe, zará*
Não é mesmo de fazer.
Qualquer um ficar afflit? S ou Z meu som lhe diz:
Guardo-me alegre e feliz
Sempre e sempre como um X
Em seu caderno bonito
Se tiver de me escrever.

- 6) Faça, a seu *próximo*, o bem
Diz a máxima tão doce...
Pois meu *auxílio* também
Benefícios não lhe trouxe!

A presente dramatização poderá ser desenvolvida da seguinte maneira:

Um aluno, representando a letra X, convidará os colegas presentes a participarem com ele da brincadeira que constará do seguinte:

Declamada por ele a primeira quadra, passará outro aluno a recitar a primeira estrofe, silenciando em determinadas palavras que, no momento oportuno, serão apre-

sentadas por outros alunos, em pequenos cartazes:

Essa palavra deverá ser lida, em voz alta, pelo auditório, que completará assim, em conjunto, o sentido dos versos.

A apresentação da palavra poderá ser feita por meio de cartazes, escrita em quadro mural, indicada por meio de um mostrador, à guisa de ponteiro de relógio, ou ainda do disco de Newton, onde se representaria, vazado, um dos setores, de modo que deixasse aparentar a palavra procurada.

Para cada estrofe é aconselhável modificar-se a maneira de apresentar as palavras, para que, havendo variedade de aspectos, seja evitada a monotonia.

Tornar-se-á agradável passatempo, quando as crianças adquirirem rapidez na apresentação das palavras omitidas pelo declamador para que a seqüência e o sentido não sejam cortados pela demora da pronúncia.

A fase preparatória para a apresentação total da dramatização constituirá motivo de exercício e treino diário na sala de aula; o professor só passará de uma estrofe para outra, quando a anterior estiver perfeitamente dominada.

(Continua na pág. 41)

LIVROS DE MATEMÁTICA PARA O CURSO PRIMÁRIO

MEU CADERNO DE MATEMÁTICA

por Suelly Aveline

O caráter abstrato dos conceitos matemáticos, a limitação natural de tempo de que dispõe o professor, a extensão dos programas, tudo isso conspira para aumentar as naturais dificuldades do ensino da matemática. Por esse motivo, impõe-se uma judiciosa escolha do compêndio adotado, que é, sem dúvida, o mais poderoso auxílio do professor. A Prof. Suelly Aveline organiza uma série intitulada "CADERNO DE MATEMÁTICA", que realiza precisamente o ideal do bom professor de matemática, pois oferece mais que simples livros de texto, verdadeiros manuais de trabalhos práticos, de acordo com as normas vigentes da escola ativa.

1º ano	\$25,00
2º ano	\$40,00
3º ano	\$25,00
4º ano	\$45,00
5º ano	\$40,00



COMO SE ENSINA A ARITMÉTICA

Everardo Backheuser

1 vol. in-8º com 141 páginas

O problema do ensino da aritmética, considerada a matéria mais difícil nas escolas primária e secundária, é aqui posto em equação à luz das ciências fundamentais da pedagogia, e, particularmente da psicologia, que mais de perto dirige as diretrizes didáticas das disciplinas. Depois de examinar a didática da aritmética do ponto de vista da psicologia, o autor estuda os tipos psicológicos, tais como os inmatemáticos, os de inteligência, os "matemáticos", etc., analisando também a psicologia do mestre e lembrando, por fim, que matemática pertence integralmente a uma só dessas categorias. Estuda, após, a variação da psicologia infantil com a idade, no ensino do conjunto, na assimilação de jogos, no intuitivo e no "de autoridade". Nos capítulos restantes trata, com clareza e permeabilizadamente, do Fim do período escolar, do Ensino da aritmética no Brasil, dos Fatores primordiais da didática da aritmética e apresenta as suas Conclusões. O volume contém ainda Sugestões práticas e um extenso tratamento do Cálculo mental.

820

SEGUNDA ARITMÉTICA

por José Theodoro de S. Lobo

Exerto do índice: Números inteiros, Frações decimais, Sistema métrico decimal, Números sobre os restos e sobre a divisibilidade dos números, Números primos, Metrologia, Números complexos, Raizes e proporções, Aplicações, Raizes quadrada e cúbica, Aplicações geométricas; textos útmimas ocupam 40 páginas, incluindo uma síntese de toda a geometria prática, plana e no espaço). (30.ª edição).

14 x 20 — 364 pgs. Carr. \$40,00

TABUADA METÓDICA

por Isidoro José Lopes

As tabuadas completas, de 0 a 9, para as operações de somar, diminuir, multiplicar e dividir. (12.ª edição).

14 x 19 — 16 pgs. \$1,50

ARITMÉTICA ELEMENTAR

Leonardo Tochtrop e Henrique Bunse

Este livro, que se destina às crianças do Curso de Alfabetização, vem revolucionar em nosso meio o ensino da aritmética, porquanto baseia-se em idéias completamente novas, como as de Kühnel e outros. Foram criadas tópicas as explicações por escrito, uma vez que os alunos não as sabem ler.

14 x 19 — 116 pgs. Carr. \$7,00

Se V. Sr. é professor e se interessa por alguma das obras supramencionadas queira preencher este coupon e remetê-lo-nos um exemplar para seu exame.

EDITORA GLOBO
NOME _____
COLEGIO EM QUE LEICIONA _____
ENDERECO DO COLEGIO _____
MATERIA QUE LEICIONA _____
LIVRO PRETENDIDO _____

PRIMEIRA ARITMÉTICA

por
José Theodoro de S. Lobo

Exerto do índice: Números inteiros, Frações decimais, Sistema métrico decimal, Divisibilidade dos números, Frações ordinárias, Metrura, Mínimo de redução à unidade, (Regras de regra, simples e composta, Regra de juros, de desconto, de aviso), Raizes Quadrada e Cúbica dos números inteiros. (49.ª edição).

14 x 19 — 196 pgs. Carr. \$25,00







JORNAL INFANTIL

Prof.ª MARIA DE LOURDES MORAES
Técnica de Educação — São Paulo

Entre as atividades extracurriculares podemos incluir o *jornal* como sendo um elemento eficiente de educação ativa, contanto, que ponha de fato em jogo a iniciativa das crianças.

Poderoso instrumento de educação é a imprensa infantil, isto é, o jornal fundado, dirigido, redigido e se possível, impresso pelas crianças.

O professor poderá sugerir a idéia da fundação de um jornal, em que seus alunos dêem notícias do estabelecimento de ensino.

Sua organização, porém, deverá ficar a cargo das crianças que se mostrarem mais entusiasmadas pela nova atividade. Elas é que irão dirigir, isto é, encenar, recolher e selecionar o material, contratar a impressão, cuidando de todas as demais providências que a feitura de um jornal requer. Assim também, convém deixar às próprias crianças a escolha de seus dirigentes, a qual poderá ser feita por aclamação ou votação. Esta, preparada e organizada pelas crianças, será outro grande elemento de educação.

Ao professor caberá apenas orientar, coordenar esta atividade, estimular no seu prosseguimento, evitando assim, que se perca o primeiro entusiasmo, auxiliar na resolução das dificuldades que surgirem, nunca, porém, tirar a iniciativa da criança, nem fazer com que ela apresente como seu, aquilo em cuja elaboração participou em proporção mínima. Nada de temas impostos, nem formação de sentenças ou coisas semelhantes. As crianças, que desejarem colaborar, apresentarão aos dirigentes aquilo que lhes agradar. Estes farão a seleção e correções necessárias auxiliados pelo professor.

Além dos trabalhos literários e ilustrações, que irão constituir a maior parte de um periódico infantil, poderá ser organizada uma seção charadística, palavras cruzadas e cartas enigmáticas com torneios e prêmios aos vencedores. Serão aproveitadas também, como colaboração, notícias sociais, notícias de competições e jogos, atualidades, etc.

O jornal infantil constituirá, então, indício palpável de verdadeira convicção do seu valor, do estímulo ao trabalho realmente desejado, à ação em grupo, à autodireção, à organização e direção — pela criança — dos seus próprios interesses e preocupações.

CONFECÇÃO DO JORNAL: A escola poderá providenciar a tiragem do primeiro número do Jornal. Com a renda desta, poderão as crianças contratar a impressão do número seguinte.

Mais educativo, no entanto, seria se fosse o jornal impresso pelas próprias crianças, pelo "processo hectográfico", que além de econômico, exigiria das mesmas participação mais ativa na sua confecção.

As cópias por este processo são obtidas pelo meio de:

- Papel assetinado escrito a mão, ou a máquina com tinta hectográfica. Pode substituir a tinta por papel carbono hectográfico posto por detrás do original com a face voltada para ele.
- Pasta gelatinosa destinada a absorver a tinta e colocada em forma de zinco de mais ou menos 0,02 m de altura. Esta forma poderá, também, ser substituída por uma lata grande e rasa (lata vazia de goiabada, marmelada, etc...)
- Folhas de papel ligeiramente absorventes

Uma vez escrito, o original é colocado em contato com a gelatina, de modo que fique bem aderido a ela, passando por cima um pano macio.

Depois de deixá-lo sobre a pasta uns cinco minutos para que a gelatina absorva a maior parte da tinta, tira-se este e imediatamente vai-se esfriando, uma a uma, sobre a pasta, as folhas de papel absorvente, tomando-se cuidado de não movimentá-las para não borrar. A proporção que a tinta for escasseando, aumenta-se o tempo de contato de cada folha de papel com a gelatina.

Pode-se obter assim umas cem cópias nitidas o que pensamos ser suficiente para a tiragem de um jornal infantil.

Essa mesma gelatina poderá ser usada para outras reproduções, bastando, para isso, limpar o resto da tinta, que por acaso tenha ficado, se um esponja embebida em água quente.

Fórmulas para fazer a pasta gelatinosa

1.º	Água	400 g
	Glicerina	400 g
	Gelatina	250 g
	Caulim	50 g
2.º	Caulim	50 g
	Água	1000 g
	Gelatina	200 g
	Glicerina	50 g

NOTA: — Para evitar que a gelatina se decomponha pode-se juntar a ambas as fórmulas 5 a 10 g de alumínio.

Fórmula para a fabricação de tinta hectográfica

10 partes de anilina de qualquer cor (de preferência violeta ou preta)
10 partes de álcool
10 partes de goma-arábica
70 partes de água

PROBLEMAS VITAIS DO PANORAMA EDUCACIONAL BRASILEIRO

INTER-RELACOES

Síntese da palestra proferida pela

Dra. NOEMY SILVEIRA RUDOLFER
Catedrática de Psicologia da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo e da Faculdade Nacional de Filosofia do Rio de Janeiro.

(2^a de uma série)

O clima na escola depende da atitude predominante do professor.

A — Cooperação e oposição

Montada como está a escola brasileira, não é a cooperação a inter-relação dominante. A ordem é a obediência da repressão do grupo de alunos pelo líder que é o professor. Sente-se a repressão e, como é natural, dela decorre a oposição entre o professor e os alunos. A situação é um pouco melhor na escola primária, onde a participação é muitas vezes voluntária pela maior submissão à fonte de controle. Os professores podem ser:

a) *cooperadores e democráticos*. Estes sabem que toda educação genuína é processo de dar e receber. O aluno não é um receptáculo passivo. Trata-se do trabalho em conjunto, como na escola moderna. Neste caso a escola é ativa. A atividade está ligada aos processos da socialização. Os alunos devem viver bem, uns com os outros, numa cooperação desejada e mantida. O professor vibra com os alunos e transmite ideais, favorecendo a integração dos valores na personalidade do educando.

b) *reservados*, indivíduos que não têm facilidade em dar nem receber. Neste caso o clima escolar não vai favorecer a cooperação nem a inter-relação. Estes professores têm acanhamento em representar e todo professor deve ser um bom ator, isto é, viver tão bem a experiência que vai transmitir, que os alunos possam viver com ele nesses momentos.

c) *indiferentes* são os que fazem do trabalho um meio de vida. O conhecimento que oferecem não tem colorido; não põem a personalidade total naquilo que apresentam e o resultado é que o aluno não integra o que o professor deseja que ele faça. É o clássico ensino para prova, para exame...

d) *ressentidos* são os profissionais que fracassaram em outras profissões, mas, precisando ganhar a vida e não querendo colocar-se ao lado dos que lutam com método ativo, não encontram melhor "arreia" do que a do magistério. Esse ressentido

transfere seus ressentimentos para o aluno; ele é contra o aluno e o aluno revêda, tornando-se seu inimigo. Todo o processo escolar passa a ser um processo de troca em que um ressentido projeta a sua agressividade nos alunos e estes devolvem-na com os meios a seu alcance.

Na escola ativa não há, apenas, transformação de planos verbais, mas de planos de conduta. Se predominam professores que permitem uma escola ativa, a integração se torna evidente, garantida que é pela participação comum. Nos outros casos, o clima de opressão, indiferença, domínio, predomina e há menos integração e a probabilidade de que o aluno progrida é pequena. É por isso que vemos a nossa mocidade sair dos cursos incólume, não contagiada da indigestão mental que lhe deram. E de causar pena o tempo perdido, por tantos professores e alunos, em tantas escolas. Nada aprenderam nem o quiseram aprender, porque os professores não souberam tornar o conhecimento *amável*, no verdadeiro sentido da palavra. Não souberam torná-lo *vital* nem pô-lo a serviço da vida, como não souberam muitas vezes tornar a sua personalidade amável. O bom professor pode ensinar coisas desagradáveis e, mesmo assim, é provável que os alunos aprendam, porque eles têm uma personalidade que dá e recebe afetividade.

Os maus ajustamentos decorrentes das frustrações que resultam da repressão se transformam em problemas individuais de disciplina ou nas graves, que são movimentos gerais de descontentamento.

B — Ascendência e submissão

Na escola brasileira típica, o líder é sempre o professor. A classe social, constituída pelos subordinados, é formada dos alunos. Aquela tem sempre a iniciativa; diz sempre a primeira e a última palavra em problemas de conduta ou de conhecimentos; estes, os alunos, devem submeter-se sempre. Na melhor das hipóteses devem ouvir e repetir.

A escola brasileira é autocrática e, se transferida para uma Alemanha nazista, Itália fascista ou Rússia comunista, ficaria muito bem lá. Porque o professor brasileiro, em nossas escolas, domina e se caso o aluno reagir poderá ser reprovado. Então o aluno se rebela em atitudes indisciplinares e tanto quanto possível clandestina para que o professor não saiba ou, então, não estuda. Como precisa passar, "cola". A escola brasileira, via de regra, orientada para a autocracia, é destinada a formar rebanhos e não homens livres. É vêzo nosso

dizer que a democracia está falhando no Brasil. Não é a democracia propriamente, é a nossa escola que não forma homens democratas; forma-os, sim, para a autoocracia, acostumando-os a ouvir sem discutir ou a escutar sem compreender. Esta escola estabelece relações com os planos de conhecimentos, porém não os estabelece com os planos de vida; não nos leva a fazer nosso, o interesse do grupo nem a lutar pelo grupo.

Os professores não compreenderam que a criança ou o adolescente possa respeitar o propósito próprio, esforçar-se para vencer os obstáculos, lutar pelo interesse do grupo e galgar com o próprio esforço cada uma das etapas, para que o objetivo possa ser alcançado. Não compreendem que a escola existe para assimilar normas melhores de viver e não para dar uma indigestão mental, sem ligação com o ambiente, quando em tudo há oportunidade para aprendizagem da vida pelo próprio viver escolar.

Nossa escola não oportuniza a cooperação, mas, sim, a infeliz competição. O sucesso é avaliado individualmente, quanto às realizações do aluno e à sua capacidade. Comparam-se e graduam-se os alunos pela sua eficiência individual. Acontece, porém, que os mais inteligentes aprendem melhor, com menos esforço, e aquêle que já foi mais aprimorado pelo efeito da herança, passa a ser o mais considerado. Formam-se, assim, dentro da democracia, elites, o que é absolutamente injusto e anti-democrático.

Nas classes, o professor dá mais prestígio ao aluno inteligente, via de regra, o mais verbalista e intelectualista; o resto da classe é abandonada e não se lhe dá atenção. Daí, a competição, em que se procura saber se o competidor está fazendo melhor. Este mal é reflexo já de situação anterior, a da família, em que se comparam os filhos. *Não se procura fazer o aluno comparar-se consigo mesmo*: se hoje ele progrediu em relação ao que foi ontem, se ele tem possibilidade de progredir ainda mais, amanhã. Compara-se o primeiro aluno com o segundo. Diz-se: "Então, como foi isto, você não obteve o primeiro lugar?" Toda situação escolar é de colocar um aluno contra o outro, mas não mostrar que um deve trabalhar pelo outro. Não há dúvida de que há exceções, mas no conjunto são em tão pequeno número que nada significam no plano geral.

Nas escolas progressivas, o professor é mero coordenador de atividades, atento às tendências e necessidades do grupo de alunos, dirigindo-os para alvos legítimos, sempre em cooperação com êstes, sem oposições opressoras.

C — Controle e pressões

Assim autoacrática, a escola típica do Brasil, por certo, exerce um controle coercivo e do exterior; não constrói, coíbe. A disciplina não forma, reprime e mutila. As pressões repressoras são, pois, as mais frequentes, o que bem se pode ver pelo grande código de proibições — ordens negativas e não sugestões positivas.

Há regulamentos que estabelecem determinadas punições e quando não o fazem, para os casos omissos, o professor age discretionariamente. Não indaga, por exemplo, que razões teve uma criança ou adolescente para, durante a aula, agir de modo insatisfatório.

Um aluno que, num ginásio da Capital, imitou um latido de cão, foi expulso da sala e da escola. O professor não procurou saber que problemas de vida teria esta criança para agir assim; o menino upanhava tanto do pai que a mãe, presenciando tais excessos, interferia e gritava: "não mate o meu filho". Essa criança, o professor não o sabia, usava a insubordinação para atirar o pai contra a mãe e ambos se prestavam, sem saber, ao seu jôgo infantil. O professor não investigou que esta criança nunca encontrou amor, apenas soube que ela ofendeu a sua dignidade. A expulsão não resolveu o problema, apenas o reprimiu. Digamos que esta criança vá para outra escola. É provável que continuará pior.

O aluno não se comporta bem, porque não temos a preocupação de assegurar a sua cooperação; o que fazemos é dominá-lo. Não é de estranhar, portanto, que o educando se reprenda e errei uma moral clandestina, uma dupla moral; uma para o professor, para a autoridade e outra para os momentos em que essa autoridade estiver ausente. É uma atitude que garante a aprovação. Via de regra, nossa escola forma bons e constantes hipócritas.

D — Progresso e ordem

O progresso é, pois, mais aparente que real, e a ordem custa o sacrifício da repressão de muitos pela expansão de alguns. Típicos, progresso e ordem das sociedades autoacráticas. Quanto ao progresso escolar, não sabemos se há progresso em passar de um ano para outro. A passagem do ano é baseada no elemento exclusivamente intelectual. Os programas unica foram organizados na base da capacidade assimiladora do aluno, mas por pseudocientistas, em sens gabinetes que acham que todos os assuntos devem ser abordados. Há, pois, um conhecimento pela rama e o resultado é que os programas — muitas vezes — não são executados. Em consequência, quando o aluno passa para o ano seguinte, não tem a base do ano anterior. A escola passa a ser para ele um lugar em que se ouvem coisas cacifes, desagradáveis e incompreensíveis. Basta reproduzir o que o professor disse, não é preciso estudar, mas como ele tem que fazer prova, é preciso resolver o problema; como? Colando. Assim se salvou o curso? Houve progresso? Não! A situação da escola brasileira é quase trágica, porque está fracassando, lamentavelmente.

Precisamos de escolas em que o conhecimento seja instrumental, sirva de elemento para se viver melhor, uma escola que socialize mais do que acumule conhecimentos. Estamos permitindo que as gerações passem pelas agências formadoras — as escolas — e não recebam formação! Não se respeita a personalidade individual? Até onde iremos?

4ª parte

4ª parte

C A I X A
em
MADEIRA
COMPENSADA

IRMÃ MARIA JOSÉ
do Colégio Bom Conselho, P. A.

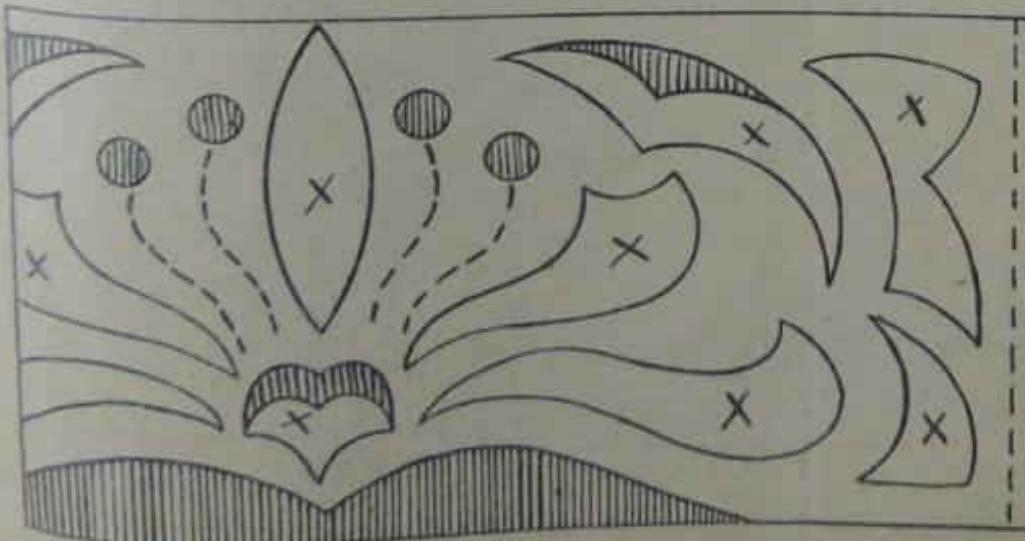
Caixa com quatro lados retangulares; tampa é fundo, quadrado, tendo sómente a tampa e os lados trabalhados.

Serram-se as partes marcadas com cruzetas. (X)

Pintando-se a caixa com tinta esmalte, usam-se dois tons, na mesma época; nas partes listradas empregue-se o tom mais escuro. Não se deve forrar a caixa.

Empregando-se goma-laca, a superfície listrada é batida com a ponta de um prego, dando a impressão de tecido espesso; o forra-se a caixa com cetim sór de ouro.

A tampa é presa à caixa, na parte posterior, com duas pequenas dobradiças douradas. Na parte anterior coloca-se um fecho dourado.



Exercícios PARA TODOS OS GRAUS

Sempre A

Prof.ª Alda Aguiar Valente

Preencha os lugares em branco, de acordo com as sugestões abaixo:

A	—	—	—	—	—	—	—
—	A	—	—	—	—	—	—
—	—	A	—	—	—	—	—
—	—	—	A	—	—	—	—
—	—	—	—	A	—	—	—
—	—	—	—	—	A	—	—
—	—	—	—	—	—	A	—
—	—	—	—	—	—	—	A

- 1) Rio do Brasil.
- 2) Grupo de ilhas do mar Mediterrâneo.
- 3) Que diz respeito ao estado de Alagoas.
- 4) Estado do Brasil.
- 5) Algoz, verdugo.
- 6) Rio do Brasil Central.
- 7) País da América do Sul.
- 8) Pássaro vulgarmente conhecido pelo nome de ferreiro.

Respostas: 1) — Amazonas. 2) — Baleares. 3) — Alagoano. 4) — Maranhão.
5) — Carrasco. 6) — Araguaia. 7) — Paraguai. 8) — Arapanga.

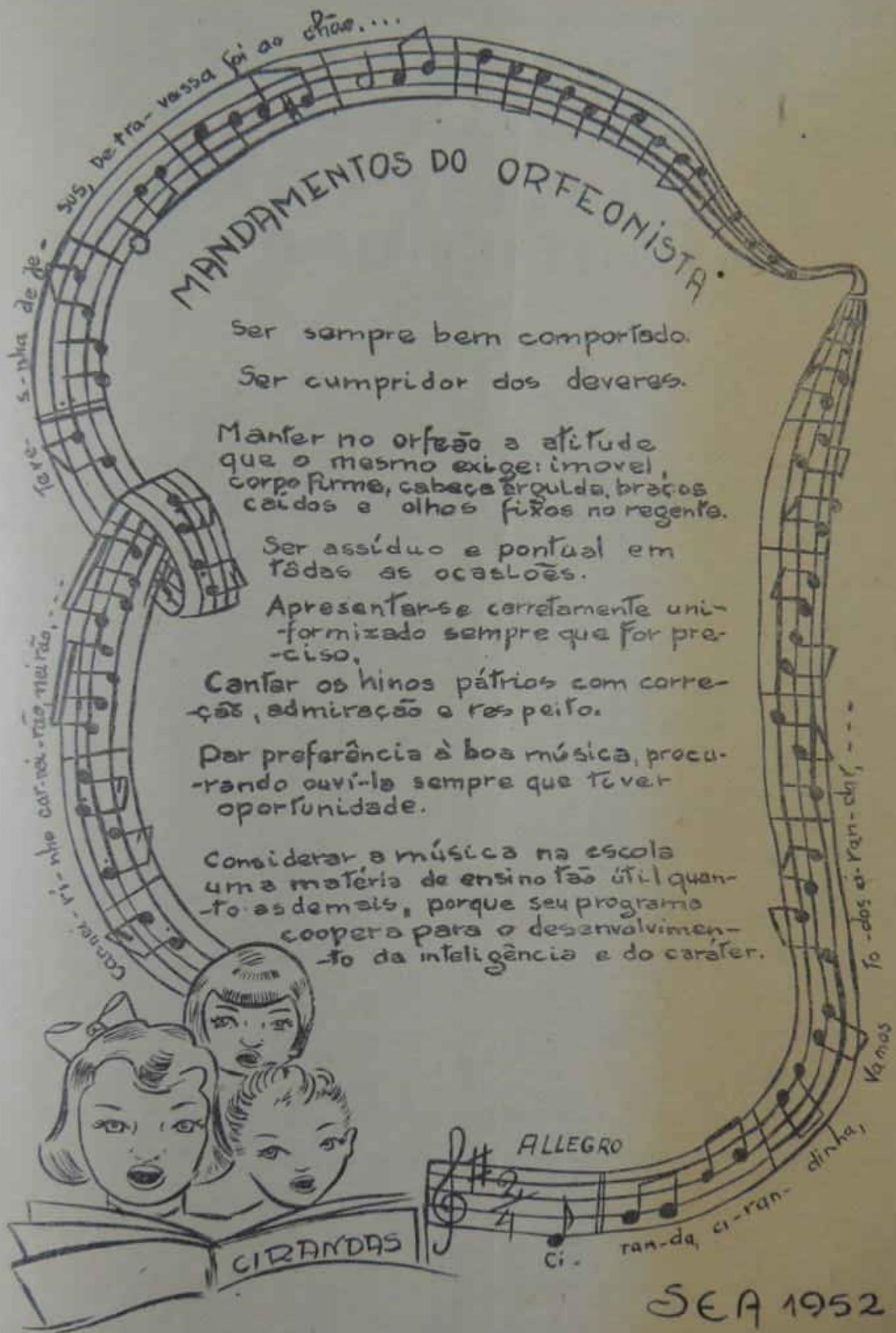
Três letras

1		
2		
3		
4		
5		
6		
7		
8		
9		
10		
11		

- 1) Habitação dos índios.
- 2) Doar.
- 3) Costume.
- 4) Prende.
- 5) Pedra do altar.
- 6) Pronome pessoal.
- 7) Casa, habitação.
- 8) Advérbio de lugar.
- 9) Fruta.
- 10) Pronome possessivo.
- 11) Nome de mulher.

N. B. — O enigma estará certo, se, na coluna vertical do centro, der certo, o nome do poeta da Escravatura.

Respostas: 1) *Ova*. 2) — *Dor*. 3) — *Uso*. 4) — *Até*. 5) — *Ara*. 6) — *Nós*.
7) — *Lar*. 8) — *Ali*. 9) — *Uva*. 10) — *Meu*. 11) — *Isa*.



SEA 1952

EDUCAÇÃO FÍSICA

A EDUCAÇÃO FÍSICA NO ESTADO DE MINAS GERAIS

J. F. TARGA

Técnico de Educação Física

A Educação Física em Minas Gerais promete tomar um grande impulso, pois surgiram no ano passado, ao mesmo tempo, duas Escolas de Educação Física, com a finalidade de formar professores de Educação Física e técnicos desportivos, que irão orientar as escolas e clubes do Estado. Uma escola foi instalada pelo Governo e a outra pelas Faculdades Católicas Reunidas.

A Escola de Educação Física do Estado de Minas Gerais, reconhecida pelo governo federal, através do Ministério da Educação e Saúde, foi criada e instalada no atual governo do Senhor Juscelino Kubitschek de Oliveira, tendo iniciado suas aulas em abril do ano passado, sob a direção do Prof. Ubaldo Moreira Santos Pena, que foi auxiliado muito pelo Prof. Carlos de Campo Sobrinho, da Diretoria de Desportos.

Funciona com instalações esportivas (pista de atletismo e ginástica) no Departamento de Instrução da Fôrça Pública e a parte de voleibol, basquetebol, piscina olímpica e salas para aulas teóricas, no Minas Tênis Clube.

Atualmente, há 4 Cursos: Superior de Educação Física, com duração de 3 anos, Educação Física Infantil, Medicina Especializada e Massagem Especializada, 1 ano de duração.

Acham-se matriculados e freqüentando as aulas cerca de 95 alunos.

A Secretaria da Escola funciona no prédio onde se acha a Diretoria de Esportes da Minas Gerais, à rua Goitacazes, 15 — 6º andar fone 2-6864 — Caixa Postal, 488.

A Escola de Educação Física, de acordo com projeto submetido, no momento, à consideração do senhor Governador do Estado, terá magnífica sede, onde funcionarão todos as suas dependências, junto à pista de atletismo recentemente inaugurada no

Departamento de Instrução da Fôrça Pública do Estado, no Prado Mineiro, por ocasião das disputas dos XI Jogos Universitários Brasileiros.

No mesmo ano de 1952, foi também instalada outra Escola de Educação Física, nas Faculdades Católicas de Belo Horizonte, por iniciativa do Reverendíssimo Sr. Arcebispo D. Antônio Cabral, que doou à Escola a área necessária para suas instalações, as quais vão servir também para a prática dos esportes dos alunos das outras Faculdades. Coube portanto ao clero de Minas Gerais a iniciativa de instalar a primeira Escola de Educação Física numa Universidade Católica na América do Sul. Aliás, outra similar parece que só existe em Ottawa, na Universidade Católica de Ottawa, onde o Diretor da Escola de Educação Física é o Padre Abbé de Montpetit.

É Diretor da Escola o Prof. Silvio Raso, que foi auxiliado pelo Ten.-Cel. do Exército Olavo Amaro da Silveira, que já havia instalado no Rio Grande do Sul o Departamento de Educação Física e a Escola Superior de Educação Física de Porto Alegre, em cuja direção esteve até 1943.

No ano próximo findo funcionou nessa Escola o Curso Superior com três anos, tendo suas aulas teóricas sido ministradas nas próprias Faculdades Católicas e as práticas nos mesmos locais destinados à Escola do Estado, isto é, no Prado Mineiro (Departamento de Instrução da Fôrça Pública) e no Minas Tênis Clube.

São nossos votos que Minas Gerais colha os mais belos frutos dessa louvável iniciativa para que as crianças, a mocidade e a juventude desse futuro Estado tenham, de fato, uma educação integral, isto é, tenham oportunidade de realizar a educação física paralelamente à educação intelectual e moral.

Nossa capa: A fotografia que neste número ilustra nossa capa foiapanhada na Escola de Educação Física do Estado de Minas Gerais.



CURIOSIDADES DA MATEMÁTICA

ELY BORRALHO DE ALBUQUERQUE

Professor-Fiscal, Guanabara

VOCÊ SABIA QUE:

3 vezes 37 é igual a 111
6 " 37 " " 222
9 " 37 " " 333
12 " 37 " " 444
15 " 37 " " 555
18 " 37 " " 666
21 " 37 " " 777
24 " 37 " " 888
27 " 37 " " 999

1 vez 8 mais 1 é igual a 9
12 vezes 8 .. 2 98
123 .. 8 .. 3 987
1234 .. 8 .. 4 9876
12345 .. 8 .. 5 98765
123456 .. 8 .. 6 987654
1234567 .. 8 .. 7 9876543
12345678 .. 8 .. 8 98765432
123456789 .. 8 .. 9 987654321

33 vezes 3367 é igual a 111111
66 " 3367 " " 999999
99 " 3367 " " 333333
132 " 3367 " " 444444
165 " 3367 " " 555555
198 " 3367 " " 666666
231 " 3367 " " 777777
264 " 3367 " " 888888
297 " 3367 " " 999999

1 vez 9 mais 2 é igual a 11
12 vezes 9 .. 3 111
123 .. 9 .. 4 1111
1234 .. 9 .. 5 11111
12345 .. 9 .. 6 111111
123456 .. 9 .. 7 1111111
1234567 .. 9 .. 8 11111111
12345678 .. 9 .. 9 111111111
123456789 .. 9 .. 10 1111111111

A LETRA X...

(Continuação da pág. 50)

pela turma e tiver sido aproveitada em exercícios diversos, a relação de palavras correspondentes

a cada estrofe e que acompanha o presente trabalho.

Cada professor, com a habilidade que lhe é inerente, poderá variar a apresentação das palavras, quando proceder à representação final desta dramatização,

para que, através dos alegres aspectos de tão útil passatempo, seus alunos dominem, com inteira segurança, o uso da letra X, que apresenta, para a criança, certas dificuldades, pelas modalidades de pronúncia que apresenta.

EDUCAÇÃO RURAL



Dia da Árvore

RUTH IVOTY TORRES DA SILVA

Auxiliar-técnica do Centro de Pesquisas
e Orientação Educacional

Desde tempos imemoriais sentiu o homem a grandeza protetora da Árvore. Daí suas primeiras relações com ela terem sido de caráter místico, em que foi considerada um *totem*, defensor do grupo humano. Este aspecto é-nos revelado na mitologia de povos primitivos, nas festas pagãs da Pomona e outras.

A fase religiosa sucedeu-se a utilitarista, quando foi reconhecido o valor intrínseco da árvore, a imensa riqueza que a mesma representa.

A imprevidência do homem, "fazedor de desertos", devastando as matas e, assim, sacando contra o futuro, levou espíritos mais avançados a propugnarem pela sua conservação, do que resultou uma política patriótica, que se devia desenvolver, principalmente, no campo da Educação.

As primeiras realizações no sentido da concretização desses ideais, as chamadas "Festas da Árvore", tiveram lugar na Espanha, no século XVII. Eram festividades populares, das quais constava o plantio de árvores. Mais tarde, nos Estados Unidos, em Nebraska, foi instituído o "Dia

da Árvore", comemoração que depressa se generalizou naquele país.

Como festividade escolar foi introduzida, também nos Estados Unidos, em 1882, por iniciativa da Assembleia Nacional para Conservação dos Bosques que, durante uma solenidade cívica, levou crianças das escolas a realizarem o plantio de árvores.

Não tardou que outros países adotassem a idéia, passando em seguida à França e, em nossos dias, a todo o mundo civilizado.

Para que a comemoração do "Dia da Árvore" alcance, porém, seus altos objetivos, não basta sójam realizadas festividades na escola. É imprescindível formar realmente no aluno, atitude mental favorável às idéias e sentimentos levados em conta ao instituí-lo. É necessário aproveitar todas as ocasiões que se apresentarem e criar novas oportunidades que conduzam o educando a práticas ou experiências e estudos, no sentido de propagar e melhor conhecer o valor e a importância do mundo vegetal. É preciso transformar cada criança, pelo

trabalho permanente que deve impregnar todo o ensino, em verdadeiro defensor da árvore e da natureza, em geral.

Do que serviria plantar uma árvore no pátio da escola, em festivas comemorações, quando as mesmas crianças fôssem destruir as que arborizam as ruas ou os próprios quintais de suas casas?

—o—
Segundo Gonzaga de Campos, a distribuição e características das florestas nacionais, assim se resumem: florestas da zona equatorial; florestas da encosta atlântica; florestas pluviais do interior; florestas ciliares e florestas dos capões.

As florestas da zona equatorial cobrem uma superfície de 300.000.000 de hectares, que constituem na opinião dos técnicos, a mata contínua de maior expansão no universo.

A floresta da encosta atlântica desenha-se do cabo S. Roque até o Estado do Rio Grande do Sul.

As florestas pluviais do interior estendem-se do sul de S. Paulo ao nosso Estado.

Só a floresta amazônica tem, aproximadamente, 2 milhões de km², sendo, sem dúvida, o maior reservatório do mundo. Entretanto, Estados fôr, na Federação Brasileira, que apresentam aspecto bem diferente, ou seja, onde florestas vêm sendo abatidas e destruída essa riqueza cujo valor intrínseco incalculável ainda é superado por funções dela decorrentes, como principalmente a de regular o meio biológico.

Na opinião de Otávio de Ornelas Milanz é o Rio Grande do Sul o Estado que, em relação à superfície, tem menor percentagem de matas por hectare, estimando-a, aquélle autor, em 31,45%. No mesmo trabalho apresenta S. Catarina com uma área florestal de 78,67%, Paraná com 83,37%, chegando a Amazônia a apresentar 91,85%.

Não obstante essas percentagens, de acordo com estatísticas oficiais, a exportação de madeiras é maior nos Estados do sul.

Apesar de possuir nosso País um alto coeficiente de florestas a sua devastação se vem processando gradativamente, desde os tempos coloniais, a começar pelo pau-brasil, então encontrado em abundância, como nos diz a História, e hoje quase extinto, constituindo espécie rara de nossa flora. Só este exemplo seria suficiente para nos alertar no sentido de uma previsão inteligente, em relação às nossas reservas florestais, não só de ação educativa, tendente a formar mentalidade de compreensão do problema, como de fiscalização e assistência técnica aos que as exploram, a fim de que sejam respeitadas as exigências de manter um

coeficiente mínimo de vegetação nas zonas exploradas, com obrigação de replantio em determinadas regiões, onde houve excesso de desmatamento e outras medidas que a moderna técnica indicará.

A nós, educadores, incumbe principalmente, essa grandiosa missão — fazer de nossa criança desvelada guardiã do patrimônio que recebemos e que inteligente e patrióticamente aproveitado, legaremos um dia a outros brasileiros, penetrados do verdadeiro sentido da máxima:

"Quem plantou uma árvore em sua vida, não viveu inutilmente."

IPÉ — Árvore Nacional Brasileira

Continuando a cultuar a árvore, instituiram os países uma "Árvore Nacional". Dessa forma foi o Ipé escolhido, como símbolo, no Brasil, representando sua dourada floração, a riqueza de nosso subsolo e, ao mesmo tempo, com o verde de sua folhagem, as cores de nosso pavilhão.

Há diversas variedades de Ipé, mas à que nos referimos é a vulgarmente conhecida por "Ipê-amarelo", do qual passamos a dar breve notícia botânica.

Nome científico — TECOMA LONGIFLORA. Bur. et K. Sch.

Família — BIGNONIACEAE.

"Árvore de mediana altura, tronco casquento, casca grossa, gretada e pardacenta, ramos coligios, quando novos, quadrangulares, não comprimidos nas articulações, pulvulen-tomentosos; folhas compostas digitiformes, pecioladas, foliolos 5-7, pecíolo comum, glabro, tenuíssimo, achataido na base e dilatado no ápice em um disco pubérulo; peciúlo do folíolo terminal bastante longo, os laterais quatro vezes menores; lâmina foliar herbácea oval-oblonga ou lanceolada, aguda ou acuminada no ápice, atenuada ou obtusa na base, serrilhada nas margens, lisa na página frontal e na dorsal com chumaços de pelos nos ângulos das nervuras laterais; flores antes da refoliação, dispostas em umbelas multifloras; quando a floração está em pleno desabrochar não se nota uma só folha na árvore; pedínculos e pedicelos ligeiramente cobertos de pelos pulvulen-tomentoso; cálice campanulado, denteado, pulvulen-tomentoso, com 12-14 mm de comprimento; corola grande, campanulada, amarela brilhante, com 8-10 cm de comprimento, lóbulos com margens crimpuladas e pubescentes, de 3,5-5 cm de comprimento."

"Obs.: Habita os flameos ou encostas das montanhas do Rio de Janeiro (serra dos Órgãos e serra da Estréla). Floresce mais ou menos em outubro."

A consciência é o melhor livro que podemos ter e o que mais frequente mente devemos consultar.

Pascal.

EDUCAÇÃO DE ADULTOS

O propósito deste capítulo é discutir alguns dos fatos e princípios básicos de psicologia educacional para construir um sistema de educação de adultos. As bases psicológicas sobre as quais as crianças e adolescentes são tratados devem sofrer alguma modificação e alguma extensão. Há alguma razão para a crença que se vai generalizando de que a ênfase foi mal colocada com respeito à idade ótima para a educação pessoal. Da mesma sorte, muito relêvo tem sido dado ao adágio: "Não se pode ensinar a cão velho novas artes". Este adágio não é verdadeiro nem para cães, nem para homens. Uma tal filosofia mal concebida encarou a educação como própria sómente para crianças e jovens. Não há ainda nenhuma prova de que dois anos de escola primária fundamental na idade de 6 e 7 anos valham mais do que dois anos nas idades de 40 e 41. Em todos os Estados da União norte-americana aparecem sinais de um despertar quanto à importância e às possibilidades da educação de nível adulto. No presente capítulo não tentaremos descrever tudo que está sendo feito sobre educação de adultos. Encaramos a matéria do ponto de vista do psicólogo educacional que procura uma base sólida para métodos e processos.

RAZÕES PARA ESQUECIMENTO

Não é difícil determinar as razões da grande negligéncia sobre a educação de adultos. Em 1º lugar, por muito tempo os educadores acreditaram no desenvolvimento da vida mental por séries de idades ou épocas. Pensavam eles que as várias funções mentais se desenvolviam em ordem seriada, uma seguindo o seu curso, antes que a outra começasse. Por exemplo: pensavam eles que a idade da memória compreendia desde cerca de 5 até 11 anos, quando declinava, para dar lugar à idade da razão. Esta razão crescia até a maturidade e declinava então com o avanço em anos. Hoje em dia os psicólogos não aceitam esta teoria de desenvolvimento em série das funções mentais. Porém disentem de preferência que as funções mentais se desenvolvem conjuntamente e retêm a sua eficiência, praticamente, por tanto tempo quanto elas são devidamente exercitadas.

Outra razão para negligéncia é a crença mal fundada que a educação de um indivíduo está terminada cerca dos 21 anos, quando a maioria das

pessoas cessam de freqüentar a escola. Os estadunidenses, em média, parecem pensar que o indivíduo está educado se freqüentou o Colégio, conquistou o grau de bacharel em artes ou mesmo possui diploma de grau superior. O portador de grau de artes na universidade medieval não estava sob esta crença. Sabia que não estava educado, porém acreditava que tinha dado o passo inicial nessa direção. Tinha sido sómente iniciado nas artes de escrever, falar e calcular. Era apenas um aprendiz. Não assumia uma atitude de ter terminado uma jornada, a respeito da qual ele podia meditar através dos anos decorrentes da vida adulta. Pelo contrário, ele estava preparado para viver e aprender. Os exercícios que concluem a vida escolar da pessoa foram muito propriamente chamados "comencement". Esta é a época quando se deve estar preparado para aprender na grande escola da vida.

Uma terceira razão para negligéncia é a crença de que ser letrado consiste meramente na habilidade para ler e escrever uns poucos e simples parágrafos ou narrativas e falar com alguma facilidade. Com este pobre equipamento muita gente tem procurado emprego ou meio de vida, enquanto estejam desaparelhados para a vida, num Estado de alto governo ou qualquer outra forma de sociedade moderna. Sobre qualquer estrita definição de "letrado" a proporção de analfabetos, em qualquer Estado moderno, seria alarmantemente elevada.

NECESSIDADE DA EDUCAÇÃO DE ADULTOS

Há grande evidência de que a educação é necessária entre adultos estadunidenses. Os adultos são, em maioria, apenas amadores em assunto de compras, investimentos e escrituração de simples contas. Não fôr pelas leis regulando as vendas e companhias de investimentos, a situação seria imensamente pior. Há uma grande necessidade de inteligências desenvolvidas, com referência à qualidade de gêneros manufaturados e nos processos pelos quais a mercadoria inferior é colocada no mercado. A ignorância da química é tão grande que deve haver leis severas para garantir gêneros saudáveis e drogas puras, relativamente. Ainda mesmo os mais simples artigos de comércio devem ser rotulados para mostrar a percentagem de adulteração.

ração ou variação dos padrões. A ausência de semelhantes rótulos pode indicar adulteração. O grupo grande e comum de pessoas desocupadas pode ser apresentado como uma segunda linha de prova. As pessoas que terminaram seu curso de educação para aprender um pequeno negócio encontram-se como adultos totalmente incapazes de se adaptarem às mudanças industriais. Daí resulta que quando as suas aptidões altamente especializadas e localizadas são abolidas ou sobrepujadas por máquinas, elas se incorporem às fileiras dos desempregados e talvez inempregáveis.

Uma terceira razão de necessidade da educação de adultos é o estado de analfabetismo. O Escritório Federal do Censo informou sobre o número de pessoas de idade que freqüentaram escolas em vez da percentagem das pessoas chamadas "analfabetos". Os alfabetizados não significam mais do que mera habilidade para ler e escrever.

Uma quarta necessidade é evidenciada pela população das prisões e pela crescente população das instituições para doentes mentais. Quando as realizações da pessoa não correspondem a seus desejos, o sentimento resultante da falência pessoal pode causar conflito mental e igualmente tendências criminosas. Em muitos casos a causa da falha foi um pobre fundamento educacional, o que impede uma pessoa de ajustar-se a trocas de condições sociais. Uma pessoa bem-educada deveria saber que a carreira do crime não paga a própria forma de salário. De fato, as pessoas educadas têm menos necessidade de vencer na vida por meios criminosos, do que uma pessoa não educada.

A prova final se encontra nas condições de insanidade que prevalecem em muitas partes de qualquer sociedade moderna. Semelhantes condições são positivamente correlacionadas com o analfabetismo. As condições de vida são mais saudáveis entre os que compreendem a natureza da alimentação e os meios pelos quais as doenças se espalham. Isto não quer dizer que o povo sempre faga tão bem quanto sabe a este respeito. Porém, quer dizer que, provavelmente, elas não farão pior do que sabem.

CONCEITO DE EDUCAÇÃO DE ADULTOS

Devido à imensidão de problemas de educação de adultos é difícil formular uma definição prática. Nas tribos primitivas a educação de adultos assumia a forma de cerimônia de iniciação, pelas quais as pessoas eram introduzidas entre os maiores e os líderes do grupo. É claro que semelhante educação se propunha sólamente a sustentar os costumes estabelecidos e a solidariedade do grupo, em vez de preparar indivíduos para melhorar condições sociais e elevá-los a novo padrão de vida.

Muitas pessoas definem a educação de adultos como a que inclui toda a educação e treino exercido por pessoas no curso ordinário da vida e que sólamente empregam uma parte de seu tempo em seguir um equipamento intelectual adicional. Faz-se essencialmente o ponto de vista sustentado por

Bryson. Esta definição exclui todas as crianças das escolas públicas e todos os estudantes seguindo cursos regulares em "colleges", universidades e institutos tecnológicos. Outra maneira de definir o termo é dizer que a educação de adultos é a educação obtida através de estudos sistemáticos e voluntários por adultos para o próprio aperfeiçoamento, não se destinando primariamente em corresponder às exigências para graus, ou requisitos legais para licenças e certificados.

Tem persistido uma idéia que há um estigma ligado a qualquer programa de educação que aparente ser corretivo ou para remediar. Este ponto de vista baseia-se na errada suposição de que a educação de adultos está meramente produzindo na vida do homem, aquilo que ele deixou de fazer na juventude. Ignoram os fatos de uma continua necessidade de esforço educacional para todos que desejarem fazer o melhor, na sociedade contemporânea e na vida econômica. Uma pessoa pode sentir-se demasiado velha para ir à escola, se significa a escola pública ou semelhante. Talvez se requeiram novos títulos para dar dignidade própria e prestígio a programas de educação de adultos. Na verdade a educação de adultos é agora condizida sob vários títulos.

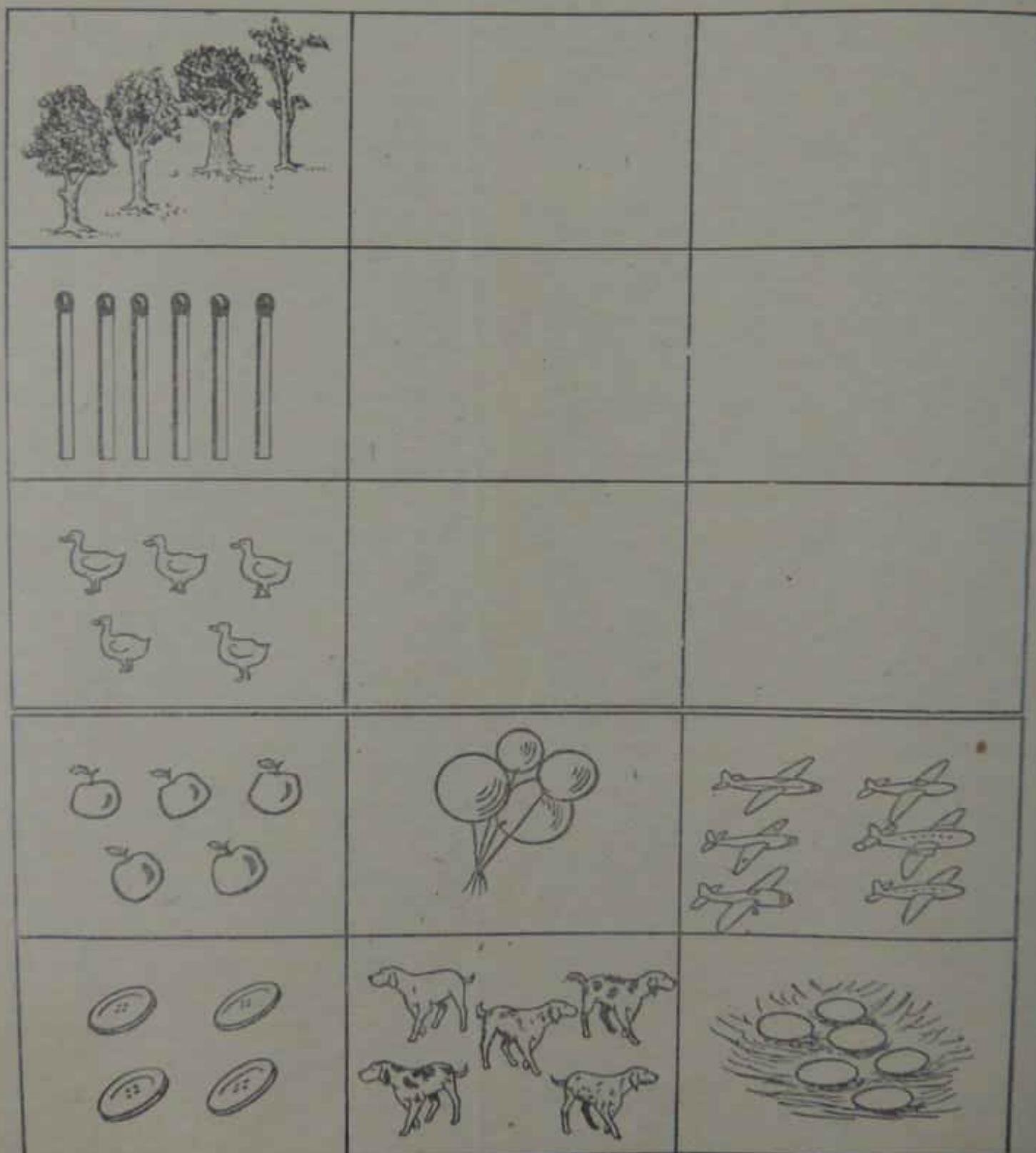
OBJETIVOS DA EDUCAÇÃO DE ADULTOS

Não existe uma filosofia uniforme sobre educação de adultos. Isto é natural uma vez que as necessidades dos adultos são tão variadas e se estendem sobre todo o desenvolvimento da vida. Pode-se dizer que a educação de adultos, como educação regular e educação geral em nossas escolas tem tanto um propósito individual como um fim social. O desenvolvimento intelectual do indivíduo adulto é tanto um meio de divertimento como um meio de melhorar sua situação econômica. A educação de adultos subordinada a estados e municipalidades é um meio de expandir o controle social.

A educação de prisioneiros e imigrantes é essencial para manter a solidariedade do grupo e o padrão de cultura geral. Muitos pensam que a educação de adultos é meramente um paliativo. Eles sustentam o ponto de vista que os adultos quando passado o período usual da escolaridade formal, necessitam para preencher certas lacunas, de preparação para viver na moderna sociedade. O processo de preencher lacunas pode tomar formas diversas. O principal é que para encontrar a vocação de uma pessoa é necessário ele estar entretido numa ocupação remunerada. Neste caso se requer a melhoria pessoal para conseguir um emprego, ou conseguir promoção. Numa sociedade industrial a necessidade para maior informação e treino básico como consumidor é acuradamente sentido. Outro requisito necessário para preencher lacunas, diz respeito às obrigações de cidadania, à saúde, nos cálculos de taxas de renda, ao equilíbrio familiar, à jardinagem, à fazenda e aos vastos campos de apreciação, na arte, na música, na literatura, na religião e na conduta humana.

NOÇÃO DE NÚMERO

Recortar os retângulos abaixo na página e coloca-los nos quadros em branco, ao lado do que tenha igual número de objetos.





Prof. F. G. GAELSER
Prof. m. E. S. E. P. R. G. S.
Dir. do Dep. de Recreção
Púb. da Pref. do P. Alegre.

RECREAÇÃO E SEU PLANO DE AÇÃO

No estudo da recreação devemos partir de seu ponto básico, que é o universalismo do impulso recreativo.

1 — E assim as atividades recreativas, voluntárias por exceléncia, são executadas pela alegria e pela satisfação que elas produzem.

2 — Desta forma vemos, que sendo a Recreção um impulso básico, ela é veículo na transmissão das tradições da raça; ela é formadora de uma cidadania prestante; por isto é dever e obrigação das municipalidades o provimento de programas recreativos, da mesma forma como aparelha as escolas e cuida da segurança dos cidadãos.

3 — Para a execução deste empreendimento é necessário levar em consideração certas leis fundamentais. A Recreção é um meio de expressão da personalidade, sempre necessário a cada indivíduo. E a fim de que possamos desenvolvê-la, devem existir Parques, Jardins de Recreio e Recantos Infantil. Necessários são também as piscinas, praias balneárias, os estádios, os campos, as canchas e os aparelhos; bem assim como os equipamentos e materiais que estabeleçam um meio ambiente favorável no desenvolvimento dos programas. Porém acima de todos as preocupações deve estar a escolha de uma boa direção, em todas as faces da programação. E esta que lhe dá vitalidade e que se preocupa em criar entre o povo a alegria e a riqueza de uma vida saudável. Para isso devemos ter uma organização governamental que eficientemente estruture um plano de ação que torne possível a participação de todos os componentes da comunidade na obtenção das oportunidades e dos benefícios de uma recreação dirigida.

4 — Os programas das atividades variam de conformidade com os desejos e as possibilidades de cada aglomerado, obedecendo no entanto, tudo a uma plataforma, dentro dos cânones e das leis fundamentais de um plano de ação da Recreção Pública, que são as seguintes:

1 — Um recreacionista especializado para cada comunidade de 10.000 habitantes.

2 — Que a programação das atividades seja para os 12 meses do ano.

3 — Toda Comunidade é responsável; portanto, deverá haver uma taxa cobrada por meio de uma repartição pública.

4 — Deve ser estabelecido por lei e decreto o direito do povo, em obter um órgão próprio para Recreção.

5 — Além da organização municipal, há necessidade de organizações particulares que cuidem da Recreção.

6 — Deve haver interesse, não só de manter atividades, mas, também, no preparo do povo em usar as horas de lazer, sempre e em toda parte.

7 — A Recreção não serve só para preencher horas de lazer, mas também para criar cidadãos ativos e felizes, cheios de energia.

8 — Deve-se começar com atividades de praças de recreação e, depois, entrar em atividades culturais: drama, bibliotecas, jardins de infância, nulas, conferências, etc.

9 — Toda pessoa deve aprender algum jogo, para usá-lo, quando se lhe oferecer ocasião.

10 — Canções, também, devem ser ensinadas.

11 — Todos os empregados devem ter suas horas de reparação recreativa.

12 — Por meio destas horas, deverão aprender a apreciar a parte bela da vida, com as amizades e o companheirismo, que delas advirão.

13 — Os adultos, por meio do programa de recreação, devem encontrar interesses comuns, para com eles servir ao próximo.

14 — Toda escola nova deverá prover o espaço necessário para a recreação saudável de seus alunos.

15 — Toda nova escola deverá ter um auditório para o uso da comunidade.

16 — Caso não haja na Escola um Auditório, deverá ser construído pelo próprio povo um Centro Cívico Social.

17 — Toda criança deve encontrar, em um raio de 500 metros, alguma unidade de Recreção.

18 — Toda comunidade deve ter áreas livres e campos para jogos de Futebol, piqueniques, etc.

19 — Toda Comunidade deve ter seus locais para natação, bem assim como locais fechados para as atividades de inverno.

20 — Toda criança deve ter a oportunidade de ver e apreciar a natureza em seu desenvolvimento.

21 — Nos novos agrupamentos imobiliários, de toda cidade, deverá ser reservado 10% de sua área, para a Recreção.



Orientação e Ensino

SEMANA DA ASA

Prof.^a NELLY CUNHA

Orientação de

CECY CORDEIRO THORFEHRN

I — OBJETIVOS DO PROFESSOR:

1. Dar maior desenvolvimento ao vocabulário da criança.
2. Favorecer o treino da Composição.
3. Permitir o conhecimento de vultos e feitos notáveis da Aviação Brasileira.
4. Dar noção de escala.

II — OBJETIVOS DA CRIANÇA:

Construção de um aeródromo, em miniatura.

III — ATIVIDADES PREVISTAS:

Como se aproximasse a "Semana da Asa", as próprias crianças escolheram o que fariam para comemorá-la. Diversas sugestões foram apresentadas e debatidas, tendo sido escolhida a construção de um aeródromo, em miniatura. Escolhido o trabalho, trataram de sua execução, sendo necessário pesquisar: tipos de aviões, hangares, etc.

Durante a confecção dos aviões, preparo do campo e demais atividades, surgiram várias noções, de caráter prático algumas, outras que foram necessárias pesquisas intensas para seu perfeito conhecimento.

A Matemática foi muito empregada em problemas práticos sobre:

- a) a superfície do campo de aviação (escala).
- b) problemas sobre frações ordinárias e decimais, utilizados em cálculos de rotas e distâncias percorridas por aviões.

A Linguagem escrita e oral foi desenvolvida em:

- a) frases,
- b) apreciações,
- c) debates,
- d) escrita de convites, etc.

Neste projeto a parte de Ciências físicas teve amplo desenvolvimento em questões práticas como:

- a) a ação do calor sobre os corpos — quando derretem as asas de Icaro;
- b) altitude;
- c) os barômetros;
- d) peso do ar; pressão atmosférica;
- e) força de gravidade, noção de mais leve e mais pesado que o ar. (Experiências de Santos Dumont)
- f) os aeróstatos.

Houve em aula um concurso de pandorgas. Excursão a um campo próximo onde os alunos soltaram suas pandorgas, verificando porque estas subiram.

Uma vez construído o aeródromo, com seus aviões de cartolina, pousos para os aparelhos, hangares, etc., tratou, a classe, da organização do programa da festa para a inauguração do mesmo. Surgiram várias atividades, tais como:

- escolha de poesias, frases, redações;
- ornamentação da sala de aula;
- convites à direção, professores e colegas; enfim, múltiplos trabalhos, tendo sido o seguinte o programa da festinha realizada:

1. Abertura das solenidades — explanação dos trabalhos realizados.
2. Leitura das melhores frases sobre aviação, de acordo com um concurso organizado em aula.
3. Leitura de uma composição: A lenda de Icaro.
4. Apresentação de um desenho com linhas quebradas e curva inspirada no Labirinto de Dédalo.
5. Inauguração do campo aviatório em miniatura — Santos Dumont — homenagem do IV ano a todos os heróicos aviadores brasileiros.

* ORGANIZAÇÃO DO ENSINO *

Existe articulação entre o ensino primário e o ensino secundário no Brasil?

I

Prof.º GERCY DE C. COSTA
Formada em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia da Universidade do R. G. S.

Apesar das sucessivas reformas, processadas sem a necessária experimentação prévia, não há no Brasil — e essa é uma das graves falhas no sistema da educação nacional — uma articulação entre os diversos níveis do ensino.

Desejável e proveitoso seria se articulasse a escola primária, estreitamente, pela base, com o jardim de infância e, por cima, com a escola secundária, de tal sorte, que não houvesse, na vida escolar do educando, possibilidade para traumas e desajustamentos pedagógicos, por ocasião da passagem de um para outro nível.

Tal não acontece, porém, entre nós: o ingresso à escola secundária se faz através de um exame de admissão, ao qual se deve submeter o candidato, depois de satisfazer uma série de exigências legais.

Situado o problema, estudaremos os objetivos específicos do ensino na escola primária e na escola secundária; veremos, depois, como procuraram alguns países resolver o assunto; finalmente, apontaremos algumas sugestões para o nosso caso.

Objetivos do ensino na escola primária

A escola primária é, em nosso país, a instituição educativa básica e a única acessível a todos, embora já exista legislação sobre a gratuidade do ensino secundário e superior.

Cabe-lhe, por isso, fornecer o alicerce cultural dos estudos de humanidades da escola secundária, bem como a base pré-vocacional da escola técnica. Evidencian-se, assim, o caráter comum e não especializado de suas funções. Acima das escolas secundárias e das escolas técnicas, coloca-se a escola superior de cultura desinteressada ou de especialização profissional.

A vitalidade, a eficiência e o desenvolvimento de um sistema de ensino dependem, em grande parte, da articulação íntima e orgânica entre todas as suas instituições.

Com a complexidade da vida social moderna, ampliou-se a função da escola primária, que já não quer apenas ensinar a ler, escrever e contar, mas deve atingir certos objetivos bem definidos, como:

- dar ao aluno uma visão geral do mundo, das coisas e da vida;
- proporcionar-lhe uma cultura básica;
- preparar e favorecer o desenvolvimento de sua personalidade.

Realmente, além de mais extenso é também mais profundo o seu papel; maiores são as suas responsabilidades: à formação física, intelectual e moral deve acrescentar a formação harmônica da criança, no seio da comunidade, proporcionando-lhe todos os elementos para que se possa tornar um fator de progresso individual e social.

Assim, não se limita a "instruir" a criança, mas procura "educa-la integralmente", isto é, visa oferecer à criança condições favoráveis ao seu pleno e saudoso desenvolvimento físico, mental e espiritual.

Sua função educativa é básica e geral; não representa um órgão de formação especializada; não é uma instituição privativa de certas classes — é um instrumento de ensino comum e tem por finalidade oferecer idênticas oportunidades educativas a todos os membros da comunidade.

Além disso, a escola primária não é um curso de transição: não visa preparar o educando para os graus superiores do ensino, mas sim promover e auxiliar a formação integral de sua personalidade.

Provam as estatísticas que a grande massa da população escolar interrompe seus estudos, com a conclusão do curso primário, principalmente nas zonas do interior, onde cedo as crianças são chamadas a colaborar, com o seu trabalho, nas atividades dos adultos.

Instituição social por exceléncia, a escola primária deve identificar-se com a sociedade que a rodeia, modelando-se de acordo com os caracteres específicos de cada região, uma vez que sua finalidade fundamental é "servir às necessidades peculiares do meio imediato e do grupo social a que pertence a criança". A escola primária não é, pois, um aparelho mecânico, rígido e inflexível; é, segundo T. M. Santos, "um organismo vivo capaz de se adaptar intimamente às características sociais e econômicas do ambiente regional que o envolve".

Para realizar a formação completa e harmoniosa da personalidade da criança, a escola primária procura despertar e desenvolver todas as virtualidades que caracterizam, elevam e enobrecem a natureza humana. Essa formação será pronovida:

- a) pela aquisição das técnicas fundamentais de expressão (a linguagem falada e escrita, o cálculo, o desenho e os trabalhos manuais);
- b) pela educação intelectual, transformando a inteligência em instrumento seguro e eficiente para resolver os problemas práticos e especulativos da vida;
- c) pela educação moral, baseada no cultivo dos valores espirituais, visando a formação do caráter e o desenvolvimento da consciência do dever, do espírito de justiça e do sentimento da dignidade e da honra;

- d) pela educação religiosa, inspirada nos ideais do cristianismo e objetivando colocar a criança dentro de uma concepção de vida capaz de orientar sua conduta, no sentido da verdade, da beleza e da bondade;
- e) pela educação cívica, incentivando na criança o amor à Pátria e o culto da língua, da história, da cultura e das tradições nacionais, sem desprezo pela contribuição de outros povos para o patrimônio da civilização universal;
- f) pela educação artística, realizada através da linguagem, do desenho, da modelagem e do canto, despertando na criança o interesse pelas formas estéticas e pelas obras de arte;
- g) pela educação física, visando conseguir pela prática racional de jogos, exercícios, esportes e atividades recreativas, assim como pela formação de hábitos higiênicos, o sadio e completo desenvolvimento físico e mental da criança;
- h) pela educação pré-vocacional, procurando despertar no espírito da criança a noção do valor e da dignidade do trabalho manual, avivar seu interesse pelas atividades técnicas e pelos problemas econômicos, descobrindo suas aptidões naturais, no sentido de orientá-las para profissões que lhe sejam convenientes.

Objetivos do ensino na escola secundária

Segundo Paulo A. Bastide, em seu livro "Formando o Homem", os objetivos do ensino secundário se resumem na "formação do espírito". Mas, que é formar um espírito? Ele responde: "É dar-lhe um arcabouço, um esqueleto, hábitos mentais gerais, certa aptidão para dominar os problemas cujo estudo poderá ser obrigado a abordar. A inteligência do adolescente se caracteriza por sua sede de formação, isto é, de ordem, método, clareza. O adolescente quer ter quadros onde possa ordenar o que aprendeu durante seus anos primários e o que vai aprender durante os anos de especialização." "Nem todos os jovens se apercebem dessa necessidade, até que um professor capaz saiba ir ao seu encontro." "O espírito só pode ser formado por uma cultura geral, ministrada por professores que tenham sido beneficiados por semelhante cultura."

Esse é também o espírito da lei, pois, pelo Decreto-lei n.º 4.244, de 9 de abril de 1942, foi decretada a Lei Orgânica do Ensino Secundário que, no capítulo Iº, estabelece, para o ensino de segundo grau, as seguintes finalidades:

- a) Formar, em prosseguimento da obra educativa do ensino primário, a personalidade dos adolescentes;
- b) Acentuar e elevar, na formação espiritual dos adolescentes, a consciência patriótica e a consciência humanística;

- c) Dar preparação intelectual geral que possa servir de base a estudos mais elevados de formação especial.

No capítulo 4º, tratando da ligação do ensino secundário com as outras modalidades de ensino, diz a Lei Orgânica:

"O ensino secundário manterá ligação com as outras modalidades de ensino pela forma seguinte:

1. O curso ginásial estará articulado com o ensino primário, de tal modo que dêste para aquele o aluno transite em termos de metódica progressão.
2. Estará o curso ginásial vinculado aos cursos de segundo ciclo dos ramos especiais do ensino de segundo grau, para a realização dos quais deverá constituir base preparatória e suficiente.
3. Aos alunos que concluirem quer o curso clássico quer o curso científico mediante a prestação dos exames de licença será assegurado o direito de ingresso em qualquer curso do ensino superior, ressalvadas, em cada caso, as exigências peculiares à matrícula."

No Congresso de Educação realizado em São Paulo, em 1948, foram apresentados dois trabalhos sobre o assunto. Citaremos, resumidamente, os objetivos da educação nacional, segundo o eminentíssimo Prof. Almeida Júnior:

1. Formar e fortalecer a personalidade, respeitando-lhe as características e orientando-as, no sentido do aperfeiçoamento moral e dos altos interesses coletivos.
2. Incentivar o espírito de responsabilidade, de iniciativa; desenvolver o hábito de cooperação.
3. Cultivar o sentimento de solidariedade humana.
4. Infundir conhecimentos; desenvolver aptidões, criar hábitos de higiene, de estudo, de trabalho, de leitura, de recreação saudável. Presentar e aproveitar as vocações.
5. Cuidar da saúde e do robustecimento do corpo, através de exames médicos, de medidas profiláticas; de exercícios físicos.
7. Prestigiar a inteligência e a cultura.

Se acrescentarmos a esses objetivos o de "proporcionar o conhecimento do sentido da vida", que é a formação religiosa, estarão completos e contribuirão para a "formação integral" do educando, uma vez que o objetivo fundamental da educação secundária, sob o ponto de vista humano, é a formação da personalidade e sob o ponto de vista intelectual, é o exercício e o cultivo da inteligência em seus múltiplos aspectos.

(Continua no próximo número)

DRAMATIZAÇÃO

PELOTÃO DE SAÚDE

MARIA DA CONCEIÇÃO
PINTO FERREIRA

Ar Puro

Do Pelotão ideal
De Saúde eu faço parte:
Sou o Ar Puro, um general
Bem maior que Bonaparte.

Água

Todo o mundo e a medicina
Sem mim não podem viver:
Água pura, cristalina
Necessária a todo o ser.

Sol

Astrô-rei como me chama
Sou dos micrões o terror.
Meus raios todos reclamam.
Sol que dá luz e calor.

Medicina

Apresentados, assim,
Da saúde os generais,
Vão, comandados por mim,
os outros oficiais:

Boa Alimentação

Dando saúde e ventura,
Sou a boa alimentação:
Leite, ervas, fruta madura
Não faltem à refeição.

Quarto Arejado

Quem quiser saúde ter,
Ficar robusto e corado,
É sua cana fazer
Em quarto bem arejado.

Exercícios Físicos

Ginástica, todo o esporte,
Com boa orientação
Torna o organismo mais forte
E ativa a circulação.

Não cuspir no Chão

Revela falta de asseio
E também de educação
Aquél que sem receio
Escarra ou cospe no chão.

Banheiro

Da Água, general ativo,
Sou ajudante de valor:
Banheiro, a todos eu sirvo,
Quer faça frio ou calor.

Sabonete

Perfumadinho e elegante
Eis-me aqui todo imponente:
Sabonete que garante
A limpeza permanente.

Escóva

Quer de dentes ou de roupa
A higiene sirvo de fato
O asseado não me poupa:
Escovo até seu sapato.

Pente

Sou o pente que grosso ou fino
Ninguém pode dispensar.
Do mais modesto ao grã-fino
Todos me devem usar.

Tesoura

Cabelo bem aparado,
Unha também cortadinha
É o que faz com bom cuidado
A tesoura ou tesourinha.

Lenço

Toda a pessoa educada
Que tem asseio e bom senso
Mesmo que saia apressada
Nunca se esquece do lenço.

Canequinha

O escolar bom e correto
Que jamais perdeu a linha,
Nunca deixou, isto é certo,
De ter sua canequinha.

Guardanapo

Todo o menino asseado,
Inteligente e guapo
Leva seu lanche embrulhado
Sómente no guardanapo.

Medicina

Agora, pra terminar,
Vamos com satisfação
A boa higiene elevar
Um viva, numa canção:

Salve, higiene que conduz
A vida feliz e pura!
Salve, amada de Jesus
Que dá saúde e ventura.

(Na pg. seguinte a música)

DIRETRIZES...

(Continuação da pág. 16)

- 1) Em torno de uma idéia central: (oral e escrito).
 - a) Enumerar os objetos existentes na aula.
 - b) Enumerar material escolar (livro, lápis, caderno, etc.).
 - c) Enumerar os utensílios domésticos.
 - d) Enumerar os nomes dos lugares onde se prendem ou guardam animais (gaiola, viveiro, canil, aquário, etc.).
 - e) Enumerar nomes de profissões.
 - f) Enumerar nomes de brinquedos.
 - g) Enumerar nomes dos parentes.
 - h) Enumerar nomes de alimentos.
 - i) Enumerar os nomes dos livros de história que já leram.
 - j) Enumerar os nomes dos filmes assistidos.
- 2) Escolher palavras que constituam parte de um todo. Exemplo:
 - a) *livro — substantivo*: livro, texto, volume, obra, autor, escritor, editor, tomo, exemplar.
 - b) *adjetivo*: novo, velho, médio, lindo, ilustrado, agradável, útil, recreativo, impresso.
 - c) *verbos*: ensinar, ilustrar, instruir, entretem, deleite, recreia, distrai.
- 3) Dado o todo buscar algumas das partes componentes:
 - a) *calendário*: meses, semanas, dias, etc.
 - b) *pão*: farinha, fermentos, leite, sal, ovos.
- 4) Que posso fazer com:

Papel, fazenda,
- 5) Que posso pôr em:

Uma cesta?
Um saco?
Um copo?
Uma garrafa?

6) Jogo de perguntas relativas aos assuntos estudados ou a pessoas conhecidas:

- a) Quem faz sapatos?
- b) Quem vende verduras?
- c) Quem solda as panelas?
- d) Quem faz vestidos?

COMO ENSINEI...

(Continuação da pág. 40)

de Medidas e Eficiência Escolares, formam os alunos submetidos aos testes de 2.º ano, registrando-se o seguinte resultado: nas turmas de 2.º ano, a média de pontos obtidos pelos alunos foi de 20,85, na turma forte e 14,95, na turma fraca. Nossa turma alcançou a média de 16,90. É certo, porém, que a amplitude na variação dos resultados das turmas de 2.º ano foi menor, como deveria ser. Nossa 1.º ano, depois de oito meses letivos estava em condições de ser um ótimo 2.º ano — não um 3.º.

CONCLUSÃO

De tudo se conclui porém, que a seleção dos alunos foi muito proveitosa. Tornou o trabalho muito fácil aos alunos e à professora. A própria disciplina tornou-se tão natural, que não houve necessidade de qualquer preocupação com ela. Parece que isso era devido à possibilidade que tinham os alunos de vencer os exercícios propostos, sem grande fadiga e dificuldade.

A comparação dos resultados da aprendizagem, com a turma fraca ou com a turma média, demonstrou, em qualquer parte do ano, que o progresso de nossos alunos era maior, não pelo tipo de ensino ou qualidades especiais da professora, mas pelas condições dos alunos selecionados.

Não parece haver dúvida em que os Testes A B C atendem aos seus objetivos.

VERSO INDISPONÍVEL

